



**Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP**  
**Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas – ICSA**



## **Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting:**

Um estudo de “Caso Evandro”

**João Vitor de Almeida Brito Alves**

**Mariana**  
**2021**

João Vitor de Almeida Brito Alves

**Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting:**

Um estudo de “Caso Evandro”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação e Temporalidades.

Linha de Pesquisa: Interações e Emergências da Comunicação.

Orientador(a): Profa. Dra. Debora Cristina Lopez.

Mariana  
2021

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

A474a Alves, João Vitor De Almeida Brito.  
Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting  
[manuscrito]: um estudo de "Caso Evandro". / João Vitor De Almeida Brito  
Alves. João Vitor de Almeida Brito Alves Alves. - 2021.  
100 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Debora Cristina Lopez.  
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação.  
Área de Concentração: Comunicação e Temporalidades.

1. Ciências sociais - Metodologia. 2. Mídia digital. 3. Registros sonoros.  
I. Alves, João Vitor de Almeida Brito Alves. II. Lopez, Debora Cristina. III.  
Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 316.77

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**João Vitor de Almeida Brito Alves**

### **Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting: Um estudo de “Caso Evandro”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2021

#### Membros da banca

Prof.(a). Dr.(a) Debora Cristina Lopez (Orientador(a) e Presidente) – Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.(a). Dr.(a) Claudia Irene Quadros - Universidade Federal do Paraná - UFPR Universidade Federal Fluminense

Prof.(a). Dr.(a) Marcelo Freire Pereira de Souza - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof.(a). Dr.(a) Debora Cristina Lopez orientador(a) do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 29/04/2022



Documento assinado eletronicamente por **Debora Cristina Lopez, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/04/2022, às 14:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0317055** e o código CRC **899E9D13**.

*Em vários momentos, você passará pelo que eu passei nesses  
últimos dois anos em que venho pesquisando esta história.  
E chegará ao final se questionando como a realidade é frágil.  
(Ivan Mizanzuk, sobre a quarta temporada,  
Caso Evandro, do Projeto Humanos).*

## RESUMO

Neste trabalho, temos como objetivo analisar a estrutura da narrativa sonora presente no podcast “Caso Evandro”, a quarta temporada do *Projeto Humanos*. O programa narra os acontecimentos que permeiam o assassinato de Evandro Ramos Caetano, criança e morador de Guaratuba, Paraná, em um suposto ritual de magia negra no início dos anos 90. Junto ao narrador e criador do podcast, Ivan Mizanzuk, o ouvinte levado a conhecer ambos os lados desse crime, para assim julgar se a filha e a esposa do prefeito da cidade, Beatriz e Celina Abagge, são realmente culpadas ou não. Neste processo pela busca da verdade, o sujeito vivencia experiências que estão alocadas dentro da organização narrativa a partir de enunciados sonoros. Para compreender este processo, tensionamos a natureza das pesquisas lineares em comunicação; abordamos a multidisciplinaridade nos estudos sonoros; conceituamos a experiência sonora e o seu processo de circunscrição no sujeito e refletimos sobre a consolidação do conceito e do formato podcast. A nossa metodologia é uma adaptação entre a Análise Estrutural da Narrativa e a Análise Descritiva. A Análise Estrutural da Narrativa classifica e descreve níveis funcionais que estão presentes ao longo de sua organização, mantendo aquela estrutura. A Análise Descritiva permite evidenciar as relações entre as variáveis neste processo. Este estudo esmiúça a organização narratológica do podcast com o propósito de identificar quais são os enunciados sonoros e que funções eles possuem na narrativa. Ao final, cruzamos este processo metodológico com o campo sonoro, com o intuito de compreender também os efeitos dessa organização narrativa sonora no ouvinte.

**Palavras-chave:** Mídia Sonora; Podcast; Metodologia; Paisagem Sonora; Projeto Humanos; Caso Evandro.

## ABSTRACT

In this work, we aim to analyze the structure of the sound narrative present in the podcast “Caso Evandro”, the fourth season of the Human Project. The program narrates the events that permeate the murder of Evandro Ramos Caetano, a child and resident of Guaratuba, Paraná, in a supposed ritual of black magic in the early 90s. Together with the narrator and creator of the podcast, Ivan Mizanzuk, the listener seeks to know both sides of this crime, to judge whether the daughter and wife of the mayor of the city, Beatriz and Celina Abagge, are really guilty or not. In this process for the search for truth, the subject experiences experiences that are allocated within the narrative organization based on sound statements. To understand this process, we tension the nature of linear research in communication; we approach multidisciplinary in sound studies; We conceptualize the sound experience and its circumscription process in the subject; and we reflected on the consolidation of the concept and the podcast format. Our methodology is an adaptation between Narrative Structural Analysis and Descriptive Analysis. Structural Narrative Analysis classifies and describes functional levels that are present throughout your organization, maintaining that structure. Descriptive Analysis allows to evidence the relationships between variables in this process. This study breaks down the narratological organization of the podcast in order to identify which are the sound statements and what functions they have in the narrative. In the end, we crossed this methodological process with the sound field, in order to also understand the effects of this sound narrative organization on the listener.

**Keywords:** Sound Media; Podcast; Methodology; Sound Landscape; Human Project; Evandro case.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, não posso deixar de agradecer à minha orientadora, Professor Doutora Debora Cristina Lopez, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho e na minha vida acadêmica. Você é a principal responsável pela construção do meu eu pesquisador, e eu não poderia estar mais feliz por isso. Hoje sou um pesquisador de Rádio e Mídia sonora. Obrigado.

Desejo igualmente agradecer a todos os meus colegas do mestrado, especialmente o Janderson Silva, cujo apoio e amizade estiveram presentes em todos os momentos. Continuo com a convicção que você foi um cristalzinho que “Mariana” me deu. Obrigado.

Sou eternamente grato a presença e apoio do meu amor, Marcel Felipe Alves de Souza. Você foi um pilar fundamental neste processo. Você sempre acreditou em mim. Obrigado.

Agradeço aos meus orixás e guias. Só vocês sabem o quanto eu pedi forças para dar conta desta jornada. Obrigado.

Por último, quero agradecer à minha mãe, Vera Cardoso de Almeida Santana, pelo apoio incondicional. Você leu e estudou comigo quando nem eu mesmo não tinha esperanças de enxergar o presente. Você não poupou esforços para abrir os meus olhos. E eu abri, e o presente já se demonstrou pequeno diante ao futuro que me aguarda. Obrigado. Obrigado e Obrigado.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1. O SOM COMO EXPERIÊNCIA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO, NO SUJEITO E NO PODCAST .....</b>	<b>11</b>
1.1. Ruptura com os modelos de pesquisas lineares na comunicação: em direção à pesquisa interdisciplinar nos estudos sonoros .....	11
1.2. A interdisciplinaridade no campo dos estudos sonoros.....	14
1.3. O Orquestrador de Emoções no Enunciado Sonoro: processos que influênciam o som como experiência.....	16
1.4. A construção de representações da experiência em um ouvinte modelo.....	20
1.5. A consolidação do podcast: o conceito, suas ondas e transformações .....	24
1.6. Podcast narrativo.....	28
1.7. Serialização no podcast.....	30
<b>2. PROCESSOS METODOLÓGICOS EM UM CENÁRIO RÁDIOFÔNICO EXPANDIDO E SONORO .....</b>	<b>32</b>
2.1. O podcast Projeto Humanos .....	34
2.1.1. <i>Piloto, Especiais, Crônicas, Primeira, Segunda e Terceira temporada</i> .....	34
2.1.2. <i>A quarta temporada – O Caso Evandro</i> .....	43
2.1.3. <i>O crime que marcou uma cidade</i> .....	54
2.2. A pesquisa exploratória no áudio: Os caminhos para a escolha de instrumentos para delimitação metodológica.....	59
2.2.1. <i>A Pesquisa Exploratória, o Estudo de Caso e a Análise de Conteúdo</i> .....	59
2.3. Análise Estrutural da Narrativa Sonora: uma adaptação metodológica .....	66
2.3.1. <i>Recorte</i> .....	72
<b>3. A ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA SONORA DO “CASO EVANDRO”... 73</b>	
3.1. A Análise por Episódio.....	75
3.1.1. <i>Episódio 01 – Caso Evandro</i> .....	75
3.1.2. <i>Episódio 08 – O Fórum</i> .....	84

3.2. A análise por operador.....	91
3.2.1. <i>Trilha Sonora</i> .....	91
3.2.2. <i>Depoimentos e Entrevistas</i> .....	92
3.2.3. <i>Arquivos</i> .....	93
3.2.4. <i>Provas</i> .....	95
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

As narrativas do mundo são construídas a partir da experiência, pois é por meio delas que, quase em um processo cíclico e “eterno” de viver, organizar e narrar, as vivências são contadas. As narrativas são tão fluidas e presentes quanto a vida (BARTHES, 1972). Além disso, quando organizadas, elas comunicam partes daquele mundo experimentado pelo sujeito e podem assumir formas, quase que infinitas, nas quais se faz presente no dia a dia. Estão nas tragédias, nos mitos, nos livros, nas pinturas, nas fotografias, nas rádios, nos relatos orais, nos sons ao nosso redor, nos textos científicos, nos programas que ouvimos e nas histórias que consumimos. Não há povo sem narrativa. Elas estão por todas as partes, organizadas e atribuindo sentido à nossa existência.

Especificamente no cenário dos podcasts, programas em áudios distribuídos na internet, a construção de narrativas por meio da narração e da descrição tem sido algo recorrente. O Projeto Humanos (2015), programa que conta histórias sobre pessoas reais, explora o *storytelling*, formato que se assemelha a um documentário em áudio, como linguagem e gênero radiofônico. Além disso, o podcast ganhou popularidade entre os ouvintes e o público, reafirmando a sua importância e relevância. A quarta temporada do Projeto Humanos, o “Caso Evandro”, é o *corpus* de análise desta dissertação.

Compreendendo que **este estudo foca em analisar a estrutura narrativa sonora** de um podcast de *storytelling*, uma abordagem multimétodo foi adotada. A **Análise Estrutural da Narrativa Sonora (AENO)** é uma abordagem que se apropria da Análise Estrutural da Narrativa (BARTHES, 1972) e da Análise Descritiva (TRIVIÑOS, 2010) como métodos deste processo. A análise descritiva é acionada no estudo como instrumento para descrever a narrativa sonora no podcast a partir de uma organização narratológica que surge na análise estrutural da narrativa.

Essa vontade de compreender a estrutura narrativa nasceu após algumas inquietações do pesquisador ao escutar pela primeira vez o “Caso Evandro”. Sensações e valores sociais foram acionados após a experiência, dentre as quais se destacam a perda de algumas horas de sono, por conta do conteúdo carregado (e em certa medida, perturbador); o despertar de visões e opiniões sobre como a mídia retrata religiões de matriz africana (com as quais o pesquisador se identifica) em suas notícias; a capacidade de imergir na história, mesmo que nunca tenha ouvido falar sobre o “Caso Evandro” e o despertar de uma impotência em relação às reviravoltas

da história. Além disso, as percepções sobre os estímulos à cultura sensorial visual mudaram após a chegada do irmão mais novo do pesquisador, pois, por se tratar de uma pessoa especial (paralisia cerebral e Síndrome de West), que não se comunica por meio de falas estruturadas e, sim, por ruídos e outros sons, a dinâmica sensorial auditiva em seu ambiente familiar mudou, proporcionando novas percepções e atenções. Portanto, vem daí o desejo de adentrar no campo dos estudos sonoros.

Para chegarmos a tal adaptação, realizamos discussões teóricas e metodológicas que pudessem embasar os nossos estudos. Ao todo, este trabalho está organizado em três Capítulos. No primeiro, **“O som como Experiência no campo da comunicação, no sujeito e no podcast”**, apresentamos os estudos sonoros como um lugar para experimentações. Discutimos a ruptura dos modelos lineares de pesquisa na comunicação (VALVERDE, 2010; FRAÇA, 2003; QUÉRÉ, 1991); a paisagem sonora e a interdisciplinaridade entre áreas (SCHAFER, 2001); a fruição artística e o campo das representações acústicas (ARNHEIM; MEDITSCH, 2005), entre outros temas. Além disso, aproximando a teoria do produto sonoro escolhido, abordamos a popularização do formato podcast (VICENTE, 2018; KISCHINHEVSKY; LOPEZ; BENZECRY, 2020), as suas ondas de transformações (GALLEGO, 2010; KISCHINHEVSKY, 2017; BONINI, 2020), o podcast narrativo (KISCHINHEVSKY, 2017) e a estrutura seriada no podcast (MACHADO, 2000).

No segundo Capítulo, **“Processos metodológicos em um cenário radiofônico expandido e sonoro”**, exploramos os processos que foram escolhidos para propor uma abordagem multimétodo a fim de estabelecer uma investigação a respeito da estrutura narrativa sonora acionada pelo Projeto Humanos nos programas da quarta temporada, o “Caso Evandro”. Eduardo Meditsch, Juliana Gobbi Betti, Marcelo Kischinhevsky são alguns dos autores acionados.

Nas **Considerações finais**, refletimos sobre os caminhos tomados, as dificuldades da pesquisa e as nossas impressões a respeito da aplicação e da adaptação metodológica.

## CAPÍTULO 01

### 1. O SOM COMO EXPERIÊNCIA NO CAMPO DA COMUNICAÇÃO, NO SUJEITO E NO PODCAST

Em seu livro “Afinação do mundo”, o pesquisador dos estudos dos sons, R. Murray Schafer, questiona o leitor sobre qual seria “a relação entre o homem e os sons de seu ambiente” (SCHAFER, 2001, p.18). Essa pergunta, na visão do autor, seria o ponto inicial que nortearia os questionamentos dos pesquisadores da área. E de fato, a vontade de estudar essa relação sonora de afetações múltiplas nasceu em um percurso anterior a esta dissertação, mas, mesmo que as problematizações tenham mudado ao longo da jornada acadêmica, a curiosidade inicial continua permeando da mesma forma.

Neste capítulo, iremos discutir o som e algumas de suas particularidades no campo de estudo proposto. A ruptura dos modelos lineares de pesquisa na comunicação, a paisagem sonora, a interdisciplinaridade entre áreas, a fruição artística, o campo das representações acústicas e a responsabilidade de se criar o efeito desejado, são alguns dos temas. Além disso, aproximando a teoria do produto sonoro escolhido, abordaremos a popularização do formato podcast, as suas ondas de transformações, categorias, o podcast narrativo e a estrutura seriada no produto.

O “Caso Evandro”, a quarta temporada do podcast *Projeto Humanos*, objeto desta dissertação, é um podcast de *storytelling*, formato que se assemelha a um documentário e que contém características do jornalismo narrativo. Esses programas possuem enunciados sonoros capazes de gerar representações no sujeito, processo estético que desloca a experiência entre os campos das emoções possibilitando, assim, um efeito existencial no sujeito.

#### **1.1. Ruptura com os modelos de pesquisas lineares na comunicação: em direção à pesquisa interdisciplinar nos estudos sonoros**

O que de fato são os estudos, ou como se constitui os estudos das Ciências Humanas? Como relacionar a estética a partir deste estudo? Essa é uma questão que Monclar Valverde (2010) inicia ao falar das pesquisas de experiência estética no campo da comunicação em seu texto *Comunicação e experiência estética*. Mas, para nos debruçarmos sobre isso, antes, é necessário olharmos para o modelo epistemológico da comunicação.

A crise do paradigma científico movimentou discussões em diversas áreas do conhecimento, inclusive na área da comunicação. O “paradigma clássico”, marco presente nos estudos apresentados ao longo do século XX, é algo bastante questionável por tratar a comunicação apenas como um processo linear, de caráter informacional<sup>1</sup>, com teor funcional e prático. Apesar do movimento para romper com este tipo de paradigma, França (2003) ressalta que houve uma naturalização desta linearidade, afetando as compreensões no nível do senso comum e a própria pesquisa acadêmica. Apesar de um esgotamento do modelo, as críticas não foram fortes o bastante para validar um novo modelo, mas é justamente neste esgotamento que novas buscas são feitas, possibilitando novos olhares para as áreas de conhecimento e pesquisa.

Em seu texto, Valverde (2010) critica justamente essa forma enraizada da linearidade na academia e nas pesquisas de estética em três níveis. O autor analisa que no âmbito conceitual, ao se pensar a pesquisa na área, o movimento mais comum é de aproximar o teórico com a legitimação, ou seja, quais são os sentidos dessas aproximações teóricas em relação ao passo seguinte ou horizonte proposto. O segundo nível considera a metodologia como um lugar dado, algo como critérios estabelecidos para que a abordagem seja presumível, remetendo aos aspectos conceituais. No âmbito institucional, o terceiro nível, a academia visa se impor a partir dos níveis anteriores. Quando se volta para a prática, essas ordens se invertem, e a instituição, por uma urgência, passa a pesar mais por conta de seus efeitos imediatos, enquadrando a pós-graduação em estudos de observação através da objetividade.

Relacionando as duas visões, França (2013) e Valverde (2010) discutem a necessidade de ver a pesquisa e o objeto da comunicação fora desse senso comum. Tratar o *corpus* apenas como uma questão epistemológica por questões políticas, mas considerando que existem vários olhares para o objeto e não apenas um modelo.

(...) há razões de sobra para duvidar que os critérios importados das ciências naturais – voltadas à explicação, sirvam para balizar as investigações que se enquadram muito mais na tradição das chamadas ciência do espírito – voltado à compreensão (VALVERDE, 2010, p. 58).

Com essas dualidades apresentadas, Louis Quéré (1991) apresenta uma nova perspectiva, apontando o que talvez possamos chamar de um novo paradigma comunicacional, considerando pontos entre a epistemologia e praxiologia. Para compreender este novo momento, é necessário 1) Tratar a comunicação como experiência humana, fora desse âmbito

---

<sup>1</sup> No texto de referência, França explica que este modelo comunicativo foi apresentado por C. Shannon e W. Weaver no final da década 40. Este paradigma, conhecido também como “modelo dos engenheiros”, exerceu grande influência nas correntes teóricas posteriores, como a teoria dos efeitos na escola americana.

das apreensões constituídas e adquiridas, processos que Braga (2010) e Valverde (2010) relacionam com a construção da experiência estética em seus estudos; 2) Considerar que o modelo informacional/epistemológico e praxiológico, apesar de distintos, possuem o seu lugar na pesquisa; 3) Analisar a natureza dos sujeitos além do monológico, ou de uma única valência, que transmite representações adequadas para observá-lo como sujeito dialógico que é afetado entre relações; 4) Que a linguagem, dependendo do modelo escolhido, possuem preceitos diferentes. Enquanto no modelo epistemológico, a concepção representativista é abordada, no praxiológico, é adotada a concepção expressiva e constitutiva e 5) Tratar a comunicação como um processo constitutivo da sociedade.

Compreender esses parâmetros faz com que o *corpus* seja visto com um fenômeno social, como ações organizacionais de mundo. Aqui, a abordagem vai além do modelo de pesquisa e se demuda em uma perspectiva para escutar o som e as suas ações. Essas atividades organizacionais são simbólicas, efetuadas pelos membros de uma comunidade de linguagem e de ação no quadro da coordenação de suas ações. Portanto, para França (2003), a comunicação se torna uma questão de “modelagem mútua” de um mundo comum, em meio a uma ação conjugada.

A proposta de Valverde (2010) é de permanecer com a pretensão de ser científico, mas sem se prender a formalização do saber e ao rigor lógico. A perspectiva de Quéré (1991) poderia contribuir com a visão de Valverde (2010), pois a comunicação se insere na intervenção/ação como uma dimensão simbólica e social, agenciando experiências humanas. Porém, ao afastar a rigidez metodológica, Valverde e França são categóricos com os cuidados que é preciso ter para não relativizar e generalizar a sua pesquisa, pois “em outras palavras, estudar a comunicação não equivale a separar fatos particulares da sociedade (objetos comunicativos), mas apreender o social pelo viés das dinâmicas comunicativas que o constituem” (FRANÇA, 2003, p. 43).

A comunicação pode existir no âmbito da ação, da experiência social, fazendo emergir mundos e ordenando sentidos. Para estabelecer uma aproximação entre comunicação e experiência estética, precisamos refletir a estética na abertura e compreensão do existencial (VALVERDE, 2010). Ao considerar essas perspectivas e adotar um modelo não linear, talvez seja possível olhar para as pesquisas em comunicação e estética de uma forma que contemple o seu sujeito, sem reduzi-lo a parâmetros predefinidos, que vão esvaziar a experiência do *corpus*.

No início do segundo capítulo, retomaremos essa discussão e abordaremos os desafios para construir uma abordagem multimétodo para essa pesquisa. No âmbito dos estudos das

mídias sonoras, o modelo praxiológico oferece um olhar diferenciado para o campo, desvinculando o som das tecnicidades e oferecendo uma perspectiva de afetações. No tópico seguinte iremos adentrar no campo dos estudos sonoros e explorar a interdisciplinaridade como um caminho viável para essa pesquisa.

## **1.2. A interdisciplinaridade no campo dos estudos sonoros.**

O autor R. Murray Schafer (2001, p. 23) afirma que “a paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico”, ou seja, tudo que se refere a composição e organização do som pode ser denominado como paisagem sonora (sonografia). Programas radiofônicos, podcasts, composições instrumentais fílmicas, cenários acústicos de jogos eletrônicos, músicas e outros eventos acústicos são contempladas pela definição feita acima.

Dentro deste campo de estudos, os pesquisadores podem selecionar um recorte de uma paisagem sonora e identificar quais são os elementos que compõem aquela organização. Por se tratar de sons, ter uma impressão mais exata sobre o que se estuda é extremamente difícil, pois, diferente de uma paisagem visual, a sonografia não suscita algo tão espontâneo como a fotografia ou uma pintura. A percepção da experiência e estética ocorre em um outro nível, pois a sonografia “consiste em eventos ouvidos e não em objetos vistos” (SCHAFER, 2001, p. 24).

Seja pelos nossos ouvidos ou por microfones, a captação sonora nos fornece *closes* dessas paisagens sonoras, impressão que surge nos pormenores, sugerido informações e despertando interpretações. A fotografia, por exemplo, consegue apresentar os elementos relevantes perante a um panorama visual imagético e sugerir imediatamente uma impressão. Este processo instantâneo é mais árduo para as paisagens sonoras, pois para apresentar tal fidelidade, seria necessário habilidades e paciência. Schafer (2001, p. 24) explica: “Seria necessário fazer milhares de gravações e dezenas de milhares de mediações, e um novo modo de descrição teria que ser inventado”.

Esse refinamento estético ocorreu no século XX, após a Escola de Arte alemã *Staatliches Bauhaus* romper com as delimitações clássicas das áreas já estabelecidas para praticar a interdisciplinaridade entre profissionais de áreas distintas. Esse movimento aproximaria os campos da ciência com os das subjetividades e expressões do som. Assim, nasceriam os estudos sonoros e o projeto acústico.



Com a acústica e a psicoacústica aprenderemos a respeito das propriedades físicas do som do modo pelo qual este é interpretado pelo cérebro humano. Com a sociedade aprenderemos como o homem se comporta com os sons e de que maneira estes afetam e modificam o seu comportamento. Com as artes, e particularmente com a música, aprenderemos de que modo o homem cria paisagens sonoras ideias para aquela outra vida que é a da imaginação e da reflexão psíquica (SCHAFER, 2001, p. 18).

A interdisciplinaridade no campo dos estudos do sonoro ampliou a visão dos pesquisadores e profissionais da área e acabou culminando na criação da disciplina Projeto Acústico. Schafer (2001), neste momento, reforça a sua visão sobre a importância de observar a paisagem sonora mundial, mas ressalta que os principais objetivos desta disciplina estão em: 1) Realizar uma documentação dos aspectos sonoros; 2) Analisar as suas diferenças, semelhanças e tendências; 3) Catalogar e preservar sons com potencialidade de extinção; 4) Observar o comportamento humano diante de um cenário acústico e 5) Compreender os efeitos do som em um meio e estudar o simbolismo que o sonoro evoca.

É interessante ressaltar que o projeto acústico sofre dificuldades em cumprir tais objetivos, principalmente quando se trata de uma perspectiva histórica. Ao longo da nossa história, a sociedade se encarregou de registrar imgeticamente o mundo que os cercava. Sejam pelas fotos ao longo de diferentes épocas, mapas, desenhos, gravuras ou pinturas. As representações imagéticas do cotidiano e do mundo estavam por aí.

Podemos saber exatamente quantos edifícios foram construídos numa determinada área ao longo de uma década ou qual foi o crescimento da população, mas não sabemos dizer em decibéis o nível de ruído ambiental pode ter aumentado em um período de tempo comparável (SCHAFER, 2001, p. 24).

Essa ausência de registros sonoros fez com que nós não tivéssemos a verdadeira noção das transformações acústicas em nosso planeta. Sons se propagam e somem, até mesmo para aqueles pesquisadores mais sensíveis e com ouvidos atentos. Portanto, embora haja tecnologia de ponta para fundamentar historicamente, o pesquisador precisa se ater às descrições testemunhais presentes na literatura e na mitologia, e em registros antropológicos e históricos. Ressaltamos que este não é o objetivo deste estudo. A pesquisa histórica, contudo, expõe as particularidades do campo, faz com que tenhamos consciência da sua importância e noção de quais são as pesquisas sonoras.

Em vista disso, este estudo se apropria do conceito, projeto acústico para descrever os aspectos sonoros e seus processos convergentes. A nossa abordagem foi construída pela

interdisciplinaridade, para que possamos caminhar em um nível só, sem que se excluam partes. Um terreno básico para a pesquisa.

### ***1.3. O Orquestrador de Emoções no Enunciado Sonoro: processos que influênciam o som como experiência.***

Todos os elementos que estão presentes no projeto acústico, seja ele qual for, possuem uma função ou efeito perseguido. O autor e psicólogo Rudolf Arnheim (2005, p. 61), afirma que existe uma lei geral de economia da arte, no qual, em uma obra, todas as partes são essenciais para a sua forma, pois “é justamente este caráter indispensável de cada uma das suas partes que torna a obra de arte diferente da realidade”. Arnheim reforça que as escolhas feitas pelos criadores não devem ser reduzidas apenas a meras escolhas ou limitações. Se uma pintura possui tal enquadramento, ou se uma orquestra possui tal instrumento, é porque existe uma intenção por trás daquilo.

Essa lei não só influencia a criação, mas também a fruição da arte no sujeito. Se todas as partes são essenciais para o surgimento da experiência, não cabe ao apreciador ignorar as limitações das representações propostas ou complementar a obra.

Faz melhor ao se restringir estritamente ao que o artista lhe oferece, pois deve respeitar as escolhas feitas em um arco de possibilidades – este é um elemento essencial da composição artística – e não complementá-las por sua própria frivolidade imaginativa (...). Esta advertência é especialmente necessária para a compreensão da nova forma de arte criada pelo rádio (ARNHEIM, 2005, p. 61-62).

Advertência que nos leva a uma ruptura do senso comum a respeito de uma hierarquização dos sentidos. Enquanto a visão dá luz às imagens e representações instantâneas mais compreensivas, o ouvido sugere acontecimentos parciais do mundo.

Apesar desta valorização, nada lhe-falta, pois é justamente nessa lacuna da ausência do sensorial visual que a principal característica do rádio emerge – a essência de acionar representações. Seja ele um evento, uma ideia, uma situação ou uma história.

Tais representações que circundam o mundo sonoro são bastante ricas e podem sugerir representações completas, mas para essa afirmação ser verdadeira, teríamos que abrir mão de qualquer representação visual, seja ela física ou imaginativa por parte do ouvinte. Portanto, ao analisar a fala de Rudolf (2005), fica evidente a impossibilidade de abrir mão do visual em função do som, justamente porque nos falta controle no que diz respeito às representações

visuais imaginativas no sujeito. Ainda, no livro “Teorias do Rádio Vol. 1”, o autor Eduardo Meditsch (2005, p. 103) reflete sobre:

Arnheim contesta a suposta necessidade da mensagem do rádio ser complementada pela imaginação visual do ouvinte. Embora concorde que a visão é o mais importante dos sentidos para a espécie humana, e que faça falta no rádio como meio de transmissão da realidade, salienta que não falta nada ao meio como forma de expressão artística, podendo alcançar resultados plenamente satisfatórios apenas com recursos de que se dispõem.

Considerar imagens mentais no som não é de todo ruim ou errado. Rudolf Arnheim (2005) afirma que as imagens, quando construída nos processos de formulação de representações no sujeito, podem trazer um valor agregado à experiência. A problemática apresentada pelo autor está justamente na necessidade de o ouvinte suplementar uma experiência radiofônica com o sensorial visual. Se isso ocorre, a obra é incompleta. Iremos explicar melhor.

A maestria de se fazer arte no meio sonoro consiste justamente na habilidade de produzir efeito (sensação) apenas por meio do material acústico, e este é o principal desafio para quem constrói narrativas sonoras. O radiodrama, por exemplo, consegue sugerir sensações mais próximas do real proposto, mesmo quando se trata de um mundo irreal ou abstrato, apenas com materiais sonoros, sem contrabandear para a suplementação visual. O ouvinte percebe os espaços acústicos determinados pela descrição precisa; o caminhar dos personagens; pelo bater de uma porta; a intenção acústica e orquestrada da dúvida ou da construção até o clímax.

Esses enunciados, quando completos, conseguem organizar sentidos e transmitir funções, efeito poderoso que faz com que o ouvinte coloque a experiência sonora no primeiro nível da atenção, e os demais estímulos em níveis secundários. Arnheim (2005, p. 64) explica que o vazio acústico é responsável por este efeito:

O vazio acústico, o silêncio sobre o qual o som é colocado, não representa um fundo neutro e sem conteúdo, mas no caso, um inquietante lugar onde se produzem importantes acontecimentos, que ficam além da capacidade de compreensão do ouvinte.

Cada experiência sonora é particular e de difícil compartilhamento. Entretanto, quando se trata de transmissões radiofônicas ao vivo, é possível notar um esvaziamento do real enunciado sonoro. Essas transmissões, mesmo com uma audição atenta, não conseguem imprimir o enunciado por completo, apenas partes. Esta “negação”, imposta ao ouvinte, não se

completa apenas pela presente pobreza acústica ou pela confusão sonora, muito menos pela perda causada por uma reverberação em um espaço ou por uma audição inadequada. Mas sim pela incapacidade de transmitir por completo a função proposta, forçando o ouvinte a suplementar a sua experiência com imagens mentais, esvaziando, assim, a essência radiofônica.

Esclarecendo as diferenças entre suscitar uma suplementação visual e proporcionar representações acústicas completas no sujeito, aproximamos as teorias do maestro artístico, de Rudolf Arnheim (2005), com o orquestrador de emoções, de R. Murray Schafer (2001). Conforme mencionamos no início deste Capítulo, nos apropriamos do conceito de projeto acústico para permear a discussões sobre as organizações sonoras e as suas possibilidades. Retomar o conceito e ajustar ao estudo desenvolvido faz com que possamos assimilar melhor o papel desse orquestrador/ maestro.

Em vista disso, entendemos que o projeto acústico pode ser traduzido como uma ação de criar composições sonoras múltiplas que podem causar afetações no sujeito. Murray (2001, p. 287) exemplifica o seu conceito por meio da paisagem sonora mundial, na qual pode ser entendida “como uma imensa composição musical desdobrando-se (...) a nossa volta”. Neste caso, nós seríamos simultaneamente o seu público, os seus executantes e os seus compositores.

O papel deste projetista acústico está relacionado diretamente à crítica que Rudolf Arnheim (2005) faz a suplementação visual no sonoro. O autor afirma que o talento de um artista do rádio é mensurado pela capacidade de produzir sensações a partir do sonoro.

(...) O que mede o seu talento é a capacidade de produzir o efeito desejado apenas com elementos sonoros, e não a possibilidade de inspirar os ouvintes a complementarem a falta de imagem adicionando vida ou realismo. (...) Se a obra demanda tal suplementação é porque é ruim, não alcançou seus objetivos por seus próprios meios, teve efeito incompleto (ARNHEIM, 2005, p. 62).

Enquanto o foco do autor está quase que exclusivamente no rádio e na sua linguagem imposta, Schafer dialoga ainda mais com a interdisciplinaridade ao relacionar o compositor com um grilo:

(...) Recordo-me de haver encontrado um jovem compositor australiano, que me disse haver desistido de escrever música depois que se enfeitiçou com as belezas do canto do grilo. Mas quando lhe perguntei como, quando e porque os grilos cantavam, não soube responder; apenas gostava de grava-los e apresenta-los para grandes públicos. Eu lhe disse: Um compositor deve ao grilo o conhecimento dessas coisas. A arte é conhecer tudo que cerca do material com o qual está se trabalha. É então que o compositor torna-se biólogo, filósofo e – e ele próprio – um grilo (SCHAFER, 2001, p. 288).

Neste caso relatado pelo autor, fica evidente que, quando o compositor desenvolve uma conexão entre áreas afins, o trabalho realizado será diferenciado. Consiste em planejar um fluxo de efeitos e experiências variadas, podendo sugerir graus de complexidades diferentes, respostas a estímulos acústicos nos ouvintes a estabelecer uma sensibilidade.

Especificamente no cenário radiofônico, Arnheim (2005), neste momento, dialoga com Schafer (2001, p. 65), para quem o jornalista deve se esforçar para “captar a vida como ela é”, por meio de habilidades e da sensibilidade para assim levar recortes da realidade até o ouvinte sem deixar brechas para uma audição desatenta. Contudo, em uma transmissão, nenhum enunciado sonoro será contínuo e preciso perante o recorte feito.

A partir da correlação entre as teorias de Rudolf Arnheim e R. Murray Schafer, para uma melhor visualização, criamos a representação abaixo dos elementos que podem influenciar o projeto acústico:

**Figura 1** – Elementos que podem permear o projeto acústico.



**Fonte:** Imagem elaborada pelo autor.

Os núcleos “Orquestrador de Emoções”, “Enunciado Sonoro” e “Transmissão”, são os elementos que influenciam diretamente no projeto acústico. Quando os três elementos não estão agindo sobre um produto ao mesmo tempo, ocorrem efeitos que podem comprometer o objetivo central. Sendo eles: 1) Perda da Essência Radiofônica – A principal característica do rádio é o acionamento de representações, porém, sem uma transmissão adequada, poderá haver perda dessa essência; 2) Esvaziamento do Enunciado – O orquestrador de Emoções e a Transmissão não garantem a construção da informação acústica. É necessário possuir o material sonoro adequado para instrumentar o enunciado e 3) Desarticulação Acústica – Quando o sentido e a emoção não são acionados de maneira satisfatória, o ouvinte é estimulado a suplementar a sua experiência sonora por meio do sensorial visual.

Todas as informações acima são reflexões teóricas que nos apontam os cuidados que devemos tomar ao utilizar o som como ferramenta de suscitação da experiência. Essa representação parte do viés radiofônico hertziano abordado por Arnheim (2005). Para a nossa pesquisa, iremos incorporar a “circulação” no lugar de “transmissão”, uma vez que as dinâmicas de consumo e escuta de produtos sonoros evoluíram com o rádio expandido. Porém, iremos retomar essa abordagem adiante, em nosso capítulo de análise.

Após discutirmos o terreno básico para os estudos do som e seus processos para a criação de enunciados sonoros, a fim de introduzir as potencialidades acústicas e seus significados, no tópico a seguir, abordaremos a construção de representações no sujeito a partir da ideia de um ouvinte modelo.

#### ***1.4. A construção de representações da experiência em um ouvinte modelo.***

No tópico anterior, discutimos como o som pode ser esse terreno fértil para orquestrar emoções e sentidos. Contudo, quando se trata da experiência no ouvinte, além de considerar os enunciados da peça sonora, é necessário contemplar com outros fatores psicológicos e sociais.

A experiência não pode ser dada no campo dos juízos universais produzidos pelo senso comum ou pela ciência. Ao considerar a experiência neste cenário, haverá uma diluição da subjetividade em relação à experimentação (VALVERDE, 2010, p. 58), reduzindo-a a eventos controlados e esvaziando-a de sentidos de espontaneidade e sedimentação.

Existem dois tipos de experiência. Valverde (2010) denomina que há experiências no “mundo da vida”, quando o sujeito aprende por meio da prática e pelos processos vividos, e existem as “experiências de vida”, quando essa experiência pressupõe interações entre o sujeito, o ambiente e os outros atores que estão interagindo com aquele ambiente. Portanto, a experiência vai além do movimento que circunscreve o sujeito como identidade, para se tornar um processo pessoal de amadurecimento. Contudo, quando se trata de uma mídia, meio que se difere, por exemplo, de um ambiente social no qual não possuímos controle, o sujeito pode atualizar certos pressupostos criados pelo autor, neste caso, um Orquestrador de Emoções.

A autora Graziela Mello Vianna (2014), em seus estudos, se apropria do conceito de “leitor-modelo”, proposto por Umberto Eco, para sugerir o “ouvinte-modelo”. Ambos os conceitos partem da premissa de que é possível prever um leitor/ouvinte por meio das intenções deixadas pelo criador, a fim de antecipar as competências interpretativas do sujeito e, conseqüentemente, o seu efeito estético. A autora realiza essa aproximação conceitual entre os dois modelos para exemplificar que, o mesmo fenômeno que ocorre com o a linguagem textual, ocorre na mídia sonora.

(...) entendemos que a criação e a produção da peça publicitária radiofônica, assim como os textos impressos analisados por Eco, devem prever as competências do ouvinte a fim de produzir o “efeito estético” adequado. Tal “destino interpretativo”, ou seja, o ouvinte distante deve ser previsto pelo produtor da mensagem publicitária radiofônica. Ainda de acordo com Eco, alguns autores escrevem prevendo exatamente o segmento da sociedade ao qual o texto se destina (MELLO VIANNA, 2014, p. 229).

A confirmação do ouvinte-modelo ocorre quando as intenções orquestradas pela mensagem sonora se encontram com as “experiências da vida” do sujeito, atualizando o seu conteúdo e confirmando o seu efeito estético.

O autor José Luiz Braga (2010), considera também que a estética é um processo relacional de circulação social que agencia afetos e vai além do imediato. O autor explica que a experiência não está apenas no nível psicológico, mas que reside também nas emoções. Esse processo invoca expressões que deslocam a experiência do campo psicológico para o campo das emoções.

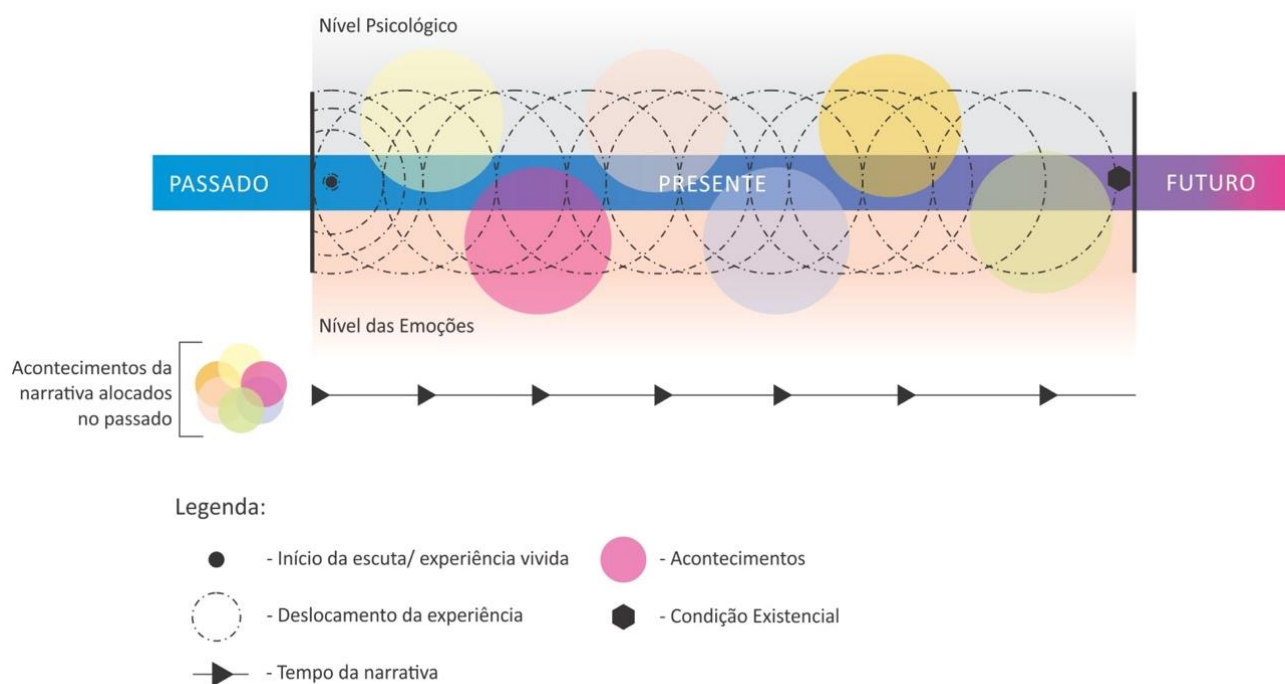
Essas proposições assinalam a relação estreita entre a experiência estética vivida e a sua expressão. Talvez sublinhem a expressão como extensão da experiência. Acho que dizem também da realização da experiência na sua “representação sensorial”, pois aí, aí se expressar, ultrapassa o nível de reação psicológica para se concretizar. Em uma perspectiva comunicacional, a

experiência estética é a experiência estética compartilhada (BRAGA, 2010, p. 82).

É na experiência vivida, no tempo da experiência e na expressão das emoções, que podemos reconhecer os deslocamentos da experiência. Portanto, é na abertura para o descobrimento da própria subjetividade que o sujeito é construído, e, é neste momento que surge a condição existencial.

Em termos práticos, o tempo da narrativa não só existe no momento em que ela ocorre, mas coexiste no período em que ela é vivida pelo sujeito. Por exemplo, grande parte do primeiro episódio do podcast “Caso Evandro” é focada no desaparecimento e nas buscas pelo garoto, Evandro Ramos Caetano. Esses acontecimentos ocorreram entre os dias 6 e 11 de abril de 1992. Independente da faixa etária do ouvinte, esses acontecimentos estão alocados no passado, portanto, já ocorreram. Contudo, quando este mesmo ouvinte realiza a audição do programa, o tempo da sua experiência é o presente, pois as expressões de suas emoções estão ocorrendo à medida que o podcast descreve os eventos que ocorreram naquela semana. É neste movimento temporal na narrativa apresentada pelo podcast que ocorre o deslocamento da experiência, e insere o sujeito como condição existencial.

**Figura 2** – Constituição do processo circular estético no ouvinte-modelo.



**Fonte:** Imagem elaborada pelo autor.



Inicialmente, pensada como condição para tudo que havia no real, a ideia de existência passou por movimentos de transformação até assumir um papel de destaque na filosofia contemporânea. Foi durante o Existencialismo, que surge uma aptidão do sujeito para a conquista da sua própria essência (VALVERDE, p. 67). Desse modo, a existência nega a condição como o que havia no real e recusa a caracterização como algo dado. A existência passa a constituir uma dinâmica de “ser sendo”, uma condição situada nas possibilidades do “vir a ser”. Essa perspectiva mostra um caráter dinâmico entre a identidade de um sujeito e como ele se descontrói para “vir a ser”.

Esse movimento relacional entre a experiência e a condição existencial é que caracteriza a existência, inclusive no podcast. Durante toda a temporada, o locutor apresenta fatos e desdobramentos dos acontecimentos do caso. Em alguns episódios, a sua visão como pessoa transparece, e em outros não. Porém, é notável o esforço do narrador em deixar que o próprio ouvinte construa a sua condição existencial na narrativa, sem que pareça como algo dado. Dessa forma, o ouvinte, ao longo da sua escuta, constrói e descontrói a sua condição baseada na experiência vivida – inclusive como membro de um júri da narrativa que determina o que é certo e errado – para construir a sua dinâmica de “vir a ser”, permitindo-o, em uma condição pública, de assumir a sua fala. Quando feita, ocorre a efetivação da existência.

Em percursos tratados por Valverde (2010), o corpo é o meio da experiência, é esse lugar onde tudo é vivido e tudo chega, seja nas múltiplas realidades ou no mundo dos sonhos. Esse corpo sente sensibilidade, “ao mesmo tempo meio de percepção do sensível, da linguagem e de todo tipo de participação na esfera da ação ou da expressão” (VALVERDE, 2010, p. 68). Portanto, os estudos sobre comunicação reconhecem o lugar do corpo no processo de constituição de um processo comunicativo.

Considerando que o corpo é esse lugar das afetações, é necessário romper com a imagem clássica do corpo como partes individuais, e abstrair a perspectiva que trata os nossos sentidos como experiências isoladas. As nossas experiências são sugeridas por inteiro, seja no âmbito físico, na psique, no emocional, no existencial ou no corpo.

Desde o início deste capítulo, trouxemos teorias e abordagens que reforçam a importância de construir uma pesquisa circular, praxiológica e interdisciplinar, que dê conta de ouvir o som como uma ferramenta para afetações e de sugestões de experiências. Esta primeira parte é uma articulação teórica para compreender os elementos subjetivos que envolvem os

estudos sonoros. Nos tópicos seguintes, abordaremos a consolidação e categorização do formato podcast.

### **1.5. A consolidação do podcast: o conceito, suas ondas e transformações**

Em seu artigo sobre os processos de estabelecimento do podcast, Eduardo Vicente (2018) cita manchetes de jornais internacionais que reforçam a ideia de que “era de ouro” dos podcast está mesmo acontecendo. Já em território brasileiro, seria algo como “O ano do podcast no país”. Essas afirmações ficaram tão recorrentes ao longo dos últimos anos, entre 2017 e 2020, que a própria *podosfera* transformou a frase em jargão. Mas o fato é, até então, o momento do podcast no Brasil ainda está acontecendo e alguns indicadores nos mostram isso.

Para comparar tamanha popularização do formato no Brasil, o Estadão, com o seu podcast “Estadão Noticiais”, lançado em 2017, abriu o ano de 2019 com a marca de três milhões de downloads<sup>2</sup>, mais de 450 edições de até 20 minutos, contendo as principais notícias e análises do dia. O feito foi noticiado com entusiasmo. Contudo, em 2020, após um ano de existência, o podcast “O Assunto”, lançado em 2019, comandado pela jornalista Renata Lo Prete (TV Globo), se tornou o programa mais baixado da América Latina<sup>3</sup>, batendo mais de 33 milhões de downloads. São, ao todo, 261 episódios de até 30 minutos.

Além disso, durante o primeiro semestre de 2020, a produção brasileira de podcasts ultrapassou países como o Reino Unido e o Canadá, despontando assim como o maior produtor de conteúdo para o formato em meio à pandemia da Covid-19<sup>4</sup>. Esses dados foram divulgados pela empresa americana *Voxnest*, especializada na mensuração, produção e reprodução do formato. De acordo com o relatório *The State of the Podcast Universe*<sup>5</sup>, produzido pela mesma empresa, os podcasts em língua portuguesa obtiveram o aumento de 103% desde o início de 2020. Esses são alguns dados observados ao longo dessa pesquisa que validam a crescente popularização do formato no Brasil.

---

<sup>2</sup> Matéria disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/podcast-estadao-noticias-atinge-3-milhoes-de-downloads,70002691927>. Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

<sup>3</sup> Podcast mais baixo da América Latina em 2020 é Brasileiro: <<https://www.anj.org.br/site/leis/podcast-o-assunto-completa-um-ano-e-e-o-mais-baixado-da-america-latina>>. Acesso em: 18 janeiro de 2021.

<sup>4</sup> Produção de Podcast no Brasil cresce durante a pandemia: <<https://www.terra.com.br/noticias/dino/producao-de-podcasts-no-brasil-cresce-durante-a-pandemia.7025d9c72eed3c2d8e639197fbffd56ahvaps6cj.html>>. Acesso em: 19 janeiro de 2021.

<sup>5</sup> Relatório disponível em: <<https://bit.ly/PodcastUniverseReportJune20>>. Acesso em: 19 janeiro de 2021.

Sem uma data específica para a sua criação, foi em 2004 que o podcast passou a ser apontado como uma tendência entre os usuários da internet. Na época, esse tipo de transmissão chamou a atenção do jornalista do *The Guardian*, Ben Hammersley, que escreveu sobre a “revolução audível”<sup>6</sup>. O artigo utilizava o termo podcast de forma muito abrangente. O autor fazia analogias para tentar nomear o novo hábito, sem delimitar de fato do que se tratava. Inicialmente, houve uma rejeição ao nome:

Pesquisadores inicialmente resistiram à denominação, que remeteria ao então recém-lançado tocador multimídia da Apple. Afinal, não era necessário ter um iPod para ouvir áudio sob demanda, naquele longínquo ano de 2004, em que formatos de compressão como MP3 já haviam propiciado um intenso intercâmbio de arquivos sonoros via internet. Denominações alternativas, como audiocasting, netcasting e webcasting, contudo, não tiveram a mesma aceitação (KISCHINHEVSKY; LOPEZ; BENZECRY, 2020, p. 6).

Outras discussões ainda seriam travadas, principalmente no campo conceitual e acadêmico. O autor Alex Primo (2005), em um movimento pioneiro, abordou o podcast a partir da produção, distribuição e da interação permitida pelo áudio digital. Ele definiu o podcasting como “uma nova forma de produção e escuta de informações sonoras e de abertura de espaços de debate apenas para aqueles que possuem acesso ao ciberespaço” (PRIMO, 2005, p. 6). O autor destacou o esforço em remediar as características do rádio, apesar de não parecer um. Indicou também a existência de um privilégio de acesso perante aos usuários e as limitações dos criadores de conteúdo.

Dependendo da área e do autor, a definição do termo irá transitar. Nos primeiros anos de discussão, o podcast não era reconhecido como um produto radiofônico, pois lhe faltava o caráter da “transmissão em tempo real” (MEDEIROS, 2005, 2006). Esse impasse “abriu os ouvidos” para a definição de um rádio mais inclusivo. Um rádio expandido.

O áudio passou ser a essência do formato, podendo conter outras linguagens e características. As autoras Martínez-Costa e Prata (2016, p. 02) ressaltam que “os podcasts são claramente identificados como uma das tendências em desenvolvimento de novos conteúdos do rádio digital”. Lopez (2017, p. 01) destaca: “se o meio se definia por ser sonoro, hoje é multimídia”. Bonini (2020, p. 14) afirma: “é uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádio (...), ou criado

---

<sup>6</sup> Tradução nossa. Artigo disponível em link:

<<https://www.theguardian.com/media/2004/feb/12/broadcasting.digitalmedia>>. Acesso em: 25 janeiro de 2019.

por produtores independentes de rádio, artistas e amadores”. Os limites do podcast e do rádio expandido se convergem.

O podcasting, que antes parecia um espaço privilegiado para uma comunicação de nicho ou para uma micromídia pessoal agora assume caráter cada vez mais massivo, parte da trilha sonora cotidiana, na esteira da expansão de um novo ecossistema midiático, que passa pela universalização da telefonia móvel, pelos novos hábitos de escuta, pelas novas possibilidades de financiamento e pela experimentação de formatos e linguagens em áudio, antes limitada no rádio AM/FM (KISCHINHEVSKY; LOPEZ; BENZECRY, 2020, p. 6).

Em sua recente história, o formato criou relações e, conseqüentemente, uma nova ecologia (SCOLARI, 2013) que alterou os hábitos dos ouvintes e seus produtores. Essas mudanças ficaram conhecidas como “primeira e segunda onda do podcast” (GALLEGO, 2010; KISCHINHEVSKY, 2017; BONINI, 2020). A primeira era ficou caracterizada pelas tentativas de efetivação de um modelo de negócio viável e pela profissionalização da prática. As emissoras públicas dos Estados Unidos aderiram à transposição de seus programas – presentes no *dial* – para podcast, decisão que não vingou por não ser rentável ao ponto de ser constante e independente do braço principal – o *dial*. No cenário amador, as produções não possuíam um direcionamento específico e dependiam das assinaturas de atualização para serem consumidas.

A distribuição é um dos pontos que sofreu um salto significativo. Na primeira onda, o usuário precisava assinar uma lista de distribuição em tempo real pela internet, o RSS – Really Simple Syndication –, sistema desenvolvido para receber notificações sobre o conteúdo. Esses documentos RSS<sup>7</sup>, feitos em linguagem XML, exibiam de forma resumida e hierarquizada grandes volumes de informação. Com as listas assinadas, o usuário, quando estivesse on-line, recebia em seu computador a opção de baixar o MP3 podendo ouvir no PC ou em seu iPod, dispositivo lançado em 2001 que se tornou bastante popular por conta das possibilidades de consumo de áudio digital em mobilidade.

Contudo, os modelos para o consumo de podcast evoluíram. A prática das listas quase foi substituída pelo *streaming*, serviço on-line de consumo por demanda. Segundo Vicente (2018), a alavancada de vendas de smartphones e a estabilização da rede de internet móvel contribuíram para esta mudança. Com a reformulação da prática e a evolução tecnológica, o *streaming* possibilitou um novo tipo de consumo, o da cultura do acesso (KISCHINHEVSKY,

---

<sup>7</sup> Em 2006, o site da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), disponibilizou um conteúdo tirando dúvidas de como utilizar o sistema RSS: <<https://www.ufmg.br/online/web/arquivos/003127.shtml>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2019.

2015). Este consumo encoraja o usuário a deixar de praticar o download pago, estabelecido por plataformas de vendas, para usufruir das lógicas de consumo por demanda. O que também nos leva a segunda onda do podcast.

A segunda onda, iniciada em 2012, está diretamente relacionada ao apoio financeiro coletivo de seus ouvintes, à humanização do conteúdo proposto e à formação de novos produtores que surgiram na rádio pública americana.

Desde 2012, através do uso do financiamento coletivo e com a vantagem de as audiências já conhecerem as atrações e as personalidades radiofônicas, um número crescente de programas abandonou a tradicional distribuição via rádio e adotou o podcasting bancado por ouvintes como uma forma de distribuição e suporte ao trabalho. Em alguns casos, como 99% Invisible, Radio Ambulante e Radio Diaries, os programas continuaram a ser distribuídos e vendidos para emissoras tradicionais, enquanto outros, como aqueles hospedados na Radiotopia, têm no podcasting seu único canal de distribuição (BONINI, 2020, p. 24).

Essa mudança fez com que profissionais se distanciassem de suas carreiras no rádio tradicional para investir em conteúdos independentes, movimento que proporcionou programas com complexidades narrativas por conta da potencialização do *storytelling* (LOPEZ.; VIANA.; AVELAR, 2018), principalmente entre produções não ficcionais como *Serial*<sup>8</sup>, *In the Dark*<sup>9</sup> e Projeto Humanos<sup>10</sup>. Além disso, o fácil acesso a programas de edição gratuitos e de captação de áudio, inclusive de forma caseira, alavancou a distribuição desses produtos em áudio (KISCHINHEVSKY, 2017). Coube também aos smartphones seguirem as tendências dos aplicativos para organização de conteúdo culminando em diversos apps disponíveis, por exemplo, o *Castbox*, *Podcast Go*, *iCatcher* e *Downcast*.

Essas mudanças entre a primeira e a segunda onda se aproximam das mutações que a própria sociedade sofreu por conta dos processos interativos. Cunha (2016), sinaliza uma “nova ecologia de mídia” no contexto radiofônico e sonoro, na qual a possibilidade de um consumo em mobilidade reconfigurou as relações de permanência (a oralidade se faz presente nos lugares), audiência (o conteúdo te acompanha pelos espaços físicos), tecnológica (o conceito de instantaneidade ganha força), distribuição (conteúdos organizados por demanda pelo

---

<sup>8</sup> Site do *Serial* com os episódios disponíveis: < <https://serialpodcast.org/>>. Acesso em: 17 novembro de 2018.

<sup>9</sup> Site do *In the Dark* com os episódios disponíveis: < <https://www.apmreports.org/in-the-dark>>. Acesso em: 17 novembro de 2018.

<sup>10</sup> Site do Projetos Humanos com os episódios disponíveis: < <https://www.projetohumanos.com.br/>>. Acesso em: 17 novembro de 2018.

usuário) e a mensagem (na dimensão móvel, as experiências são individuais), evidenciando novos costumes.

Entre essas mudanças, a estética sonora seja, em primeiro momento, a mais notável. Durante a primeira onda, muitos programas reproduziam listas de músicas em sequência com narrações caseiras e transportavam conteúdo do *dial*. É importante deixar claro que não se trata de uma estética inferior, mas sim de uma estética dotada de enunciados sonoros incompleta quando comparada às possibilidades existentes. Já na segunda onda, o uso de uma complexidade acústica, a partir da utilização de efeitos e paisagem sonora (SCHAFER, 2001), alinhada a roteiros “humanizados”, estruturando narrativas mais complexas com pontos de virada e tensões, consagra de vez este tipo conteúdo como engajante e rentável.

(...) novos modelos de negócios emergiram, baseados numa mistura de doações, financiamento coletivo, patrocínios e publicidade. (...) Este novo mercado é resultado de décadas de investimento do serviço público de mídia num formato narrativo (matérias leves/inusitadas, documentários, contação de histórias em geral) que é custoso de produzir e não tem tanto apelo para quem anuncia no rádio comercial. Sem esses investimentos, a despeito da disponibilidade da tecnologia, não haveria conteúdo para distribuir (BONINI, 2020, p. 26).

Os temas dos conteúdos sonoros expandiram para além do player, e muitos podcasts desenvolveram os seus próprios canais para possibilitar novas narrativas. O *Projeto Humanos* possui conteúdos exclusivos em seu site para que o ouvinte-internauta consuma e enriqueça ainda mais a sua experiência. Conteúdos como perfil dos envolvidos no caso, documentos públicos, transcrições, áudios, linha do tempo, fotos, matérias de jornais, imagens de arquivo, vídeos e textos estão à disposição do ouvinte-internauta. Este estudo aponta a existência deles, porém, não o considera como parte do *corpus* a ser analisado.

As categorizações de gênero no podcast também são diversas, assim como o seu conteúdo. Existem os programas jornalísticos, investigativos, ficcionais, esportivos, que abordam a cultura pop, opinativos, infantis, humorísticos, entre outros. No tópico a seguir, iremos abordar a categorização dos programas, o podcast narrativo e serialização no podcast.

## **1.6. Podcast narrativo**

As narrativas acompanham a existência humana há séculos, independentemente da cultura, raça, região e temporalidade. Segundo Barthes (1972, p. 19), as narrativas se

caracterizam de várias formas e linguagens, inclusive em mitos, histórias que são utilizadas para reforçar uma lei social, ou para explicar fenômenos da natureza – Zeus e o Olimpo se enquadram dentro dessas narrativas para os gregos. O fato é que independente de qual seja a forma que essa narrativa se caracteriza, nós possuímos por natureza um grande deslumbramento em contar, escrever, estabelecer e consumir histórias.

Parte deste fascínio está atrelada ao interesse humano de povoar a mente com personagens e narrativas, processo bastante difundido no jornalismo após a industrialização da imprensa no século XIX, que de acordo com Kischinhefsky (2017, p. 1) “tornou-se crucial organizar o espaço das muitas páginas, o que levou a uma readequação da linguagem”, culminando no fim do beletrismo, que já estava em seu declínio após os conflitos mundiais eclodirem na época.

Se o código teve que se amoldar às folhas dos jornais impressos, e posteriormente se modificar para se estabelecer nos meios de comunicação de massa e, conseqüentemente, se reconfigurar no âmbito da internet, a figura do jornalista também se emaranhou a outros escopos profissionais da comunicação. Entretanto, sem perder a característica principal do ofício: a de “narrar” histórias. Em seu livro “Teorias do Jornalismo”, o autor Nelson Traquina (2005) afirma que os jornalistas fazem parte de uma tradição mais longa do contar “estórias”, como se essa figura do narrador já existisse antes da sociedade contemporânea. E de fato, o jornalismo possui uma forte conexão com a literatura que antecede a familiaridade que foi realçada e popularizada por jornalistas como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe nas décadas de 1960 e 1970, denominadas de “o novo jornalismo”. O autor Andrés Puerta (2011), refuta a ideia de que o jornalismo literário começou com este movimento jornalístico e explica que o escritor Daniel Defoe, em 1722, já tinha utilizado entrevistas e estatísticas que, combinadas com a linguagem jornalística, caminhavam para os primeiros indícios do jornalismo literário.

O curioso em relação ao que já foi dito acima – entre as narrativas, o jornalista narrador e o jornalismo literário – é que a industrialização do jornalismo e a volumosa produção de conteúdo em diferentes meios não conseguiram diminuir ou apagar o lugar da grande reportagem, independente do seu formato. O autor Marcelo Kischinhefsky (2017, p. 4) afirma que “à enxurrada de notícias curtas, telegráficas, factuais, contrapõe-se sempre o espaço da matéria humana”, possibilitando que esse tipo de jornalismo em profundidade não perca lugar, pelo contrário, migre para outras plataformas e formatos.

No segmento radiofônico especificamente, o podcast investigativo e/ou criminal abraçou essa linguagem e desenvolveu o seu próprio formato. Programas sem uma duração e

número de episódios específicos, que contam determinada história criminal factual, possuem um trabalho de apuração e investigação muito detalhada por trás, com o objetivo de fazer com o ouvinte possa imergir naquele mundo por meio da descrição, narração e enunciados sonoros.

### ***1.7. Serialização no podcast***

A serialização é uma organização que divide a narrativa sob a forma episódica (MACHADO, 2000). Este artifício é usado para engajar o público, a fim de estabelecer a expectativa necessária para o episódio seguinte.

A serialização não nasce com o podcast. A radionovela e os programas dramáticos e humorísticos da Era de Ouro do Rádio – restringindo-nos aqui às narrativas sonoras – já abordavam dessa estratégia ao compartilharem personagens, argumentos, estratégias narrativas, cenários, ou ao fragmentarem as narrativas em micronarrativas que dialogavam em maior ou menor nível, além de alimentarem a ânsia pelo desfecho narrativo, a proximidade com os personagens e a relação com os acontecimentos. Os sujeitos são os personagens, mas também os comunicadores. Ao buscar uma complexificação acústica dessas produções e a potencialização da sensorialidade do lado humano das histórias, o rádio dialoga com o teatro, nas ficções, no jornalismo, no entretenimento e no rádio popular.

Arlindo Machado (2000) propõe três categorias de narrativas serializadas com base em sua experiência com produtos televisivos. Portanto, por se tratar de categorias narrativas seriadas, e não de programas televisivos seriados, resgatamos três categorias para compreender como a narrativa seriada pode se manifestar no podcast: 1) Capítulos: aqui, a narrativa é apresentada quando o enredo possui uma única narrativa, podendo ter outras entrelaçadas ou paralelas, mas cumprindo uma linearidade narrativa à medida que os capítulos avançam. É o narrar história, o *storytelling*. A quarta temporada do *Projeto Humanos*, “Caso Evandro”, é um exemplo desse tipo de serialização no podcast; 2) Episódios seriados: a narrativa possui personagens que vivenciam histórias completas, com começo, meio e fim, e autonomia em relação aos demais episódios. Episódios seriados não contextualizam os episódios anteriores nem afetam os posteriores. Eles cumprem um papel, um algo a ser dito, e oferecem a liberdade de consumo ao usuário, podendo consumir a narrativa de ordem aleatória. Os podcasts de opinião possuem essa característica, pois são os mesmos locutores (personagens) que comentam e constroem ali uma narrativa, e o enredo não altera os demais episódios, ainda permitindo ao usuário que consuma os episódios da forma que achar mais interessante; 3)



Episódios Unitários: aqui, o que é preservado é o tema, ou o espírito, da narrativa. Nesses episódios, a natureza é única e perpetua dentro do enredo, dos seus personagens e cenários. O que caracteriza a serialização entre os episódios é o nome do programa e/ou o estilo programa. O podcast “Escriba Café” se aproxima dessa categoria, pois em cada episódio ele apresenta uma história diferente, mas que não possui conexão entre si. O *storytelling* aqui é preservado, pois a narrativa possui uma linearidade e coerência dentro do mesmo episódio.

Se pensarmos na lógica de distribuição, o podcast possui a serialização como uma das características marcantes.

## CAPÍTULO 02

### 2. PROCESSOS METODOLÓGICOS EM UM CENÁRIO RÁDIOFÔNICO EXPANDIDO E SONORO

O mundo do sensível é negligenciado pelos modelos lineares de pesquisa que priorizam o “paradigma clássico”, marco presente nos estudos apresentados ao longo do século XX, algo bastante questionável por tratar a comunicação apenas um processo linear, de caráter informacional<sup>11</sup>, com teor funcional e prático (VALVERDE, 2010). Estes modelos não conseguem dar conta das complexidades internas dos processos relacionais da sociedade. Olhar para o objeto (estudo, *corpus*, sujeito) implica em tentar compreender como ele se constitui (FRANÇA, 2013), de que forma ele afeta, quais experiências ele aciona e como elas são processadas.

Essa mesma complexidade é levantada pelos teóricos da área de rádio para abordar os estudos sonoros e radiofônicos. As pesquisas de rádio, assim como os estudos de comunicação, se configuram em múltiplas vertentes de abordagem, evidenciando a possibilidade de se aplicar uma metodologia mista. Marcelo Kischinhevsky *et al.* (2015), afirma que as metodologias tradicionais – como a Análise do Discurso, Análise de Conteúdo, Estudos de Recepção, História Oral – quando trabalhadas isoladas, em certa medida, não dão conta de compreender a complexidade do rádio no cenário expandido. Kischinhevsky *et al.* (2015) ressalta a presença de um “silêncio” nas principais referências bibliográficas de metodologias das áreas de Comunicação e Ciências Sociais Aplicadas em relação às mídias sonoras, e que tal situação também pode estar atribuída a uma ampla presença de discursos audiovisuais na academia. Já os autores Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (2019, p. 2) acrescentam que existem pesquisadores que consideram o som como uma matéria impossível de se analisar, “por se tratar de uma matéria escorregadia e invisível, ou por estar ligada ao emocional, não sendo redutível a metodologias racionais”.

Portanto, em primeiro lugar, é importante compreender que o **som é um sistema conscientemente manejável**<sup>12</sup>. Em segundo, a complexidade da ecologia sonora

---

<sup>11</sup> No texto de referência, Vera França explica que este modelo comunicativo foi apresentado por C. Shannon e W. Weaver no final da década 40. Este paradigma, conhecido também como ‘modelo dos engenheiros’ exerceu grande influência nas correntes teóricas posteriores, como a teoria dos efeitos na escola americana.

<sup>12</sup> Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (2007) explicam que “a informação sonora pode ser delimitada teoricamente como um sistema semiótico complexo, composto por subsistemas tais como a palavra, a música e os efeitos sonoros ou ruídos. O funcionamento do sistema como um todo, assim como a definição e o papel de cada um dos subsistemas dentro dele, obedecem a uma série de convenções que o tornam manejável, socialmente

contemporânea não permite que o pesquisador adote uma abordagem que acione apenas um escopo metodológico. Terceiro, em função dos dois primeiros tópicos citados acima, existe a necessidade de construir uma abordagem multimétodo – que a partir do diálogo entre técnicas – possibilitaria observar e analisar o *corpus*. Para justificar essa opção metodológica, o pesquisador precisa ser claro e atento às discriminações das escolhas feitas para preservar uma coerência entre as técnicas de pesquisa. Não basta combinar métodos, eles precisam estar articulados entre si. Marcelo Kischinhesky *et al.* (2015, p. 12) refletem:

A arte reside justamente aí: pôr em diálogo tradições distintas, como os estudos de recepção, a análise de discurso, a análise de conteúdo, a sociosemiótica, sem abrir mão da coerência. Não adianta simplesmente analisar dezenas de horas de conteúdos sonoros sem buscar compreender que sentidos os ouvintes constroem a partir destes materiais e o que têm em mente os produtores, como estes conteúdos circulam nas redes sociais on-line, quais os seus contextos e as intertextualidades que propõem. Não devemos nos contentar com escuta sistemática, nem com entrevistas em profundidade com comunicadores ou com etnografia da audiência: é a combinação de ações como estas que nos fará construir coletivamente novos conhecimentos sobre o campo e avançar rumo ao estado da arte em nossas pesquisas.

Desse modo, para compreender o sonoro, é necessário romper com tal linearidade metodológica para abarcar as reflexões que a expressão no áudio possibilita.

Neste Capítulo, iremos apresentar os processos metodológicos que foram escolhidos para propor uma abordagem multimétodo a fim de estabelecer uma investigação a respeito da estrutura narrativa sonora acionada pelo *Projeto Humanos* nos programas da quarta temporada, o “Caso Evandro”.

O podcast, mais especificamente essa temporada, tem se revelado como um *corpus* passível de múltiplas abordagens, dificultando assim a escolha de um caminho metodológico tradicional. Compreendendo que este estudo foca em analisar a estrutura narrativa sonora de um podcast de *storytelling*, uma abordagem multimétodo foi adotada para possibilitar a investigação do “Caso Evandro”.

**A Análise Estrutural da Narrativa Sonora (AENO)** é uma adaptação metodológica multimétodo que se apropria da Análise Estrutural da Narrativa (BARTHES, 1972) e da Análise Descritiva (TRIVIÑOS, 2010) como métodos deste processo. Elas serão alinhadas teoricamente

---

compartilhável e desta forma eficaz e inteligível. Se é um sistema conscientemente manejável, certamente também o é analisável, mas disso depende um tipo de observação raramente considerado nas metodologias utilizadas para o estudo da informação em outros suportes, e que tem sido utilizada de forma demasiadamente simplificadora em relação à informação sonora, a “escuta que pensa” (BETTI.; MEDITSCH, 2019, p. 3).

com os conceitos apresentados no Capítulo anterior. A Análise Descritiva, é acionada no estudo como instrumento para descrever a narrativa sonora no podcast a partir de uma organização narratológica que surge na Análise Estrutural da Narrativa. Cada ferramenta metodológica será explicada com maior dedicação ao longo deste Capítulo.

O podcast “Caso Evandro” foi escolhido por apresentar um possível diferencial em sua expressão sonora em relação a outros programas brasileiros de *storytelling*. Além disso, após a seleção feita para a pesquisa, o programa ganhou popularidade entre os ouvintes e os portais de notícias<sup>13</sup>, reafirmando sua importância e relevância. Na sequência, iremos apresentar com mais profundidade o *corpus* da pesquisa, assim como a proposta metodológica criada para este estudo e os seus operadores.

## 2.1. O podcast Projeto Humanos

### 2.1.1. Piloto, Especiais, Crônicas, Primeira, Segunda e Terceira temporada

O *Projeto Humanos*<sup>14</sup> foi criado pelo professor universitário e *podcaster* – idealizador e produtor de podcast – Ivan Mizanzuk. O programa possui mais de 2,1 mil avaliações no iTunes, totalizando uma nota média de 4,9 dada pelos usuários da plataforma da Apple<sup>15</sup>. No agregador de podcast para smartphone *Castbox*<sup>16</sup>, são mais de 444 mil inscritos e 1 milhão e 500 mil execuções em seus episódios. Em 2019, o *Projeto Humanos*, o “Caso Evandro”, foi o único podcast no formato de *storytelling* indicado para “Podcast do Ano” em uma categoria pioneira na premiação MTVMIAW<sup>17</sup>. Além do *Humanos*, Mizanzuk é responsável também pelo *AntiCast* (2011), sendo este o seu primeiro podcast a alcançar popularidade.

---

<sup>13</sup> Muitas notícias começaram a serem veiculadas em portais após a estreia do programa. Nesta, por exemplo, o portal evidencia a sua popularidade. “Podcast que conta a história do ‘Caso Evandro’ bate 4 milhões de downloads e vai virar série”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/15/podcast-que-Conta-a-historia-do-caso-evandro-bate-4-milhoes-de-downloads-e-vai- virar-serie.ghtml>>. Acesso em: 24 julho de 2019.

<sup>14</sup> Página principal do *Projeto Humanos*. Disponível em: <<https://www.projetohumanos.com.br/>>. Acesso em: 24 julho de 2021.

<sup>15</sup> Avaliações dos ouvintes na plataforma da Apple sobre a temporada disponível em: <<https://podcasts.apple.com/br/podcast/projeto-humanos/id1023477643#see-all/reviews>>. Acesso em: 23 janeiro de 2021.

<sup>16</sup> Homepage do *Castbox* disponível em: <<https://castbox.fm/?country=br>>. Acesso em: 23 janeiro de 2021.

<sup>17</sup> Sendo a única indicação para podcast de *storytelling* “O Caso Evandro” não foi contemplado como vencedor. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/07/04/mtv-miaw-2019-veja-lista-completa-de-vencedores.htm>>. Acesso em: 25 julho de 2019.

O *Anticast*<sup>18</sup> foi disponibilizado em 2011. No comando do programa estava Ivan Mizanzuk, Marcos Beccari e Rafael Ancara. O objetivo dos criadores era discutir design, comunicação e cultura. Porém, ao passar de quase uma década de existência, o programa se inclinou a discutir assuntos que rodeavam a esfera política e social, intercalando falas entre o anfitrião do programa, Mizanzuk e convidados. O site do programa afirma que o podcast “fala sobre o que achar mais interessante, sempre prezando por uma visão crítica e questionadora. Política, arte, história e cultura digital são os temas mais explorados” (ANTICAST, 2011).

Alguns anos mais tarde, Mizanzuk decide partir para uma linha mais imersiva de narrativa, algo que se distanciava do formato “conversa informal”, bastante popular entre os formatos de *talk shows*, e que se aproximasse do gênero de *storytelling*, formato bastante utilizado nos programas *Serial* e *In the Dark*. Essa busca por uma estética mais complexa e conteúdo diferenciado aproxima Mizanzuk e outros *podcasters* – que experimentam o gênero – da segunda onda no podcast (KISCHINHEVSKY, 2017; BONINI, 2020).

O piloto do *Projeto Humanos*, o episódio “O bom de Briga<sup>19</sup>” foi disponibilizado em 08 de março de 2015. A peça sonora narra a história de seu pai e uma briga que tivera na infância. Com uma recepção positiva entre os ouvintes, o projeto paralelo vingou e o criador optou por lançar os episódios por temporadas temáticas ao invés de programas semanais, pois o tempo de idealização e produção do formato em *storytelling* é mais extenso. No início do segundo semestre de 2015, em 10 de agosto, a temporada “As filhas da Guerra<sup>20</sup>” chega aos ouvintes. A temporada pioneira dedica-se à história de Lili Jaffe, judia da Iugoslávia que ficou presa em Auschwitz, campo de concentração da Alemanha Nazista durante a Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1944 e 1945. Ao todo, são cinco episódios e mais um extra que expõem os bastidores da realização da primeira temporada.

Exatamente um ano após a estreia do piloto, o *Projeto Humanos* disponibiliza a sua segunda temporada intitulada como “O Coração do mundo<sup>21</sup>”. Diferente da temporada anterior, essa não contaria a história de uma única pessoa, mas focaria nas narrativas, contextos e relações de brasileiros e refugiados que foram envolvidos em conflitos no Oriente Médio. Mizanzuk esclarece:

---

<sup>18</sup> Site oficial do Anticast. Disponível em: <<http://anticast.com.br/>> Acesso em 25 jul, 2019.

<sup>19</sup> Piloto do Projeto. Disponível em: <<https://www.projetohumanos.com.br/especiais/ph0/>>. Acesso em: 25 julho de 2019.

<sup>20</sup> Primeira temporada completa de “As filhas da Guerra”. Disponível em: <<https://www.projetohumanos.com.br/temporada/as-filhas-da-guerra/>>. Acesso em: 25 julho de 2019.

<sup>21</sup> Segunda temporada completa de “O coração do Mundo”. Disponível em: <<https://www.projetohumanos.com.br/temporada/o-coracao-do-mundo/>>. Acesso em: 25 julho de 2019.

(...) O Coração do Mundo funciona como uma trama de diversas narrativas, buscando montar uma linha do tempo que nos faça entender melhor a dimensão humana dos conflitos de vários lados. Através de narrativas individuais, de pessoas que vivenciaram esses eventos, entendemos melhor o que foi o onze de setembro, o que é o Islamismo, a geopolítica do Oriente Médio e as diferenças entre grupos terroristas como Al-Qaeda e o autointulado Estado Islâmico (PROJETO HUMANOS, 2016).

Esse esforço do *Humanos* em abordar múltiplas narrativas e propor uma linha temporal coerente para o ouvinte também é vista na quarta temporada. Ao todo, são 14 episódios que intercalam essas histórias. O projeto traz também, pela primeira vez, a presença de especialistas para comentar sobre o Islamismo, religião muçulmana, e as complexidades do Oriente Médio.

A terceira temporada possui um histórico diferente das anteriores. Ao final de 2015, Ivan Mizanzuk recrutou colaboradores e ofereceu cursos sobre técnicas de *storytelling* em áudio. Após o final das aulas, os alunos desenvolverem “Crônicas<sup>22</sup>”, que posteriormente foram disponibilizadas como a terceira temporada do projeto. “O que faz um Herói?” foi inteiramente produzida e conduzida por esses alunos. São seis episódios que narram histórias de pessoas comuns que foram obrigadas a se tornar heróis perante alguma situação de risco. Mizanzuk explica sobre como os trabalhos de tema livre evidenciaram a figura do herói como eixo central dos episódios: “(...) notei como o tema do heroísmo parecia ser uma constante (entre os trabalhos). Essa unidade conceitual foi o que me motivou a montar uma temporada apenas com as histórias deles.” (PROJETO HUMANOS, 2016). A terceira temporada é assinada pelos *podcasters* Gustavo Di Lorenzo, Pablo de Assis, Isabela Cabral, Pedro Ferrari, Joviana Marques, Diogo Braga, e organizada por Ivan Mizanzuk.

Por se tratar do *corpus* dessa pesquisa, a quarta temporada, “Caso Evandro”, será tratada em um tópico a seguir. Porém, neste momento, além da trajetória do programa, também é necessário compreendermos a dimensão técnica do *Projeto Humanos*. Veja no quadro a seguir quais são as temporadas, quantidade de episódios, descrição do programa presente no site, duração do podcast, data de publicação e se existe algum conteúdo complementar em relação ao conteúdo apresentado no áudio. Este levantamento abrange as três primeiras temporadas mais extras produzidos.

---

<sup>22</sup> Crônicas. Disponível em: <<https://www.projetohumanos.com.br/temporada/cronicas/>>. Acesso em: 26 julho de 2019.

**Quadro 1** – Dimensão técnica e descritiva do *Projeto Humanos*.

FICHA TÉCNICA DOS EPISÓDIOS DÍSPONÍVEIS DO <i>PROJETO HUMANOS</i> 1ª, 2ª, 3ª temporada, Crônicas e Especiais					
Temporada/ Temática	Nome do Episódio	Resumo do episódio	Duração	Data de Publicação	Conteúdo complementar
<b>AS FILHAS DA GUERRA</b>  Primeira temporada	O Mal Puxa o Mal	Ivan Mizanzuk apresenta Lili Jaffe, iugoslava judia que foi prisioneira em Auschwitz, durante os anos de 1944 e 1945. Neste primeiro episódio, conhecemos um diário misterioso, aprendemos como era a vida de Lili na Iugoslávia e como começou a perseguição a judeus em sua cidade.	39'03''	10 de agosto de 2015	Links - <i>Museu do Holocausto de Curitiba e Xadrez Verbal</i>
	O Trabalho Liberta	Lili Jaffe conta sobre sua rotina em Auschwitz e como era seu contato com outros prisioneiros. Entendemos melhor a dimensão do que foi aquele campo, assim como o motivo pelo qual ele é tão citado.	71'58''	17 de agosto de 2015	Links - <i>Museu do Holocausto de Curitiba e Xadrez Verbal</i>
	A Profecia	Lili Jaffe conta como foi o fim da Guerra na Europa, o que ocorreu na fronteira com a Dinamarca e a origem de seu diário.	27'25''	24 de agosto de 2015	Links - <i>Museu do Holocausto de Curitiba e Xadrez Verbal</i>
	As Filhas da Guerra	Lili e seu marido tiveram dificuldades em transmitir suas histórias para sua família, ao mesmo tempo que a comunidade judaica lidou de maneiras diversas com o ódio e sentimentos de vingança.	32'36''	31 de agosto de 2015	Links - <i>Museu do Holocausto de Curitiba e Xadrez Verbal</i>

	O Que Aprendemos	Avaliamos os motivos pelos quais há tantas pessoas que negam o Holocausto, assim como os perigos que tais tipos de pensamento trazem. E levantamos a pergunta: há riscos de um novo Holocausto acontecer?	66'05''	7 de setembro de 2015	Links - <i>Museu do Holocausto de Curitiba e Xadrez Verbal</i>
	Extra – Sobre Lili Jaffe	Curiosidades sobre a produção da 1ª temporada.	-	8 de setembro de 2015	<i>Texto Multimídia; AntiCast 72 – A Invenção do Alfabeto com Noemi Jaffe</i>
<b>O CORAÇÃO DO MUNDO</b> Segunda temporada	O Peso do véu	Em 2015, Paula Zahra, uma muçulmana, foi agredida nas ruas de Curitiba.	73'25''	8 de março de 2016	Links – <i>Mulheres são vítimas de agressões por serem muçulmanas em Curitiba; Antropologia e Islã</i>
	Sharia, a lei islâmica	O que é a Sharia e por que ela produz tanto medo no mundo Ocidental?	84'26''	15 de março de 2016	Links - <i>Antropologia e Islã</i>
	Uma Jihad	A batalha diária que o muçulmano trava consigo mesmo.	110'32''	22 de março de 2016	Links - <i>Antropologia e Islã</i>
	A melhor ordem	A batalha diária que o muçulmano trava consigo mesmo.	81'18''	28 de março de 2016	-
	O interrogador	Desde pequeno, o brasileiro Francesco Tessitore queria ser um Marine dos EUA.	65'23''	5 de abril de 2016	-
	A caça ao terrorista	No Iraque, um ramo da Al-Qaeda é considerado violento demais até mesmo para Bin Laden.	70'23''	11 de abril de 2016	-



Uma primavera no Egito	Em 2011, um brasileiro participa da Primavera Árabe – e quase apareceu na revista Time.	79'36''	19 de abril de 2016	Links – <i>Matéria na TIME sobre Ali Mustafa; Remembering Ali Mustafa; Ali Mustafa no mural dos mártires da rua Mohamed Mohmoud</i>
Duas vidas sírias	Elia e Ahmed são sírios que vivem no Brasil, mas as formas como vieram são bem diferentes.	67'49''	25 de Abril de 2016	-
O inverno Árabe	Enquanto o mundo admira a Primavera, quem a vive sente frio.	108'35''	02 de maio de 2016	-
Ser Refugiado	Um estado provisório que às vezes dura uma vida.	66'06''	09 de maio de 2016	Videoclipe – <i>Bel Share por Khebez Dawle</i>
Passaporte para o inferno	Em 2012, o jornalista Klester Cavalcanti foi o primeiro (e único) brasileiro a ir ao coração do conflito sírio: a cidade de Homs.	61'06''	30 de agosto de 2016	Links – <i>Livro Dias de Inferno na Síria; Podcast “O nome disso é Mundo”; extensão para Chrome sobre refugiados (Seres Humanos)</i>
Dias de Inferno na Síria	Em Homs, Klester é preso e tem contato com um lado oculto da guerra.	53'04''	06 de setembro de 2016	Links – <i>Livro Dias de Inferno na Síria;</i>
Fugas e Lutas	Um brasileiro e um alemão na frente de batalha contra o Estado Islâmico. Outro brasileiro recebe refugiados.	98'31''	13 de setembro de 2016	Links – <i>Organização “Mais no mundo”; documentário “Os nove que venceram o Estado Islâmico”; Programa “Que mundo é esse?” e “Não</i>

					<i>conta lá em Casa</i> ".
	Querido Adam	Uma jornalista francesa escreve uma carta para um bebê refugiado.	26'40''	20 de setembro de 2016	Links – <i>Texto de Serene Assir; Mitografias; Clube do Livro, Podcast "Amanhã podia ser melhor"; crônicas do Projeto Humanos.</i>
	Sobre "O Coração do Mundo"	Produção, proposta e outros materiais.	-	21 de setembro de 2019	<i>Texto Multimídia; Videoclipe – Bel Share por Khebez Dawle</i>
<b>O QUE FAZ UM HERÓI</b>  Terceira temporada	A Donzela da Torre	Durante a ditadura militar, a jornalista Rose Nogueira foi presa como terrorista.	56'09''	22 de novembro de 2016	-
	Houve um 29 de abril	Em 2015, Cláudio Franco teve seu rosto estampado em todos os jornais do Brasil, após enfrentar a Polícia Militar em protestos.	84'10''	29 de novembro de 2016	Links – <i>Mitografias; Site de Pablo.</i>
	O eterno Devedor	Aos 30 anos, o carioca Samuel Lourenço tenta pagar uma dívida que sabe que é impossível de ser quitada.	60'52''	06 de dezembro de 2016	-
	O seu Diamante	Denis Camargo divide sua biografia entre enfermeiro e palhaço.	35'32''	13 de dezembro de 2016	-
	Sobre Serendipidades	Às vezes os heróis estão tão próximos que nem os notamos.	28'53''	20 de dezembro de 2016	Links – <i>Clube do Livro JF; Site Jovi Artwork</i>
	O Chapéu, o Herói e o Feio	Um western tipicamente brasileiro.	21'31''	26 de dezembro de 2016	Links – <i>Diário do Menestrel; Casos e Causos; Facebook;</i>

					<i>Instagram; Grupo do Telegram do Casos e Causos.</i>
	Sobre “O que faz um Herói”	Material extra e outras informações.	-	27 de dezembro de 2016	-
CRÔNICAS	Perdas	Parentes, memórias... e nós mesmos. O que se perde pode não ser recuperado, mas com certeza reinventado.	51’11”	16 de dezembro de 2015	Links – <i>Diário do Menestrel.</i>
	Criação	Algumas vezes, um papel em branco parece um muro de 10 metros.	44’19”	23 de dezembro de 2015	Links – <i>Página Jovi Atwork;</i>
	O Acaso	Gostamos de pensar que controlamos nossas vidas, mas...	45’10	30 de dezembro de 2015	Links – <i>Portfólio Wilton Santana; Mitografias; Facebook Gustavo Di Lorenzo.</i>
	Cresci, e agora?	Pode ser aos 15, pode ser aos 50. Em algum momento, é necessário virar adulto.	32’26”	06 de janeiro de 2016	-
	Sobre “Crônicas”	Da onde veio a ideia e como foram produzidas.	-	07 de janeiro de 2016	-
ESPECIAIS	O Bom de Briga (piloto)	Um pai conta a história de uma briga que teve (e perdeu) quando era criança. Episódio piloto do Projeto Humanos.	16’15”	08 de março de 2015	-
	A Verdade Nua e Crua	Um dia, o namorado de Mariana foi buscá-la na faculdade. A partir de então, sua vida virou um inferno.	31’52”	14 de setembro de 2015	Links – <i>Texto sobre “Especiais”</i>
	Sobre “Especiais”	Detalhes sobre as produções.	-	15 de setembro de 2015	-

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

Conforme foi mostrado acima (Quadro 1), ao longo de sua trajetória, o Projeto possuiu recortes temáticos que delimitaram uma linha narrativa a ser seguida pelo conteúdo. Alguns episódios contêm materiais que podem complementar a experiência do ouvinte, como links, indicações de livros ou outros podcasts. Além disso, fica evidente que cada produção, independente do eixo temático, explora o universo narrativo sem se ater necessariamente aos padrões de programação radiofônica hertziana. Luiz Artur Ferrareto (2014, p. 53) esclarece que o formato, baseado no conceito norte-americano *format clock*, é um “padrão que baseia a marcação do tempo destinado aos conteúdos (...) em relação às parcelas ocupadas pelo intervalo comercial”. O podcast abre mão dessa especificidade técnica de programação. Portanto, os episódios ficam livres para oferecer o seu conteúdo independente da minutagem, proporcionando uma oscilação entre a média de escuta ao longo das temporadas. Veja no quadro a seguir:

**Quadro 2** – Média de escuta dos podcasts do *Projeto Humanos*.

<b>MÉDIA DE ESCUTA DOS EPISÓDIOS PROJETO HUMANOS: 1ª, 2ª, 3ª temporada, Crônicas e Especiais</b>			
<b>Temporada/Temática</b>	<b>Nº de Episódios</b>	<b>Duração total</b>	<b>Média de Escuta</b>
AS FILHAS DA GUERRA	5	236'27''	47'25''
O CORAÇÃO DO MUNDO	14	1044'54''	74'61''
O QUE FAZ UM HERÓI	6	285'87''	47'64''
CRÔNICAS	4	172,66	43'16''
ESPECIAIS	2	47'67''	23'83''

**Fonte:** Quadro elaborado pelo autor.

Considerando que as “Crônicas” e os “Especiais” fazem parte de um trabalho pioneiro e experimental, e que a terceira temporada “O Que Faz Um Herói” foi produzida por terceiros, podemos concluir que as produções responsáveis por Ivan Mizanzuk, conforme as temporadas avançam, apresentam uma evolução no nível das complexidades narrativas e técnicas. Apesar dessa trajetória não fazer parte do recorte analítico do *corpus*, é importante ressaltar o esforço evidente entre as produções para complexificar as abordagens narrativas, sem dificultar o entendimento do ouvinte, proporcionando uma linha temporal coerente. Aos olhos deste pesquisador, as duas primeiras temporadas viriam servir de um grande ensaio para algo maior. Anteriormente o programa testou locuções, trilhas, abordagens, durações, sons, textos, identidades visuais para o site, conteúdos complementares, convidados etc., para compreender quais eram as ferramentas que o formato *storytelling* proporcionava para a experiência no áudio.

Após essa avaliação técnica e narrativa, o *Projeto Humanos* estaria entregando a sua maior, mais extensa e complexa obra até então, a quarta temporada “Caso Evandro”.

### 2.1.2. A quarta temporada – O Caso Evandro

A quarta temporada do *Projeto Humanos* dedica-se a narrar a história de um crime que mobilizou a opinião pública e movimentou pautas nos noticiários nacionais, principalmente durante a década de 90<sup>23</sup>. Evandro Caetano dos Santos, uma criança de seis anos de idade, desapareceu em 06 de abril de 1992. Após alguns dias, o corpo da criança foi encontrado sem os dedos, couro cabeludo, olhos, língua, vísceras e órgãos genitais. Três meses depois, em julho, sete pessoas foram acusadas e presas pelo sequestro e assassinato de Evandro em um suposto ritual satânico. Incoerência nos depoimentos, fatos e julgamento marcaram o caso que teve o júri mais longo da história do Brasil<sup>24</sup> (34 dias de julgamento). Dadas as devidas proporções, este é o cenário com que Ivan Mizanzuk inicia o podcast e a sua locução.

A produção documental da temporada começou em 2015, mas antes da sua estreia oficial, o programa passou por alguns adiamentos. No episódio “Aviso Importante<sup>25</sup>” do *Anticast*, publicado em 23 de agosto de 2017, Mizanzuk relata que a quarta temporada, prevista para o dia 28 de agosto, teria que ser adiada. O último trâmite processual do caso havia ocorrido em 2016, finalizando até aquele momento o caso. Porém, em 2017, o processo recebeu um novo recurso de uma das partes envolvidas e o caso retornou às instancias judiciais. Para não direcionar algum tipo de interpretação, seja por parte dos envolvidos ou da justiça, o *podcaster* decidiu pelo adiamento da temporada. Em 17 de janeiro de 2018, o *Anticast* disponibilizou uma atualização<sup>26</sup> para os ouvintes sobre o andamento do projeto e uma possível data de lançamento.

---

<sup>23</sup> O Portal de notícias UOL fez uma reportagem explicando como o *Caso Evandro* movimentou a imprensa nacional na época e, ainda, como o caso possui a capacidade de despertar até hoje o interesse do público. Leia-se em um trecho: “De fato, Mizanzuk não escolheu um ‘furo de reportagem’ ou uma história pouco documentada para contar. Ao longo dos anos 90, o Caso Evandro foi amplamente noticiado, inclusive por veículos de outros estados. Chegou a render o Prêmio Esso de jornalismo à repórter Vania Mara Welte em 1996 pela série de reportagens ‘As Bruxas de Guaratuba’ (publicadas pelo extinto jornal curitibano Hora H)”. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/04/21/podcast-sobre-menino-assassinado-no-pr-deve-atingir-1-milhao-de-downloads.htm>>. Acesso em: 29 julho de 2019.

<sup>24</sup> O júri mais longo da história. Disponível em: <[https://istoe.com.br/133790\\_AS+BRUXAS+DE+GUARATUBA/](https://istoe.com.br/133790_AS+BRUXAS+DE+GUARATUBA/)>. Acesso em: 30 julho de 2019.

<sup>25</sup> Episódio “Aviso Importante”, disponível em: < <http://anticast.com.br/2017/08/anticast/aviso-importante/>>. Acesso em: 30 julho de 2019.

<sup>26</sup> Episódio com as atualizações do *Projeto Humano* disponível em: <<http://anticast.com.br/2018/01/anticast/projeto-humanos-atualizacao/>>. Acesso em: 30 julho de 2019.

Após três anos desde o início da produção da quarta temporada, no dia 31 de outubro de 2018, o “Caso Evandro” tem a sua estreia feita no site oficial do projeto. Os episódios foram divulgados semanalmente às quartas-feiras, com blocos temáticos que foram dedicados a explicar cada eixo específico do caso. O podcast se organizou da seguinte maneira:

**Quadro 3** – Eixos temáticos organizados para divulgação do podcast o “Caso Evandro”.

<b>Eixos Temáticos Organizado pelo Projeto Humanos</b>		
<b>Parte</b>	<b>Eixo</b>	<b>Episódios</b>
I	O “Caso Evandro”	1 a 6
II	As Confissões	7 a 12
III	Coisas Estranhas e Argumentos da Acusação	13 a 16
IV	Álibis e Testemunhas de Acusação	17 a 24
EXTRA	Direito de Resposta de Diógenes Caetano e Episódio 25	Extra + 25
V	O Corpo	26 a 32
VI	O que restou	33 a 36

**Fonte:** Projeto Humanos.

De acordo com algumas falas feitas por Mizanzuk ao longo das introduções dos episódios do podcast, os blocos foram criados para dar coesão à história, já que a narrativa do caso possuía diversas informações, personagens, autos dos processos, reportagens, arquivos, depoimentos, entre outros. Assim, ao planejar a temporada, os assuntos mais recorrentes ou interligados poderiam ser alocados em eixos temáticos nos quais seriam explorados ao longo dos episódios de forma coerente.

A parte I procura explicar os eventos que permeiam o desaparecimento do menino Evandro e de outras crianças, e a prisão dos sete acusados. A parte II narra os contextos das confissões feitas pelos acusados na época e que envolvem indícios de tortura e coerção policial. Já na parte III, a narrativa investe nos detalhes e contrapontos entre a acusação e a defesa do caso. Neste momento, o programa dedica-se a analisar os furos de narrativas apresentados entre os acusados e as manobras da acusação para ganhar o processo. Na parte IV, os álibis dos acusados, onde e com quem estariam no dia do desaparecimento, são apresentados e a acusação interroga as testemunhas. A parte V explora, em detalhes, o processo de autópsia do corpo encontrado, além de abordar os exames de DNA realizados. Por fim, a última parte, caminha para a conclusão momentânea da história, apresenta outras linhas de investigação e Mizanzuk expõe a sua própria teoria, como narrador e jornalista, sobre o que teria ocorrido de fato neste

caso. Além das seis partes, existe o bloco “Extra”, no qual o *podcaster* repara alguns equívocos cometidos por ele na história e manifesta a sua opinião em relação ao pedido de resposta de um dos envolvidos.

A seguir, no quadro 4, é possível visualizar a disposição dos episódios, assim como seus títulos, descrição do(s) assunto(s) tratado(s), duração, data de publicação e se possui links para conteúdos complementares.

**Quadro 4** – Lista de episódios de o “Caso Evandro” e conteúdos extras.

<b>FICHA TÉCNICA DOS EPISÓDIOS DISPONÍVEIS DO PROJETO HUMANOS: 4ª temporada – O “Caso Evandro”</b>					
<b>Bloco</b>	<b>Nome do Episódio</b>	<b>Descrição do episódio</b>	<b>Duração</b>	<b>Data de Publicação</b>	<b>Conteúdo complementar</b>
I	O Caso Evandro	No dia 6 de abril de 1992, na cidade de Guaratuba, litoral do Paraná, o menino Evandro Ramos Caetano desapareceu. E a partir desse dia, Guaratuba nunca mais foi a mesma.	64'44''	31 de outubro de 2018	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	As Confissões	Em julho de 1992, sete pessoas foram presas em Guaratuba após elas terem confessado que teriam sacrificado o menino Evandro Ramos Caetano num ritual satânico. Mas o Grupo TIGRE que investigava o caso não teve nada a ver com as prisões.	65'11''	07 de novembro de 2018	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	O Acusador	A denúncia de Diógenes Caetano dos Santos Filho apontando suas suspeitas contra a família Abagge foi a responsável pelo envolvimento do Grupo ÁGUIA da Polícia Militar e as prisões dos sete acusados. Teria Diógenes ajudado a solucionar o Caso Evandro? Ou teria ele feito uma armação contra as Abagge?	56'58''	14 de novembro de 2018	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	“Tá lançado o veneno”	Durante os júris referentes ao Caso Evandro, as	70'51''	21 de novembro de 2018	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>

		defesas levantavam a possibilidade de Diógenes possuir interesses políticos ao denunciar as Abagge. Qual era o cenário político de Guaratuba e no Paraná no início da década de 1990? O quão longe Diógenes seria capaz de ir em suas acusações?			
	A outra criança	No dia 15 de fevereiro de 1992, dois meses antes de Evandro, uma outra criança havia desaparecido em Guaratuba. Seu nome era Leandro Bossi e, após a prisão dos sete acusados, um novo delegado foi designado para continuar as investigações do caso Bossi. Estariam relacionados os casos de Leandro e Evandro?	77'10''	28 de novembro de 2018	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Outros Corpos	Em março de 1993, uma ossada foi encontrada num local próximo onde foi encontrado o corpo reconhecido como o de Evandro Ramos Caetano em abril de 1992. Essa ossada estava com trajes que seriam os de Leandro Bossi. E a cada novo corpo, mais dúvidas surgiram em Guaratuba.	128'58''	05 de dezembro de 2018	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i> ; <i>Podcast Anticast Making of Caso Evandro</i> ; <i>Site SICRIDE</i> ; <i>Livro "SICRIDE"</i>
II	As Fitas VHS	Nos dias 1º e 2 de julho de 1992, cinco pessoas foram presas em Guaratuba. O grupo ÁGUIA, da Polícia Militar, gravou as confissões de algumas delas em vídeo.	129'21	20 de fevereiro de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	O Fórum	Após serem presas no dia 2 de julho de 1992, as Abagge foram encaminhadas ao Fórum de Guaratuba para prestarem depoimentos.	112'52''	27 de fevereiro de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	A Fita Cassete	As confissões de Beatriz e Celina Abagge gravadas	139'46''	6 de março de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>



III		em fita cassete foram amplamente divulgadas na imprensa da época. Mas onde ela foi gravada?			
	As Prisões de 1 e 2 de julho	Nos dias 1 e 2 de julho de 1992, cinco pessoas foram presas. As defesas alegaram sequestro e tortura para obtenção de confissões.	80'25''	13 de março de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	A Mansão Stroessner	Durante as prisões de 1 e 2 de julho de 1992, Celina e Beatriz afirmam que foram levadas para uma chácara. Mas Osvaldo e Davi afirmavam que, além da chácara, também teriam ido para outra casa.	90'11''	20 de março de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	“Eu sou um Número”	No dia seguinte às prisões dos cinco primeiros acusados, mais duas pessoas foram presas em Guaratuba, completando assim o número sete.	81'16''	27 de março de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Os Exames de Lesões Corporais	No dia 3 de julho, os primeiros cinco presos foram ao IML de Curitiba. Haveria indícios de tortura neles? Quais outras controvérsias?	77'32''	03 de abril de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Os Médicos	Entre 1992 e 1998, os médicos que realizaram os exames de lesões corporais no IML de Curitiba prestaram alguns depoimentos. O que eles diziam?	60'31''	10 de abril de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Os Detalhes	Acerca das alegações de torturas, os acusados enfrentam um problema nos júris: às vezes lembram pouco, às vezes lembram muito.	54'32''	17 de abril de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	O Arquivamento	O inquérito para apuração das alegações de torturas foi arquivado por uma	86'42''	24 de abril de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>

		promotora chamada Elaine Sanches. Quem era ela e por quais motivos o inquérito foi arquivado?			
IV	A Denúncia	No dia 29 de maio de 1992, Diógenes Caetano do Santos Filho foi ao Ministério Público do Paraná e prestou sua declaração que, de acordo com as defesas, levou à prisão dos sete acusados. Mas como que ele chegou àquelas conclusões?	79'52''	01 de maio de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Dia 6 ou 7?	Um dos eventos que mais chamava a atenção da acusação era a busca feita de madrugada pelos tios de Evandro com dois dos sete acusados, logo após o desaparecimento do menino. Mas qual foi a data exata dessa busca?	70'17''	08 de maio de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>
	Os Álibis das Abagge	Beatriz Abagge alegava que na noite do dia 7 de abril de 1992, data e horário em que teria ocorrido o ritual, estava em casa, recebendo o grupo TIGRE. Já Celina alegava que estava em uma festa acompanhada de seu marido, o prefeito Aldo Abagge. Será que há pessoas que confirmam esses álibis?	93'37''	15 de maio de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>
	Um Trabalho na Serraria	Duas testemunhas foram essenciais para a construção da denúncia do Ministério Público contra os sete acusados. Uma delas afirmava ter visto os acusados na serraria, realizando um trabalho. Essa pessoa era o vigia do local.	66'52	22 de maio de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>
	O Guardião	Irineu Wenceslau de Oliveira era o guardião da serraria Abagge. De acordo com o dossiê	58'17''	29 de maio de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>

		“Operação Magia Negra”, redigido pelo então capitão do Grupo ÁGUIA Valdir Copetti Neves, Irineu teria sido dispensado numa noite e testemunhado um ritual na serraria. Mas o que foi que ele viu exatamente?			
	A Outra Testemunha	Edésio da Silva era uma das principais testemunhas de acusação. De acordo com seu relato, na manhã do dia 6 de abril de 1992, ele passava pela rua onde Evandro morava e testemunhou ele sendo sequestrado por Celina, Beatriz e mais um homem.	65'32''	05 de junho de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>
	A Fita Escondida	De acordo com uma denúncia prestada em 1993, a testemunha de acusação Edésio da Silva passou a receber ameaças para que mudasse seu depoimento a partir de dezembro de 1992. Como base para esta denúncia, havia uma fita cassete que Edésio gravou escondido.	115'22''	12 de junho de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>
	Um dia em Guaratuba	Ao andar por Guaratuba nos dias de hoje, muitos habitantes ainda têm lembranças sobre o caso. Como que eles relatam o que viram e viveram? E como que entrou em cena uma nova testemunha de acusação em outubro de 1997?	98'29''	19 de junho de 2019	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro; Votação Melhor Podcast do Ano MTV MIAW</i>
EXTRAS	Direito de Resposta de Diógenes Caetano	Diógenes Caetano dos Santos Filho requisita um direito de resposta após ter postado comentários no Spreaker do Projeto Humanos.	26'06''	24 de junho de 2019	Links – <i>PDF contendo comentários de Diógenes e outros ouvintes no episódio 24, no Spreaker; Apelação Ministério Público x Airton Bardelli e Sérgio Cristofolini; Diógenes E-mails: (Parte 1) – 8 de dezembro de 2018; Parte (2) – 8 de</i>

					<i>Fevereiro de 2019; (Parte 3) – 9 – 11 de Março de 2019; (Parte 4) – 20 – 22 de Junho de 2019</i>
	Sete Segundos	Sob a luz de novos documentos, é hora de revisarmos algumas informações que passamos em episódios passados. E também de mudar a história para sempre.	141'10''	10 de março de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
V	O Corpo	Após as prisões de julho, os advogados de defesa passaram a questionar a identidade do corpo.	74'16''	1 de setembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	A Altura	A altura do corpo é um dos pontos centrais do debate entre acusação e defesa. Como ela foi medida?	75'26''	8 de setembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Quanto tempo?	A defesa sempre argumentou que o corpo aparentava estar num estado que não corresponderia com o tempo em que Evandro desapareceu. Como se calcula isso?	160'15''	15 de setembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Dentes	Antes do DNA, o exame de arcada dentária seria o procedimento definitivo para identificação do cadáver. Mas por que ele foi tão questionado pelas defesas?	51'38''	22 de setembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	O DNA: Parte 1	Em 1992, exames de DNA eram raridades caras. Para padrões da época, o corpo já estava identificado. Por que então ele foi realizado?	90'13''	29 de setembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	O DNA: Parte 2	Além do problema da cadeia de custódia, as defesas também apontavam problemas na forma como o teste de DNA foi realizado.	80'51''	06 de outubro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>

VI	O DNA: Parte 3	Com base no laudo de DNA, o Ministério Público afirmava que havia presença de sangue humano nos materiais coletados dos acusados – mas essa afirmação é mais confusa do que se imagina. Até que ponto as fés determinam as conclusões deste caso?	137'36''	13 de outubro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	Retratos Falados	A maior parte dos relatórios de investigação do Grupo TIGRE encontram-se num apenso chamado de “Dossiê X”. Nele, temos maiores detalhes dos rumos e suspeitos que se desenhavam nas semanas seguintes ao assassinato de Evandro.	67'37''	20 de outubro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	O Lenhador	Durante os três meses em que o Grupo TIGRE investigou o Caso Evandro em 1992, um morador do matagal sempre trazia novas informações a cada novo depoimento. Com o passar dos dias, Euclídio (também conhecido como “Euclides” ou “Barba”) tornou-se o principal suspeito do delegado chefe.	149'55''	27 de outubro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
	LUS	No mesmo período em que Leandro Bossi e Evandro Ramos Caetano desapareceram, membros do Lineamento Universal Superior (LUS) estavam em Guaratuba – entre eles, seus líderes Valentina de Andrade e José Teruggi. Após os fatos do Paraná,	114'07''	03 de novembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>

		Valentina foi acusada de ser a líder de uma seita que sacrificava crianças em Altamira, no estado do Pará. Seriam eles potenciais suspeitos do caso Guaratuba?			
	Alguns finais	O encerramento de algumas pendências, apontamentos de prováveis caminhos e as algumas teorias pessoais.	94'08''	10 de novembro de 2020	Links - <i>Enciclopédia Caso Evandro</i>
Anticast	Aviso Importante	Ivan Mizanzuk traz um recado importante sobre o <i>Anticast</i> dessa semana e a quarta temporada do <i>Projeto Humanos</i> , “O Caso Evandro”.	14'52''	23 de agosto de 2017	-
	<i>Projeto Humanos</i> : Atualizações	Não tem <i>Anticast</i> essa semana por causa da produção do <i>Projeto Humanos</i> . Ivan Mizanzuk aproveita para explicar como está indo	6'55''	17 de janeiro de 2018	Links – <i>Recomendações podcast: Imagina Juntas, as Mathildas, Chutando a Escada, ViraCasacas, Lado B do Rio, Olhares Podcast, Apenã, Petit Jornal.</i>
	Anticast 367 – Making Of Caso Evandro	Neste episódio, Ivan Mizanzuk, Hannah Cliton, Luis Izalberti e Samuel Borges conversam sobre os bastidores da produção do “Caso Evandro”, a nova temporada do podcast <i>Projeto Humanos</i> . Como que conhecemos esse caso? Qual era o volume de informações que tínhamos que trabalhar? Como funciona o acesso a processos criminais no Brasil? O que podemos esperar dessa nova temporada? (o programa foi gravado em agosto de 2017, data original de lançamento do Caso Evandro, mas que teve que ser adiada. explicamos com mais	14'52''	23 de agosto de 2017	-

		detalhes sobre isso na introdução)			
--	--	------------------------------------	--	--	--

**Fonte:** *Projeto Humanos*. Quadro elaborado pelo autor.

Conforme já foi mencionado, devido à quantidade extensa de personagens e linhas narrativas, o *Projeto Humanos* criou e disponibilizou uma enciclopédia<sup>27</sup> para que o ouvinte possa acompanhar o desenrolar da história. A enciclopédia está dividida em quatro sessões: 1) Materiais Extras, Resumos Etc.; 2) Personagens; 3) Mapa e 4) Policiais. Além disso, o usuário pode escolher um dos subtemas (Acusados; Advogado Defesa; Assistente acusação; Crianças Desaparecidas; Delegado Civil; Dentista; Escrivão; Especialistas; Familiares de Crianças Desaparecidas; Família Abagge; Família Caetano; Grupo ÁGUIA, Jornalista; Juiz; Juiz 98; Legista; Médico; Policial; Policial Federal; Policial Militar; Político; Procuradores; Promotores; Testemunha e Outros) para compreender um determinado agrupamento de pessoas ou assunto, algo semelhante feito com a divisão de blocos.

Em “Materiais Extras, Resumos Etc.”<sup>28</sup>, o conteúdo é organizado por episódio. Ao clicar na postagem referente, o usuário é direcionado para uma página seguinte na qual os documentos que foram usados para fundamentar a narrativa daquele programa. A parte dedicada aos “Personagens”<sup>29</sup> possui uma lista em ordem alfabética das pessoas que, de alguma forma, estão envolvidos na história. Ao todo, são 208 personagens listados e citados.

A terceira divisão apresenta um “Mapa”<sup>30</sup> interativo, criado por meio do Google Maps, com as indicações dos lugares chave em que o caso se desenvolveu. O ouvinte-internauta pode escolher quais rotas quer seguir no mapa e assim acompanhar a sucessão de eventos entre uma marcação local e outra, como uma linha do tempo. Por último, a enciclopédia apresenta “Polícias”<sup>31</sup>, com quatro instâncias policiais envolvidas, o grupo AGUIA, grupo TIGRE, SICRIDE e a Polícia Federal. Ressaltamos que este trabalho se dedica a análise narrativa sonora que o *Protejo Humanos*, o “Caso Evandro”, traz ao longo de seus episódios. Portanto, os materiais multimídias complementares, como links e a própria enciclopédia, não serão

<sup>27</sup> Enciclopédia o *Caso Evandro* disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/wiki/>>. Acesso em: 24 janeiro de 2021.

<sup>28</sup> “Materiais Extras, Resumos etc.” disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/wiki/category/linhas-do-tempo/>>. Acesso em: 24 janeiro de 2021.

<sup>29</sup> “Personagens” disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/wiki/category/linhas-do-tempo/>>. Acesso em: 24 janeiro de 2021.

<sup>30</sup> “Mapa” interativo disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/wiki/category/linhas-do-tempo/>>. Acesso em: 24 janeiro de 2021.

<sup>31</sup> “Polícias” disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/wiki/category/policias/>>. Acesso em: 31 julho de 2019.

analisados. Eles estão indicados na descrição do *corpus* por fazerem parte do projeto como um todo.

Fora do site, o Projeto também possui presença. Nas redes sociais on-line, a divulgação do projeto é feita pelas contas do *Anticast* – por ser o braço principal que viabiliza o financiamento para os outros podcast. Oficialmente, o Humanos possui divulgação no Twitter, Facebook e YouTube. Extraoficialmente, o podcast possui uma conta no Twitter chamada de “@HumanosProjeto”, no qual replica conteúdos do próprio *Anticast*, de Ivan Mizanzuk, de fãs e assuntos relacionados. Ainda existem dois espaços de troca de mensagens entre os fãs do programa, o grupo no Telegram, aplicativo de troca de mensagens, e o Reddit, fórum/comunidade de discussão entre usuários.

A escolha do podcast *Projeto Humanos* como objeto de análise está apoiada nos estudos que discutem a humanização do podcast após a segunda onda em 2014 (KISCHINHEVSKY, 2017. BONINI, 2020) e a sofisticação das narrativas no âmbito do *storytelling* (LOPEZ.; VIANA.; AVELAR, 2018). Além disso, a sua diversidade acústica suscita uma expressão sonora (ARNHEIM, 2005. SCHAFER, 2001) que potencializa experiências, mesmo quando este cenário é somente construído pela narração. Esses elementos, narrativos sonoros, são apresentados, cuidadosamente, para orquestrar algum sentimento em relação à história contada ao longo dos seus 36 episódios. A sua estrutura se assemelha a outras produções de podcasts criminais norte-americanas de sucesso como *In the Dark* e *Criminal*.

### 2.1.3. *O crime que marcou uma cidade*

O “Caso Evandro” possui tópicos que parecem ativar o imaginário popular. Esse interesse foi rerepresentado a um novo público pelo *Projeto Humanos* em sua quarta temporada, e causou uma verdadeira febre entre os ouvintes. Portais como G1<sup>32</sup>, O Globo<sup>33</sup> e O Dia<sup>34</sup>, noticiaram o impacto que o podcast estava causando nas pessoas, além de mencionar os próximos passos.

---

<sup>32</sup> G1 publica “Podcast que conta a história do ‘Caso Evandro’ bate 4 milhões de download e vai virar série”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2019/06/15/podcast-que-Conta-a-historia-do-caso-evandro-bate-4-milhoes-de-downloads-e-vai- virar-serie.ghtml>>. Acesso em: 31 julho de 2019.

<sup>33</sup> O Globo noticia “‘Caso Evandro’, *podcast* que virou febre com investigação de crime, vai virar série e livro”. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/caso-evandro-podcast-que-virou-febre-com-investigacao-de-crime-vai- virar-serie-livro-1-23715387>>. Acesso em: 31 de julho de 2019.

<sup>34</sup> O Dia escreve “*Podcast* sobre ‘Caso Evandro’, que virou febre na internet, vai virar série e livro”. Disponível em: <<https://odia.ig.com.br/diversao/2019/06/5649547-podcast-sobre--caso-evandro---que-virou-febre-na-internet--vai- virar-serie-e-livro.html>>. Acesso em: 31 de julho de 2019.



“Mas como de fato o crime ocorreu?” Ao longo deste tópico, iremos descrever os acontecimentos que iniciam o podcast, e que no entendimento deste pesquisador, também é o ponto de partida mais significativo para a narrativa de Evandro. Portanto, neste momento, serão descritos os eventos que implicam no desaparecimento da criança, as circunstâncias em que o corpo da vítima foi achado e a prisão dos acusados. Tais eventos são apresentados nos dois primeiros episódios da quarta temporada do *Projeto Humanos*. Essa descrição permite que alguns cenários narrativos sejam apresentados e, assim, possibilita, mesmo que minimamente, que as conjunturas sobre o caso sejam expostas, já que o crime possui narrativas com camadas complexas.

Guaratuba é uma cidade litorânea que está localizada no estado do Paraná. De acordo com um vídeo institucional produzido pela Prefeitura Municipal, em 1992, levantado posteriormente pelo *Projeto Humanos*, a cidade era conhecida pelo clima interiorano e pela importância do seu balneário para o Estado. O empresário, Aldo Abagge, exercia na época o último ano de mandato no cargo de prefeito e era dono de uma serralheria conhecida na cidade. Ele era casado com Celina Abagge, a primeira-dama de Guaratuba, e tinham duas filhas, Beatriz Abagge, terapeuta ocupacional, e Sheila Cordeiro Abagge, psicóloga. Os quatro eram conhecidos pela dedicação e pelo trabalho que prestavam à comunidade local.

O ponto significativo para o desaparecimento e também para a narrativa do crime, que será desenvolvida ao longo dos episódios, inicia-se no dia 6 de abril de 1992, uma segunda-feira pela manhã. A família Caetano que era composta pelo pai, Ademir Caetano, pela mãe, Maria Caetano, por dois irmãos mais velhos, Márcio e Junior, e por Evandro, o caçula, iniciaram as atividades familiares bem cedo naquele dia. O pai saiu para trabalhar na prefeitura, os irmãos foram estudar e a mãe saiu para lecionar em uma escola a alguns metros de casa. Maria era acostumada a levar Evandro para o trabalho consigo, porém, devido ao mal tempo naquela segunda-feira, resolveu deixar o caçula dormindo por mais algumas horas.

Já acostumado com a rotina familiar, Evandro acordou, tomou café, pegou as chaves de casa e saiu ao encontro de sua mãe. Ele a encontrou na escola. Porém, resolveu voltar em casa para buscar um jogo eletrônico portátil que havia ganhado. No trabalho, por volta do meio-dia, Maria sentiu falta do filho e partiu em caminhada até a sua casa para buscá-lo. Ao chegar, percebeu que o jogo eletrônico portátil ainda estava no mesmo lugar em que Evandro havia deixado na noite passada. Ela procurou pela casa e não o encontrou.

Não demorou muito para que os habitantes de Guaratuba se mobilizassem e saíssem à procura do garoto. Nesta mesma época, outras crianças haviam desaparecido no Paraná, e

devido a isso, Aldo Abagge, o prefeito, junto ao delegado da cidade, aciona o Grupo Tático Integrado de Grupos de Repressão Especial, o T.I.G.R.E.<sup>35</sup> da Polícia Civil, para que ajudassem na procura de Evandro. As buscas ocorreram por dias, sem sucesso.

A imprensa chegou a Guaratuba no dia seguinte, 07 de abril, para cobrir o caso. Neste mesmo dia, o assessor da comunicação da Prefeitura teria tentando impedir que os jornalistas presentes divulgassem o caso. Além disso, o tio de Evandro, Diógenes Caetano dos Santos Filho, discutiu com Aldo Abagge, o prefeito, sobre os impedimentos feito pelo assessor. Nesta mesma noite, a tia por parte de mãe de Evandro, Davina Correia Ramos Pikcius, relata que a filha do prefeito, Beatriz Abagge, compareceu à casa da família Caetano com mais seis pessoas, incluindo o pai de santo, Vicente de Paula Ferreira, e o artesão, Davi dos Santos Soares, para fazer rezas e utilizar das mediunidades de Vicente para localizar Evandro.

Após rezarem no quarto de Evandro, Davina, o seu marido e Davi, se juntaram ao médium e ao leitor de búzios, Osvaldo Marcineiro, em um carro e saíram pela cidade em busca do menino. Osvaldo trajava uma capa preta e vermelha, usava lenço no pescoço e chapéu. Os acessórios o auxiliariam a incorporar uma entidade que o ajudaria nas buscas. De acordo com um depoimento anexado ao caso, Osvaldo teria utilizado de suas habilidades mediúnicas para chegar até um matagal próximo à cidade, local no qual presentiu uma perturbação ou algo diferente. Os quatros não chegaram a investigar o matagal por medo e pela falta de visibilidade à noite.

Na quarta-feira, 08 de abril, as investigações do Grupo T.I.G.R.E. começaram e Diógenes Caetano Filho, tio de Evandro, apresenta diversas informações aos delegados do caso, mas sem revelar as suas fontes. Pela primeira vez, alguém seria acusado. Diógenes afirmaria que Celina Abagge, primeira-dama de Guaratuba, seria a responsável pela morte de Evandro. O crime teria como objetivo a venda órgãos e rituais de magia negra.

Em meio às investigações, um corpo é encontrado. No dia 11 de abril, sábado, após cinco dias do desaparecimento, dois moradores da região, Lázaro Marcheti e Daniel Miranda, perceberam a presença de urubus em uma área. Ao verificarem, encontram um corpo em estado avançado de putrefação. Este local seria a mesma área que Osvaldo Marcineiro, o pai de santo, teria mostrado aos tios de Evandro dias antes em sua busca noturna.

---

<sup>35</sup> O Grupo é especializado em situações em que há reféns, seja sequestro, roubo, cárcere privado, violação de domicílio, extorsão mediante sequestro e rapto. Informações disponíveis em: <<http://www.policiacivil.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=12>>. Acesso em: 13 junho de 2019.

O corpo em questão foi encontrado a 1900 metros da casa de Evandro e possuía características cruéis de violência, mutilação e ação da natureza. De acordo com as testemunhas e o laudo pericial<sup>36</sup>, o cadáver estava sem o couro cabeludo e as mãos. Faltavam-lhe os dedos dos pés e parte da coxa esquerda. O ventre estava aberto sem as vísceras e órgãos internos.

Ainda de acordo com o laudo, entre as ações da natureza sobre o corpo, existia a possibilidade de que parte das lacerações sejam de origem animal, feitas por bicos e garras de aves e de outros animais necrófagos, como larvas e moscas varejeiras. Essas características podem justificar a falta dos olhos, das orelhas, da língua, de parte das bochechas, do rosto de um modo geral. A arcada dentária da vítima se achava em um bom estado de conservação.

Entre as ações violentas, o laudo ressalta que a morte da vítima se deu por asfixia mecânica, ou seja, o corpo foi privado de oxigênio em seus pulmões, enforcado. A ação de mutilação apontava a presença de ações cortantes no corpo produzidas por instrumentos contundentes como facas, navalhas, facões, serras etc.

Alguns objetos foram encontrados juntos ou próximos ao corpo, e seriam eles que teriam confirmado de que se tratava de Evandro. Uma bermuda branca com estampas, rasgada, um molho de chaves e um par de chinelos. Os objetos estavam em pontos espalhados pelo matagal. A chave em questão estava na mesma área e parecia ter sido colocada propositalmente para que fosse achada, pois se encontrava no caminho que levava até o copo. Os chinelos estavam um pouco mais afastados e apresentavam uma característica que despertou a curiosidade dos investigadores. Aparentavam ser novos ou, ao menos, pouco usados. Como se tivessem sido colocados dias antes. O pai, Ademir Caetano, foi quem reconheceu o corpo como o de seu filho, Evandro, naquele dia 11 de abril de 1992.

Um clima de medo se estabeleceu em Guaratuba, assim como o de especulação. O grupo T.I.G.R.E, da Polícia Civil, continuou as investigações por mais três meses. Em paralelo, o Grupo Águia, da Polícia Militar, também assumiu o caso em junho de 1992, sem o conhecimento da outra instância policial envolvida. A justificativa seria de que os rumos investigativos feitos pelo T.I.G.R.E. estariam comprometidos pela falta de imparcialidade e a forte presença da primeira-dama de Guaratuba, Celine Abagge, nas apurações.

Após as mudanças dos responsáveis pelas investigações, a narrativa do caso ganhou repercussão midiática nacional. No dia 2 de julho, o caso do menino Evandro também passou

---

<sup>36</sup> Este laudo pericial procura elucidar as dúvidas que percorrem as circunstâncias da investigação sobre o corpo de Evandro. Laudo disponível em: <<http://www.projetohumanos.com.br/wp-content/uploads/2018/12/Arlindo-Blume-%E2%80%93-Trabalho-Pericial.pdf>>. Acesso em: 24 junho de 2019.

a ser conhecido como “As Bruxas de Guaratuba”. Celina e Beatriz Abagge, a primeira-dama e a sua filha, foram prezas pela Polícia Militar por serem as mandantes do crime contra Evandro. Na noite anterior, dia 1º de julho, Osvaldo Marcineiro e Davi dos Santos Soares, os dois pais de santo que teriam usado de suas mediunidades para indicar o local que mais tarde o corpo de Evandro seria encontrado, são detidos por executarem o assassinato. Durante aquela semana, mais três prisões foram feitas, totalizando sete acusados/presos. Osvaldo Marcineiro, Davi dos Santos Soares, Celina Abagge, Beatriz Abagge, Vicente de Paula Ferreira, Airton Bardelli e Francisco Sérgio Cristofolini.

A partir das prisões dos setes acusados, o “Caso Evandro” avança em sua linha narrativa, e ainda ganha eventos paralelos que envolvem alegações de tortura por parte dos acusados/presos; confissões sob protesto dos advogados; denúncias do Ministério Público; contradições em depoimentos; criação e desaparecimento de provas; coerção policial; desconfiança da conduta policial sobre o caso; rivalidade entre a Polícia Civil e Militar; jogo político entre os “poderosos” do Paraná; abuso de poder; evidências com aval de especialistas que teriam sido alteradas; prescrições jurídicas; anulação das sentenças; utilização de recursos e muitos outros. Como já foram mencionadas, as conjunturas que envolvem esse crime são diversas, complexas e no mínimo curiosas, para não dizer contraditórias.

Em uma entrevista concedida ao podcast “Modus Operandi<sup>37</sup>”, programa *true crime* comanda pela Carol Moreira e Mabê, disponibilizado em 25 de agosto de 2020, Ivan Mizanzuk explica que o desaparecimento de Evandro é o acontecimento que desencadeia a narrativa, mas não é a principal motivação para a narrativa avançar:

O centro da discussão, que eu achei que seria pertinente, foi quando eu percebi que o caso (...) não é sobre o assassinato do Evandro. A pergunta que sempre rodeia é se as Abagges são culpadas ou não – se elas mais os cinco homens, os sete, são culpados ou não. Essa que é a principal pergunta. Quando eu entendi isso, a coisa ficou mais clara para mim. E daí (...) outras perguntas se desenvolvem. Mas o foco é sempre nelas porque é a filha e a mulher do prefeito, envolve uma questão de status social, ligações políticas, teorias da conspiração... Então eu começo assim, “houve envolvimento político?” Essa é uma questão. “Houve tortura?” Essa é outra questão. “Houve brigas de polícias?” Essa é outra questão. Então tudo isso vai se desenvolvendo, a partir da pergunta, não “quem matou o Evandro”, mas sim “as Abagges são as culpadas ou não?”. Esse é o cerne. A partir dali que eu passei a entender a narrativa (MODUS OPERANDI, 2020).

---

<sup>37</sup> Entrevista disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9O\\_dgOfFYVg&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=9O_dgOfFYVg&feature=youtu.be)>. Acesso em 25 de janeiro de 2021.

Durante o podcast “Caso Evandro”, Ivan Mizanzuk busca narrar a história a partir do caráter ético do jornalismo que consiste em ouvir as partes envolvidas, caracterizadas no programa como lado da acusação e a da defesa, e fundamentar com provas. O nosso objetivo até aqui é localizar o leitor no cenário narrativo que se concentra o *corpus*, a quarta temporada do *Projeto Humanos*, e as perspectivas que atravessam o campo dos estudos de rádio e mídia sonora.

## 2.2. *A pesquisa exploratória no áudio: Os caminhos para a escolha de instrumentos para delimitação metodológica.*

### 2.2.1. *A Pesquisa Exploratória, o Estudo de Caso e a Análise de Conteúdo.*

As pesquisas, em geral, são classificadas em três grupos: exploratória, descritiva e explicativa (GIL, 2008, p. 42). O pesquisador escolhe com qual categoria a sua pesquisa dialoga mais, de acordo com os objetivos propostos inicialmente. No caso deste estudo, essa pesquisa inicialmente dialoga melhor com a categoria exploratória. Porém, para delimitar a realidade do *corpus* de uma maneira satisfatória, adotaremos, também, o caráter descritivo.

A **pesquisa exploratória** tem o seu lugar junto à academia científica. Ao contrário do pensamento simplista a respeito desse tipo de pesquisa, o caráter exploratório do estudo não elimina a revisão bibliográfica, o rigor do tratamento científico e os instrumentos metodológicos. O autor Augusto N. S. Triviños (1987, p. 109) explica que a natureza exploratória possibilita que o investigador aprofunde os seus conhecimentos em um determinado campo ou realidade a partir de uma hipótese. Deste modo, conseguiria reunir maior conhecimento prévio para construir uma pesquisa descritiva ou experimental. Além disso, o autor aponta outros caminhos para a pesquisa exploratória:

(...) Pode ocorrer também que o investigador, baseado numa teoria, precise elaborar um instrumento, uma escala de opinião, por exemplo, que cogita num estudo descritivo que está planejado. Então o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que lhe permitem, em contato com determinada população, obter os resultados que deseja. Um estudo exploratório, por outro lado, pode servir para levantar possíveis problemas de pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 109).

As afirmações dadas acima por Triviños (1987) dialogam diretamente com a dificuldade e a necessidade de o pesquisador elaborar, a partir de uma hipótese, instrumentos que vão auxiliar na análise do objeto sem que o esvazie, possibilitando, assim, a busca por metodologias híbridas.

Neste estudo, a pesquisa exploratória possibilitou criar pontos de aproximação entre o podcast “Caso Evandro” e o pesquisador, permitindo assim determinar o caminho inicial a ser seguido para delimitação do recorte a ser analisado – os blocos temáticos. Porém, ao analisar esses pontos de aproximação, notou-se a insuficiência da Análise de Conteúdo (AC) como um único instrumento de análise.

Indicar as eventuais falhas metodológicas faz com que a pesquisa cresça e evolua. A AC, apesar de não ter dado conta da essência sonora do *corpus*, permitiu conhecer as necessidades para abordar um elemento tão complexo como o som. Os impasses e contribuições da AC serão detalhados nos tópicos a seguir. Já o estudo de caso (GIL, 2008) permitiu indicar os diferenciais do *Projeto Humanos* na construção de narrativas sonoras.

**O estudo de caso** para o autor Antônio Carlos Gil (2008, p. 54) é uma modalidade que aprofunda a visão do pesquisador, quase de maneira exaustiva, sobre o objeto estudado. Já Triviños (2010, p. 133) ressalta que “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente”. As duas definições vão ao encontro do mesmo objetivo: apresentar uma análise mais profunda de todo o universo proposto e, conseqüentemente, apontar características que antes não foi possível ressaltar por outros delineamentos já estabelecidos.

Essa modalidade é uma ferramenta de valia para pesquisadores que conseguem alinhar métodos de pesquisa, a fim de trazer um olhar mais aprofundado ao objeto. Gil (2008) ressalta que a técnica auxilia o pesquisador a delimitar a investigação quando os limites entre contexto, relação e fenômeno, não são de fácil visualização. Portanto, é necessário debruçar-se sobre todas as camadas do fenômeno para que esse olhar indique onde começa um, onde termina o outro, e em qual ponto esses dois se encontram.

Além dos pontos indicados acima, o estudo de caso permite: 1) Explorar limites que não estavam definidos anteriormente; 2) Apresentar o contexto do fenômeno investigado; 3) Desenvolver teorias e/ou hipóteses e 4) “Explicar as variáveis causais de determinado de fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos” (GIL, 2008, p. 54).

Dentro desta pesquisa, realizamos este aprofundamento com o objetivo de compreender as camadas existentes no *corpus*. Desde o Capítulo 1, estamos abordando níveis que inicialmente não faziam parte do projeto inicial. Após a ordenação da metodologia, percebemos que deveríamos ouvi-lo de uma outra maneira, ouvir do lugar da experiência sonora e do sujeito. Estudar o *Projeto Humanos* apenas como um produto – podcast – não seria suficiente para os nossos objetivos principais. Portanto, estabelecemos novos limites e escolhemos por quais camadas deveríamos seguir para, assim, indicar quais características não haviam sido ressaltadas antes. Dessa maneira, nós pesquisadores, nos esforçamos para efetivar o estudo de caso e a natureza do estudo exploratório.

A **Análise de Conteúdo** não possui uma fórmula certa, pois ela é um processo metodológico que está em constante aperfeiçoamento e que se aplica a diferentes produtos. Segundo Bardin (2011, p. 38) “tudo que é dito ou descrito é suscetível de ser submetido a uma Análise de Conteúdo”. Portanto, esse é um campo que procura estudar as interpretações de linguagens, baseada na inferência, ou seja, nos processos intelectuais que indicam a veracidade de uma hipótese em decorrência a outras afirmações já dadas como verdadeiras.

A inferência é um processo que está entre dois pontos, o ponto A – a descrição das características do conteúdo, e o ponto B – a interpretação posta para as características indicadas pela descrição. Ao transitar entre os dois pontos, a inferência permite que o pesquisador relacione as características com o sentido, e vice-versa. Este processo pode ajudar a responder duas questões da pesquisa: 1) O que levou a determinado enunciado? 2) Quais são as consequências que determinado enunciado provoca? Esta última pergunta se refere aos possíveis efeitos da mensagem.

Dessa forma, a análise de conteúdo possui duas funções: 1) Função heurística, que possui um caráter exploratório, aumentando a propensão para descobertas. De acordo com Bardin (2011), seria a análise para ver o que dá; e 2) Função de administração da prova, que pela análise sistemática do conteúdo verifica as hipóteses sob forma de questões e afirmações, e chega à conclusão se realmente se trata de uma afirmação ou “infirmação”, algo incorreto. Entre as duas funções, a pesquisa em questão indicava um direcionamento para uma análise relacionada à primeira função, exploratória, porém, ela não foi suficiente.

Após algumas investidas para delimitar os operadores, ficou claro que AC não daria conta do *corpus*. A aplicação desta metodologia implicaria em uma ação inversamente proporcional em relação a nossa questão de pesquisa, pois ao mesmo tempo em que seria

possível compreender a sua inferência, por outro lado, haveria um esvaziamento da essência sonora e de sua estrutura narrativa acústica.

Em uma avaliação mais profunda, poderíamos continuar com a Análise de Conteúdo desde que houvesse uma mudança na problemática da pesquisa, porém, decidimos seguir com o nosso interesse inicial e aprender com o que já havia sido indicado pela metodologia anterior. Este movimento evidenciou a necessidade de olhar para a estrutura narrativa sonora, a fim de compreender as potencialidades acústicas a partir dos recursos estruturais do podcast, e não, necessariamente, de seu conteúdo.

Outra contribuição significativa para a mudança da natureza da pesquisa foi a reorganização dos blocos temáticos apresentada por Ivan Mizanzuk (Quadro 3), a partir da análise de conteúdo. Inicialmente, os programas foram reclassificados em novos blocos temáticos baseando-se em trechos em que determinado evento se torna o fio condutor para o avanço da narrativa da história (veja mais abaixo no Quadro 5).

Os padrões de repetição temática foram observados nas descrições dos episódios (repetição de palavras-chaves ao longo do texto) e em eventos narrativos de valor impactante (o desaparecimento, confissões, tortura, entre outros). Palavras-chaves foram definidas e um sistema de correlação foi estabelecido entre elas e a descrição do episódio. Por exemplo, a palavra-chave “Acusados” está diretamente relacionada com “Sete Pessoas”, “Confissões”, “Beatriz”, “Celina”, “Osvaldo” e assim por diante. Veja na descrição a seguir:

**Magia negra sobre corpos:** Neste bloco reorganizamos todos os episódios que tratam sobre os desaparecimentos de crianças em Guaratuba. Possui este nome por conta das crendices em que esses desaparecimentos estão envolvidos ao longo da narrativa. As palavras-chaves definidas para essa categorização foram: Evandro; Crianças Desaparecidas; Local/Cidade. Entre as palavras que mais apareceram deste grupo foram Evandro, menino, Guaratuba e Leandro.

**“Disse me Disse” – Investigações, versões e confissões dos acusados, testemunhas e grupos policiais envolvidos no “Caso Evandro”:** Aqui, organizamos os episódios a partir das linhas de investigação, versões, confissões da acusação e da defesa dos sete acusados, do Ministério Público e dos grupos policiais envolvidos. No quadro abaixo, será possível notar palavras que já apareceram em outros blocos se repetindo em blocos seguintes. Fenômeno que reforça a complexidade narrativa, pois não existe uma linha única a ser analisada, mas sim várias que possuem ramificações de contato com outras linhas narrativas. Como as



categorizamos por cores, essas misturas ficam cada vez mais evidentes à medida que a trama se complexifica e relaciona diversos agentes. As palavras-chaves são: Acusados; Versões dos Fatos/ Provas e Testemunhas. Este é o nosso maior bloco, com 19 episódios.

**“Verdades” sob tortura – Práticas, alegações e relatos dos acusados:** Aqui, categorizamos os programas que tratam as torturas sofridas pelos acusados. Neste bloco se envolvem sequestrado, prisões ilegais, depoimentos de tortura, laudo de especialistas etc. De acordo com a nossa análise, este é o bloco que possui mais áreas de contato com os demais blocos. Acreditamos que esta relação está diretamente ligada ao esforço de esclarecer as circunstâncias em que essas torturas ocorreram, pois envolvem as versões da acusação e defesa, a investigação das polícias, o cenário político de Guaratuba e o desaparecimento de Evandro. As palavras-chaves são: Fita Cassete/VHS; Torturas e Especialistas.

**Política Sulista – Contextos políticos no Paraná e Guaratuba:** Por último, organizamos os conteúdos que tratam sobre os cenários políticos de Guaratuba e do Paraná. Apesar de ser o menor, não é o menos importante. Os episódios expõem uma política tendenciosa a favorecer interesses pessoais, mesmo que isso inclua condenar inocentes. As palavras-chaves são: Influentes; Políticos e Interesses Políticos;

**Quadro 5** – Reclassificação temática feita pelo pesquisador.

<b>BLOCOS TEMÁTICOS – Análise de Conteúdo</b> <i>4ª temporada O Caso Evandro</i>			
<b>Bloco</b> (Por evento de impacto)	<b>Palavras e assuntos chaves</b>	<b>Nome do Episódio</b>	<b>Padrões de Repetição</b> (Por palavras na descrição)
<b>Magia negra sobre corpos.</b>	<b>Evandro</b>	Episódio 01 – O caso Evandro;	Evandro; menino; desapareceu; Guaratuba;
	<b>Crianças Desaparecidas</b>	Episódio 05 – A Outra Criança;	Evandro; criança; Guaratuba; Leandro; sete acusados;
	<b>Local/ Cidade</b>	Episódio 06 – Outros Corpos;	Evandro; ossada; Leandro; Guaratuba;
		Episódio 18 – Dia 6 ou 7?	Evandro; sete acusados; desaparecimento; menino; tios;

		Episódio 35 - LUS	Leandro Bossi; Evandro Ramos Caetano; Guaratuba; Valentina; José; Lineamento Universal Superior; Seita; Sacrificava Crianças; Altamira; Pará;	
<p><b>“Disse me Disse” – Investigações, versões e confissões dos acusados, testemunhas e grupos policiais envolvidos no “Caso Evandro”.</b></p>	<p><b>Acusados</b></p>	Episódio 02 – As Confissões;	Sete pessoas; Guaratuba; confessado; sacrificado; menino; Evandro; ritual satânico; investigava; prisões;	
		Episódio 07 – As fitas VHS;	Cinco pessoas; presas; Guaratuba, confissões, vídeo;	
		Episódio 12 – “Eu sou um número”;	Cinco acusados; prisões; Guaratuba, número sete;	
		Episódio 19 – Os álibis das Abagge;	Beatriz; Celina; ritual; álibis;	
		Episódio 20 – Um trabalho na Serraria;	Testemunhas; sete acusados, Ministério Público; acusados; vigia do local; serraria;	
		<p><b>Versões dos Fatos / Provas</b></p>	Episódio 21 – O Guardião;	Guardião; serraria; Operação Magia Negra; testemunhado; ritual;
		<p><b>Testemunhas</b></p>	Episódio 22 – A outra testemunha;	Testemunha; acusação; Evandro; sequestrado; Celina; Beatriz;
		Episódio 23 – A fita escondida	Denúncia; Edésio; ameaças; Fita Cassete; depoimento;	
		Episódio 24 – Um dia em Guaratuba;	Guaratuba; habitantes; testemunha; acusação;	
		Episódio 26 – O Corpo	prisões; advogados de defesa; corpo;	
		Episódio 27 – A Altura	corpo; debate; acusação; defesa	
		Episódio 28 – Quanto tempo?	defesa; argumentou; corpo; Evandro;	
Episódio 29 – Dentes	DNA; arcada dentária; Questionado pelas defesas;			

		Episódio 30 – O DNA: Parte 1	Exames; DNA; Corpo;
		Episódio 31 – O DNA: Parte 2	Custódia; defesas; DNA;
		Episódio 32 – O DNA: Parte 3	laudo; DNA; Ministério Público; acusados; Conclusões do Caso;
		Episódio 33 – Retratos Falados	Investigação; Dossiê; Suspeitos; assassinato; Evandro;
		Episódio 34 – O Lenhador	Grupo Tigre; novas informações; depoimento; Euclídio; suspeito;
		Episódio 36 – Alguns Finais	Encerramento; apontamentos prováveis; teorias pessoais;
Verdades sob tortura – Práticas, alegações e relatos dos acusados.		Episódio 08 – O Fórum;	Presas; Tortura; Abagge; Fórum; Guaratuba; depoimentos;
		Episódio 09 – A fita Cassete;	Fita cassete; Confissões; Beatriz; Celina; impressa;
		Episódio 10 – As prisões de 1 e 2 de Julho;	Cinco pessoas; presas; sequestro; tortura e confissões;
	Fita Cassete / VHS	Episódio 11 – A mansão Stroessner;	Prisões; Celina; Beatriz; chácara; casa; Tortura;
	Torturas	Episódio 13 – Os exames de lesões corporais;	Cinco presos; IML Curitiba; torturas;
	Especialistas	Episódio 14 – Os médicos;	Médicos; Exames; IML Curitiba; depoimentos;
		Episódios 15 – Os detalhes;	Torturas; acusados; alegações; júri;
		Episódio 16 – O Arquivamento	Inquérito; alegações; torturas;
		Episódio 25 – Sete Segundos	Este é um episódio de retratação em relação a equívocos ocorridos na história. Para a nossa análise, o alocamos aqui já que o programa retoma as fitas cassete. A sua descrição no site

			não tem a ver necessariamente com o conteúdo apresentado.
Política Sulista – Contextos políticos no Paraná e Guaratuba.	Influentes	Episódios 03 – O acusador;	Diógenes; família Abagge; prisões, armação;
	Políticos	Episódio 04 – “Tá lançado o veneno”;	Júris; Diógenes; políticos; Guaratuba; Paraná; acusações;
	Interesses políticos	Episódio 17 – A Denúncia	Diógenes; Ministério Público; Paraná; declaração;

Fonte: Quadro elaborado pelo Autor.

A reclassificação temática dos episódios do *Projeto Humanos*, o “Caso Evandro”, evidenciou a existência de micronarrativas na organização do podcast. Porém, isoladas, elas não conseguem estabelecer quais conexões são feitas entre as macronarrativas e o sonoro. Além disso, a narrativa extrapola qualquer bloco temático. O início de uma história não apenas começa e termina em um ponto, pelo contrário, à medida que a organização narrativa avança, novos eventos são acionados, podendo continuar ou terminar em blocos seguintes. Neste caso, não adiantaria analisar apenas os episódios de um eixo, pois estaríamos analisando o seu conteúdo sonoro delimitado por um tema, e não a sua estrutura narrativa sonora.

Até este momento, apresentamos os caminhos metodológicos que achamos ser possíveis no início. Caminhos que foram redirecionados com a maturidade da pesquisa. Ressaltamos, mesmo que algumas não se concretizaram como a nossa principal ferramenta para análise, todas foram essenciais para compreender a natureza deste estudo e do *corpus* em si. Inclusive, o recorte escolhido para análise se originou de uma dessas fases, a análise de conteúdo.

No próximo tópico, iremos explicar melhor sobre as ferramentas metodológicas escolhidas, a adaptação necessária e o recorte para análise.

### 2.3. Análise Estrutural da Narrativa Sonora: uma adaptação metodológica

Conforme foi citado no início deste Capítulo, a quarta temporada do *Projeto Humanos*, o “Caso Evandro” é um objeto de estudo passível de múltiplas abordagens. Para contemplar a sua natureza sonora e a sua complexidade narrativa, iremos alinhar duas perspectivas metodológicas, a **Análise Descritiva** e a **Análise Estrutural da Narrativa**.

Os estudos descritivos são populares entre alguns campos, inclusive na Educação. Conhecer a fundo uma comunidade ou realidade por meio de suas características é um de seus pontos fortes. Pesquisas sociais que salientam características, levantamento da opinião de um determinado grupo, ressaltando identificações existentes, também são incluídas na categoria descritiva. Esta ferramenta utiliza a coleta de dados padronizada (questionários, escuta sistemática e outros métodos) para identificar repetições no objeto. De acordo com Triviños (1987, p. 110) “o estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade”, a fim de conhecer não apenas o universo do objeto, mas de desvendar por meio de relações os seus atores, problemáticas, traços característicos e desejos.

Estabelecer essas variáveis e investigar as relações entre elas, são pontos cruciais para o nosso estudo e para essa perspectiva metodológica. Por exemplo, as trilhas sonoras são algumas das variáveis passíveis de análise, e elas estão diretamente ligadas aos sentimentos e à narrativa. Em um primeiro momento, podemos descrever os seus momentos de aparição durante o episódio e a sua duração. Essas relações são de caráter quantitativo. Mas podemos ir além, adentrar no caráter qualitativo, e descrever a relação entre a trilha e os sentimentos acionados, a trilha e a narrativa, ou até mesmo, a trilha e possíveis efeitos no ouvinte. Essas relações dependem das ligações entre quais pontos queremos observar. A descrição de características do objeto é um dos objetivos primordiais nesta pesquisa (TRIVIÑOS), pois, ao descrever tais pontos, o processo evidencia as relações entre as variáveis.

Os estudos descritivos e correlacionais exigem uma articulação entre técnicas, métodos, modelos e teorias para que a coleta e interpretação de dados sejam precisas e tenha validade científica. Acreditamos que este é um dos esforços deste estudo. Portanto, a análise descritiva irá nos ajudar a evidenciar quais são as relações entre a organização narrativa e o sonoro, fornecendo um conhecimento aprofundado de uma determinada realidade, permitindo elaborar interpretações e hipóteses.

Poderíamos apenas aplicar a análise estrutural da narrativa no objeto sonoro, porém, não estaríamos considerando a natureza, a essência e o que caracteriza o *corpus* como sonoro. Portanto, a condução da pesquisa descritiva é pautada pelas afetações do som a partir da organização narrativa. Esse tipo de pesquisa nos permite isso. Temos os elementos da história como narrativa e as afetações do som como elementos na constituição, na organização e coordenação da história. Iremos nos direcionar para esse tipo de descrição.

Anteriormente, indicamos uma nova classificação temática dos episódios do programa (veja no Quadro 5). Porém, existe uma grande diferença entre classificar conteúdo e organizar a narrativa. A autora Aline Borges (2017, p. 70) aponta que “a análise estrutural da narrativa, portanto, não se preocupa com o conteúdo do objeto analisado, mas com a sua estrutura e com a maneira com que está é utilizada pelo autor”. A reclassificação temática por meio do conteúdo não conseguiu delimitar quais são os pontos que levam a narrativa adiante e as suas funções, já que cada história, seja de um podcast ou de algum outro suporte, seguem regras próprias em meio a uma aleatoriedade aparente.

Seguindo este pensamento, Barthes (1972, p. 20) explica que autores formalistas russos como Propp e Lévi Strauss, em meio aos dilemas em como tratar a narrativa, ensinaram a olhá-la por duas óticas:

(...) Ou bem a narrativa é uma simples acumulação de acontecimentos, caso em que só se pode falar dela referindo-se à arte, ao talento ou ao gênio do narrador (do autor) – todas as formas míticas do caso –, ou então possui em comum com outras narrativas acessível à análise. Mesmo que seja necessária alguma paciência para explicitá-la; pois há um abismo entre a mais complexa aleatória e a mais simples combinatório, e ninguém, pode combinar (produzir) uma narrativa, sem se referir a um sistema implícito de unidades e regras (BARTHES, 1972, p. 20-21).

Para descrever e analisar essa narrativa, será necessário reconhecer quais são os níveis de significação dela e aplicar a teoria dos níveis. De acordo com Barthes (1972, p. 25) “A teoria dos níveis (...) fornece dois tipos de relação: **Distribucionais** e **Integrativas**”. Na primeira, distribucionais, hierarquicamente, as relações estão no mesmo nível, enquanto as integrativas são colocadas entre um e outro, acima ou abaixo. Para a análise funcionar, é necessário distinguir esses níveis (operações), descrevê-las e classificá-las hierarquicamente. Essas relações cabem ao estudioso definir.

(...) Qualquer que seja o número dos níveis propostos e qualquer definição que se dê, não se podem duvidar de que a narrativa seja uma hierarquia de instâncias. Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da história, é também reconhecer nela <<estágios>>, projetar os encadeamentos, horizontais do <<fio>> narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra a outra, é também passar de um nível a outro (BARTHES, 1972, p. 26).

Contudo, Barthes ainda ressalta que o perfil que ele sugere é provisório, podendo haver outras definições de níveis. A narrativa pode ser organizada em três níveis de descrição: a

**função**, a **ação** e a **narração**. Esses três níveis estão ligados entre si, seguindo um modo de integração (sobrepondo níveis) progressivamente.

A função indica as unidades descritivas a partir do segmento da história e as suas correlações. A ação estabelece as suas unidades a partir dos personagens e suas participações numa esfera de ações. A narração descreve os signos do narrador e do ouvinte que surgem ao decorrer da própria narrativa.

Ao realizar uma delimitação metodológica, devemos dialogar com o objeto e identificar quais são as suas necessidades; deixá-lo falar. Neste processo, identificamos que o nosso objeto se relaciona melhor com a **função**, como nível, por permitir compreender as organizações narrativas e sonoras feitas. Em outros objetos, sejam eles sonoros ou em plataformas digitais, a ação e narração, como níveis, podem se relacionar melhor. Portanto, reiteramos que nós propomos uma organização da narrativa sonora a partir da função por se adequar melhor ao nosso objeto.

Assim como no áudio, tudo que está na narrativa possui uma função. Ela é composta por tipos de relações funcionais (funções), sendo algumas mais importantes hierarquicamente do que outras, mas que, num conjunto, funcionam e estabelecem uma estrutura. Barthes (1972, p. 28) ressalta que “mesmo quando um detalhe parece irreduzível insignificante, rebelde a qualquer função, ele tem pelo menos a significação de absurdo ou inútil: ou tudo significa ou nada”.

A unidade funcional possui a operação de dar continuidade à narrativa. Ela é dividida em duas categorias (**funções** e **índices**) que transitam entre os dois níveis de significação (**distribucionais** e **integrativas**) que, conseqüentemente, podem ser alocadas em quatro classes (**função cardinal**, **catálises**, **índice** e **informante**). Em nossa pesquisa, escolhemos os enunciados sonoros como **operadores** para transitarem nesse sistema. São eles: 1) **Trilha Sonora**; 2) **Depoimentos** (gravações feitas durante os julgamentos presentes nos autos do processo); 3) **Entrevistas** (perguntas feitas por Ivan Mizanzuk); 4) **Arquivos** (matérias de rádios e emissoras de TVs); e 5) **Provas** (VHS e a fita cassete com as confissões dos acusados). Esses operadores, ao longo dos episódios, marcam a narrativa sonora com propósitos, assim como os enunciados sonoros apontados no projeto acústico no primeiro Capítulo.

A partir das duas categorias presentes, podemos ainda determinar duas classes que possuem relação direta. A **função cardinal** (ou núcleo) inaugura, mantém e/ou encerra uma incerteza na narrativa, permitindo verdadeiras articulações na narrativa – o estabelecimento das

micronarrativas. A **catálise** está entre dois núcleos como um parasita. Ela é esse infinito de descrições pequenas que “se aglomeram em torno de um núcleo, ou de outro, sem modificar lhe a natureza alternativa” (BARTHES, 1972, p. 32). Exerce a função cronológica e discursiva, podendo acelerar ou não a narrativa – esses são os pontos de contato entre a organização narrativa e o sonoro. Por exemplo, as trilhas sonoras, em determinados momentos, cumprem a função cardinal. No minuto 9’20” do primeiro episódio, uma trilha melancólica sobe e este é o indicativo de que Evandro não retornaria para sua mãe após sair em busca de seu mini game. A trilha inaugura a incerteza na narrativa sonora e evidência um ponto de contato com a narração de eventos seguintes.

Já a o **índice**, diferente da anterior, não completa a continuidade, mas agrega sentido a história. Eles “implicam uma atividade de deciframento: trata-se para o leitor de aprender a conhecer um caráter, uma atmosfera” (BARTHES, 1972, p. 34). Nesta categoria, a dinâmica de significação se altera e deixa de ser distribucional para ser integrativa, ou seja, se antes havia uma organização horizontal de incertezas e certezas, neste momento, temos uma hierarquização vertical de sentidos. A música *Fading Like a Flower (Every Time You Leave)*, da banda Roxette, presente no vídeo institucional da Prefeitura de Guaratuba, que por sua vez foi usada por Mizanzuk para apresentar o clima dos anos 90 no minuto 6’08”, possui essa função. Outros enunciados sonoros como as gravações dos depoimentos, entrevistas e arquivos, também podem transitar por aqui pois marcam o caráter da narrativa.

Em seu livro, Barthes (1972) cita em uma nota de rodapé o tipo de relação que os índices possuem com a narrativa, a de *paramétrica*, que curiosamente o autor relaciona com a música. Essa associação está diretamente ligada àquele “elemento que é constante durante a duração de uma peça de música (por exemplo, o tempo de um *allegro* de Bach; o caráter monódico de um solo)” (BARTHES, 1972, p. 34). Portanto, essa classe pode permear obras inteiras, influenciando episódios e personagens, inclinando a narrativa a despertar tal sentimento, caráter ou atmosfera. No *Projeto Humanos*, a atmosfera criminal pode ser entendida como esse índice que influencia a natureza do programa (traz mistério, reviravoltas, crimes e outros).

Existe ainda a classe **informante** que indica lugar, tempo ou espaço na narrativa. Aqui, o conhecimento é informado por completo, não deixa brechas para dúvidas ou interpretações, é um elemento que procura ser realista na ficção. Por exemplo, o ouvinte não terá dúvidas de que tal enunciado sonoro foi retirado de uma matéria antiga ou de outro veículo, pois a sua estética sonora exercerá esse papel informante. Não deixará dúvidas de que o lugar, tempo e espaço na narrativa foi deslocado.



Com exceção à função cardinal, as catálises, os índices e os informantes agem como “expansões em ralações aos seus núcleos” (BARTHES, 1972, p. 35).

Veja o quadro a seguir para visualizar melhor os níveis de categorização da primeira descrição narrativa, a funcional:

**Quadro 6** – Níveis de Categorização da Função.

DESCRIÇÃO NARRATIVA – A FUNÇÃO				
Descrição narrativa	Níveis	Categorias	Classes	Unidade
Unidade Funcional	Distribucionais	Funções	Função Cardinal (Núcleo)	Trilha Sonora; Depoimentos; Entrevistas; Arquivos; Provas;  (Uma mesma unidade pode transitar entre as duas categorias)
			Catálise	
	Integrativas	Índices	Índice	
			Informante	

**Fonte:** Elaboração própria do Autor, a partir do conceito de Roland Barthes (1972).

Conforme citado no quadro acima, a unidade escolhida para análise pode transitar entre as duas categorias. Em determinado ponto da história, um enunciado sonoro pode inaugurar uma micronarrativa, em outro, este mesmo enunciado pode ser usado como índice e fortalecer a relação paramétrica entre o ponto de contato das estruturas – a narrativa com a sonora.

A temporalidade também precisa ser contemplada nesta estrutura. Desse modo, a sintaxe funcional auxilia no entendimento do processo da construção do tempo na narrativa entre as catálises e as funções cardinais. Existem duas implicações nessa correlação: 1) A catálise depende de um núcleo narrativo para existir e 2) Existe um movimento que liga uma função cardinal a outra, em sequência<sup>38</sup>, na qual, uma é solidária a outra até o momento do encerramento da incerteza. Embora Barthes faça um resgate dos impasses que é analisar a cronologia na narrativa, nós podemos considerar que o tempo existente nela é aquele que exerce

<sup>38</sup> Sequência é uma serie lógica de núcleos unidos entre si por uma relação de solidariedade, pressupondo um ao outro. Ela se abre e se fecha assim que os seus termos não tenham mais consequências. “A sequência é com efeito sempre nomeável (...) a lógica fechada que estrutura uma sequência está indissolúvelmente ligada a seu nome: toda função impõe desde sua apreciação, ao nome que ela faz surgir, o processo inteiro da sedução, tal qual apreendemos em todas as narrativas que formaram em nós a língua da narrativa (BARTHES, 1972, p.39-40).

uma função semiótica. Para analisar, primeiro é necessário “descronologizar”<sup>39</sup> para “relogicizar”<sup>40</sup> o fio narrativo. Somente assim, conseguiremos descrever o que Barthes (1972, p. 37) chama de ilusão cronológica: “é a lógica narrativa a dar conta do tempo narrativo”. O tempo nada mais é do que um sistema que é aplicado à organização narrativa e à organização sonora narrativa.

### 2.3.1. Recorte

Conforme foi explicado na análise de conteúdo, a reclassificação temática dos episódios do *Projeto Humanos*, o “Caso Evandro”, nos permitiu selecionar o nosso **recorte** para análise. A quarta temporada possui 36 episódios, sendo mais de 3.270 minutos de conteúdo, ou 54 horas de escuta. Analisar tudo isso por inteiro inviabilizaria a nossa pesquisa.

Para atingir os nossos objetivos, focaremos nos nove episódios presentes no bloco “Verdades sob Tortura – Práticas, alegações e relatos dos acusados”. Estes programas permeiam toda a macronarrativa sonora do podcast. De acordo com a nossa reclassificação, todos os outros três seguimentos narrativos esbarram ou se encontram nas alegações de tortura. Além disso, o seu criador, Ivan Mizanzuk, consegue comprovar ao final dessa construção narrativa que realmente existiram as torturas, e que tal caso é extremamente falho. Nesse recorte, incluiremos também o piloto da temporada, pois praticamente todos os nossos operadores são apresentados ali.

Portanto, a partir desta análise de conteúdo, iremos nos concentrar nos **Episódio 01** – Caso Evandro; **Episódio 08** – O Fórum; **Episódio 09** – A fita Cassete; **Episódio 10** – As prisões de 1º e 2 de julho; **Episódio 11** – A mansão Stroessner; **Episódio 13** – Os exames de lesões corporais; **Episódio 14** – Os médicos; **Episódios 15** – Os detalhes; **Episódio 16** – O Arquivamento e **Episódio 25** – Sete Segundos. Este recorte de 10 episódios nos possibilitará compreender a estrutura da narrativa sonora.

---

<sup>39</sup> Segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009, p. 577), Cronologia é o estudo do tempo e de suas divisões com o objetivo de distinguir a ordem de ocorrência dos fatos. Quando Roland Barthes afirma em “descronologizar” a narrativa, nós acreditamos que seja necessário refazer o caminho inverso e desmontar; tirar de ordem os fatos.

<sup>40</sup> Logicidade, de acordo com o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009, p. 1193) é o caráter, atributo do que é determinado pelo conhecimento lógico. “Relogicizar” a narrativa, ao nosso entendimento, seria dar uma nova lógica ao sistema que está sendo reapresentado.

## CAPÍTULO 03

### 3. A ANÁLISE DA ESTRUTURA NARRATIVA SONORA DO “CASO EVANDRO”

Após percorrermos por discussões teóricas e metodológicas, reflexões e alinhamentos, a nossa proposta para análise é: **Identificar os enunciados sonoros delimitados (os operadores) na estrutura narrativa do podcast para, assim, classificar as suas funções na narrativa sonora e analisar quais são seus impactos nessa organização.**

Para a efetivação da nossa proposta, adotamos duas aplicações para a análise: **1) A Análise por Episódio** e **2) A Análise por Operadores**. Como se trata de uma adaptação metodológica, optamos por realizar esses dois movimentos para verificar quais poderiam ser os ganhos e perdas de ambas as perspectivas. Para isso, todos os episódios do recorte foram ouvidos mais de uma vez, sendo a primeira uma “escuta casual”, e as demais como “escutas concentradas”.

Para a **Análise por Episódios**, elaboramos uma ficha de classificação para uma melhor visualização da aplicação. Nela, conseguimos indicar em quais minutos os operadores surgem (minutagem), de qual natureza é a unidade de análise (Trilha Sonora; Arquivos; Depoimentos; Entrevistas; Arquivos de TV e Rádio; Provas), a identidade da unidade na narrativa do podcast (com qual evento ou personagem ela está relacionada), a classificação funcional (Cardinal; Catálise; Índice e Informante), o efeito nas narrativas (Articulação ou extensão narrativa) e eventuais observações. Essa é uma análise mais detalhada e extensa de nossos operadores, que por sua vez, levou mais tempo para ser elaborada. O Episódio 01 – Caso Evandro e o Episódio 08 – O Fórum, foram analisados por essa perspectiva. As fichas de aplicação e as suas descrições se encontram no tópico **3.2 - A Análise por Episódio (Ep. 01 e 08)**.

A segunda aplicação, a **Análise por Operadores**, contemplará os episódios 09 – A fita Cassete; 10 – As prisões de 1º e 2 de julho; 11 – A mansão Stroessner; 13 – Os exames de lesões corporais; 14 – Os médicos; 15 – Os detalhes; 16 – O Arquivamento; 25 – Sete Segundos. Nesta aplicação, iremos descrever como os operadores se comportaram ao longo dos sete episódios. Iremos descrever quais trilhas sonoras se relacionaram com a narrativa, além de indicar como os depoimentos, as entrevistas, arquivos e provas, se relacionam na organização da história e na narrativa sonora.

Em nossa pré-análise, identificamos que seria melhor indicar um de nossos operadores, as trilhas sonoras, a partir da organização feita no álbum “Caso Evandro – Projeto Humanos (Original Soundtrack)”, de Felipe Ayres, compositor e criador das músicas usadas no podcast. A seguir, no **Quadro 07**, indicamos a ordem de aparição das trilhas e as coordenamos com a organização feita no álbum. Durante a nossa análise, iremos nos referir às trilhas por ordem de aparição no podcast, e não por episódio. Por exemplo, se uma trilha é apresentada no primeiro episódio, em um primeiro momento, nos demais episódios, essa mesma trilha será indicada como trilha 01. Contudo, essa mesma trilha poderá aparecer em posições diferentes ou até mesmo se repetir, porém, ela sempre será tratada como trilha 01.

**Quadro 7** – Trilha Sonora (Operador) e a organização no álbum oficial.

<b>O Caso Evandro – Projeto Humanos (Original Soundtrack) – Composta por Felipe Ayres</b>			
<b>Identificação da Unidade na Pesquisa</b>	<b>Álbum</b>		
	<b>Nome da Faixa</b>	<b>Posição Tracklist</b>	<b>Duração</b>
<b>Trilha 01</b>	06 de abril de 1992	01	01'50''
<b>Trilha 02</b>	Não Identificada	-	-
<b>Trilha 03</b>	Um Ritual	07	02'25''
<b>Trilha 04</b>	O que você lembra?	14	04'40''
<b>Trilha 05</b>	Um caminho	13	02'19''
<b>Trilha 06</b>	Você Sentiu Isso?	05	01'09''
<b>Trilha 07</b>	Eles controlam tudo	12	03'48''
<b>Trilha 08</b>	Algumas peças se encaixam	06	02'20''
<b>Trilha 09</b>	Perto Demais	10	02'34''
<b>Trilha 10</b>	Olhando para o sol	15	03'14''
<b>Trilha 11</b>	Não Identificada	-	-
<b>Trilha 12</b>	Ruínas	17	02'43''
<b>Trilha 13</b>	Não Identificada	-	-
<b>Trilha 14</b>	Reflexos	03	01'43''
<b>Trilha 15</b>	Peças que não se encaixam	02	02'44''

**Fonte:** Elaboração própria do Autor.

Por fim, nas duas perspectivas, iremos descrever os nossos operadores separadamente como blocos, para facilitar o entendimento de suas funções. Antes de continuarmos,

gostaríamos de esclarecer algumas nomenclaturas e liberdades que adotamos em nosso quadro e análise.

Esclarecemos que todos os nossos operadores possuem a paramétrica implícita em sua natureza. Como são operadores ligados ao som, todos têm um índice de atmosfera e caráter. Portanto, em nosso quadro, apontamos os momentos em que essa paramétrica é elevada ao máximo, indicando um alto valor aparente. São nesses momentos que os enunciados sonoros exercem um deslocamento emocional e nos levam para uma atmosfera mais explícita. Na análise descritiva, apontamos como a utilização de graves, agudos, instrumentos e ritmos são utilizados na construção de sensações.

Indicamos, por cor, no quadro, os operadores que são coordenados para realizar uma expansão e/ou reforçar um caráter de verdade. Nesses momentos, é possível verificar que diversos depoimentos são intercalados para aprofundar, justificar e intensificar a narrativa.

Em ambas as análises, nós não consideramos as introduções dos episódios com recapitulações e/ou recados de contextualização do Ivan Mizanzuk com a *podosfera*. Optamos por apenas forçar no essencial de sua narrativa como história, e não como um produto que coordena ouvintes, patrocínios e fãs.

### 3.1. A Análise por Episódio

#### 3.1.1. Episódio 01 – Caso Evandro

O Episódio 01: Caso Evandro, tem como objetivo apresentar ao ouvinte as circunstâncias que envolvem o desaparecimento da criança, a chegada do Grupo TIGRE na cidade e a descoberta do corpo. Do ponto de vista teórico, na estrutura narrativa, ele instaura a incerteza na organização dessa macronarrativa que irá permear toda a temporada.

Podemos observar que quase todos os nossos operadores são usados ao longo do episódio, com exceção de “Provas”. Vamos à descrição dos operadores:

Episódio 01: Caso Evandro [S04E01] – Duração: 64’44’’						
Minutagem		Unidade de Análise	Identificação Unidade de Análise	Classificação Funcional	Efeito na narrativa sonora	Observações:
Início	Fim					

01'31''	02'13''	Trilha Sonora	Trilha 01	Índice	Expansão	-
03'23''	04'07''	Arquivos	Matéria Grupo TIGRE	Índice; Informante;	Expansão	-
04'27''	04'52''	Arquivos	Fala de Arlete (Mãe de Guilherme Tiburtius)	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	Inicia o núcleo crianças desaparecidas no Paraná
05'25	06'16''	Arquivos	Vídeo Apresentação Guaratuba	Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
06'27''	06'58''	Arquivos	Vídeo Apresentação Guaratuba / Fala de Aldo Abagge (Prefeito)	Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
06'58''	07'17''	Arquivos	Vídeo Apresentação Guaratuba / Música anos 90	Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
07'31''	07'55''	Arquivos	Vídeo Apresentação Guaratuba/ Fala de Celina Abagge (Primeira-dama)	Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
07'52''	08'14''	Arquivos	Vídeo Apresentação Guaratuba / Música anos 90	Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
09'20''	10'29''	Trilha Sonora	Trilha 02	Cardinal; Índice	Instauração da incerteza e expansão	Inicia o desaparecimento de Evandro em Guaratuba
10'29''	12'18''	Depoimentos	Depoimento de Adauto Abreu, Delegado Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
12'18''	14'53''	Depoimentos	Depoimento Rogério Pencai, Policial Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
14'53''	16'05''	Entrevistas	Entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
16'06''	16'30''	Depoimentos	Depoimento Rogério Pencai, Policial Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-

17'16''	17'38''	Depoimentos	Depoimento Rogério Pencai, Policial Grupo TIGRE	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: Primeira menção as acusadas, Beatriz e Celina Abagges
17'20''	17'36''	Trilha Sonora	Trilha 03	Catálise; Índice;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
17'43''	20'44''	Depoimentos	Depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
20'44	21'51	Entrevistas	Entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
21'51''	24'12''	Depoimentos	Depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro	Índice; Informante;	Expansão	-
24'56''	25'49''	Depoimentos	Depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro	Índice; Informante;	Expansão	-
25'50''	26'14''	Depoimentos	Depoimento Rogério Pencai, Policial Grupo TIGRE	Índice; Informante;	Expansão	-
26'15''	29'48''	Depoimentos	Depoimento Leila Bertolini, delegada Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
29'48''	30'12''	Trilha Sonora	Trilha 04	Catálise; Índice;	Articulação narrativa e expansão	Alto valor de Paramétrica; Reitera o momento de acusação feito por Diógenes
30'12	31'11''	Entrevistas	Entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso	Índice; Informante;	Expansão	-
31'11''	31'18''	Trilha Sonora	Trilha 04	Índice;	Expansão	Alto valor de Paramétrica; Monica não credita Diógenes como fonte confiável
31'24''	33'07''	Trilha Sonora	Trilha 05	Índice; Informante	Expansão	Alto valor de Paramétrica

33'27''	36'09''	Trilha Sonora	Trilha 03	Cardinal; Catálise; Índice;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: Pais de Santos buscam por Evandro em Madrugada; Alto valor de Paramétrica
36'09''	38'23''	Depoimentos	Depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
38'29''	38'45''	Depoimentos	Depoimento Rogério Pencai, Policial Grupo TIGRE	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: O Corpo de Evandro é Encontrado;
38'45''	40'11''	Trilha Sonora	Trilha 02	Catálise; Índice;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
38'55''	39'54''	Depoimentos	Depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
39'55''	40'11''	Depoimentos	Depoimento Leila Bertolini, delegada Grupo TIGRE	Índice; Informante;	Expansão	-
40'14''	41'21''	Arquivos	Matéria Antiga de TV – O corpo de Evandro é encontrado	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
41'21''	42'57''	Entrevistas	Entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
43'01''	43'10''	Trilha Sonora	Trilha 04	Índice;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
44'20''	46'16''	Trilha Sonora	Trilha 06	Índice;		Alto valor de Paramétrica; Os pertences encontrados próximo ao corpo de Evandro
44'20''	45'06''	Depoimentos	Depoimento Leila Bertolini, delegada Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
45'06''	46'50''	Entrevistas	Entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-



47'40''	48'03''	Trilha Sonora	Trilha 05	Índice; Informante;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
48'04''	49'37''	Depoimentos	Depoimento de Diógenes Caetano, tio de Evandro	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
48'52''	51'57''	Trilha Sonora	Trilha 07	Cardinal; Catálise; Índice;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: Estabelecimento do clímax
51'58''	53'16''	Entrevistas	Entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
52'50	53'30	Trilha Sonora	Trilha 08	Cardial; Índice;	Expansão	Alto valor de Paramétrica
53'32''	54'20''	Depoimentos	Depoimento Leila Bertolini, delegada Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
54'23''	55'01''	Depoimentos	Depoimento de Adauto Abreu, Delegado Grupo TIGRE	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
55'23''	57'39''	Arquivos	Matérias Antigas de TV – População de Guaratuba ataca as Abagges	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: Os acusados são presos e confessam ter matado Evandro; Alto valor de Paramétrica
57'40''	57'51''	Trilha Sonora	Trilha 09	Índice;		Alto valor de Paramétrica

**Trilha sonora:** Ao todo, nove trilhas diferentes são usadas neste piloto, e todas possuem um alto valor de paramétrica, sendo que oito foram identificadas na trilha sonora oficial do podcast e uma não. Todas as faixas foram indicadas no **Quadro 07**. Esta diferença está presente na **trilha 02**, na qual é utilizada em dois momentos da narrativa, nos minutos 09'20''/10'29'' e 38'45''. Em ambos os momentos, a trilha é utilizada como “tema” para alguma ação que envolve o crime contra Evandro, e ambas causam articulações na história. Portanto, ela exerce Função Cardial (núcleo) e Índice com alto valor de paramétrica.

A trilha 02 é utilizada para indicar que Evandro não voltou para escola e encontrou a sua mãe, articulando na narrativa o seu desaparecimento e, mais adiante, para indicar que o corpo de Evandro foi encontrado em um matagal. Nesses dois momentos, a trilha cria essa

tensão que surge na estrutura da narrativa e passa ao nível sonoro, evidenciado o objetivo da arquitetura sonora. Neste caso, cria a tensão, apreensão e tristeza por meio da trilha lenta, porém, marcada por um piano agudo. Neste momento, o projeto acústico é completo, pois indica um cenário sem esperança.

Para a não identificação da trilha na tracklist, acreditamos que existam duas possíveis explicações. Primeiro, se tratava de uma trilha ainda em construção; não finalizada. O seu resultado no álbum é diferente do inicial proposto. Justificativa plausível, já que o podcast ficou em produção por mais três anos e alterações podem ter sido feitas. Segundo, se tratava de uma trilha de banco de dados. Mas tudo se trata de hipóteses.

A **trilha 01**, praticamente, sempre irá cumprir a função de Índice, pois ela é o tema da temporada, é ela quem dá uma identidade ao podcast. Portanto, sempre que houver algo relacionado à temporada por completo, a trilha 01 será iniciada. Geralmente, ela é acionada no início, como introdução, e no final, como fundo para encerramentos e créditos. Mas é possível que ela seja acionada em outros momentos.

Já a **trilha 03** (17'20''/ 17'36'') não inicia um núcleo, mas aprofunda e expande a função cardial exercida em um momento anterior. No Depoimento de Rogério Pencai, Delegado do Grupo TIGRE (17'16''/ 17'38''), a unidade “Depoimentos” articula um novo núcleo ao mencionar, pela primeira vez, que Beatriz e Celina Abagge são as assassinas de Evandro. Após este momento, a trilha entra e cria a atmosfera que será acionada em momentos de referência ao ritual de magia negra. Tanto que a trilha volta a aparecer no minuto 33'27'/ 36'09'', momento em que a narrativa descreve a busca de Davina Ramos, tia de Evandro, com dois pais de santo que estariam incorporados com entidades, pela madrugada, em Guaratuba. O valor paramétrico dessa trilha é muito efetivo, pois cria a atmosfera de mistério, medo e ocultismo. Contudo, nos dois momentos em que a trilha é utilizada, as suas funções são diferentes. No depoimento de Rogério Pencai, a função é de Catálise, Índice e Informante. Na descrição da busca por Evandro durante a madrugada é Cardinal; Catálise e Índice. Neste último, a função também não é Informante, pois a estrutura narrativa junto ao som não consegue sugerir o caráter de não ficção, diferente das articulações feitas no depoimento de Pencai.

Ao longo do primeiro episódio, a **trilha 04** exerce a função de expandir a narrativa sonora a partir da organização da narrativa. A trilha é acionada para criar uma atmosfera de desconfiança em relação às funções cardiais já estabelecidas. É um movimento de retomada do núcleo com novas informações de contexto e atmosfera. Nesses momentos, a narrativa acelera ou diminui em seu tempo, mas não avança ou inaugura novas incertezas. Ela é acionada nos

momentos em que Diógenes age na história direta e indiretamente. Essas articulações são: quando ele reitera a sua acusação feitas a Abagges (29'48''/ 30'12''), quando Mônica Santana, jornalista do caso, não credita nele como fonte confiável (31'11''/ 31'18'') e quando ela descreve o dia em que o corpo de Evandro foi achado (43'01''/ 43'10''). Portanto, a trilha 04 pode transitar entre as funções de Catálise e Índice durante a narrativa sonora deste episódio.

A **trilha 05** (31'24''/ 33'07''; 47'40''/ 48'03'') exerce a função de Índice e Informante. O seu valor de paramétrica é alto e o seu enunciado sonoro é muito explícito. Essa trilha tem como objetivo criar uma atmosfera de curiosidade e investigação; quase como um momento “Você sabia?” dentro do próprio episódio. Em relação à estrutura narrativa, a trilha não avança a história, porém a expande. Tanto que o nome indicado na tracklist do álbum é “Um Caminho”, quase como uma referência ao próprio enunciado. A trilha é usada em dois momentos distintos e cumpre a mesma função, criar a atmosfera (Índice) e não deixar dúvidas em relação à ficção (Informante).

A **trilha 06** cumpre a sua função em conjunto com o depoimento de Leila Bertonilli, delegada do Grupo TIGRE, e a entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso. Iremos explicar mais adiante o porquê desses dois operadores, Depoimentos e Entrevistas, possuírem a função de Catálise. Aqui, a trilha 06 exerce a sua função de Índice (44'20''/46'16''). Cria a atmosfera para que os depoimentos e entrevistas sejam validados como uma verdade a partir de fatos. Mais uma vez, o valor paramétrico é alto.

Após articulações na estrutura narrativa, a **trilha 07** marca o avanço da história e consolida o clímax do episódio. Queremos ressaltar que ao longo do episódio, existem diversos pontos de tensão, porém, é aqui que o maior se concretiza. Desde o início, pressupomos que o corpo de Evandro será achado em algum momento. Este clímax, o ouvinte já pressupõe. Porém, a censura à divulgação do caso e a tentativa de inibir protestos por parte da família do prefeito de Guaratuba, mais a trilha, faz com que o clímax de incerteza seja criado no podcast. Portanto, a trilha 07, além de consolidar o clímax, também avança a narrativa.

A **faixa 08** é utilizada na organização narrativa como um auxiliador para uma confirmação de teoria. Como se houvesse a expansão de um determinado assunto. Ela não encerra ou avança; apenas se estende. Na medida em que Mônica Santana fala de sua apuração, a trilha aumenta e potencializa a paramétrica, proporcionando assim um caráter de descoberta e confirmação. A sua função é de Índice.

A **trilha 09** é a última usada neste episódio, e assim como a faixa anterior, serve como Índice. Ela apenas cria a atmosfera para o encerramento deste episódio. Neste momento, ela apenas cumpre essa função.

A título de curiosidade, assim como indicamos na trilha 05, a trilha 07 possui uma relação entre o seu nome na tracklist e o seu enunciado sonoro. Na narrativa contada, dá-se a entender que a família Abagge sabe mais do que parece, sendo que o nome da faixa no álbum é “Eles controlam tudo”. A faixa 08 também apresenta tal relação, já que é utilizada em um momento de confirmação de teoria e o seu nome é “Algumas peças se encaixam”. À medida que avançamos com a análise, iremos observar se é apenas uma coincidência ou se trata-se de um padrão, uma assinatura entre a organização narrativa e a estrutura sonora.

**Depoimentos, Entrevistas e Arquivos:** Diferente da descrição por trilha, aqui, nós iremos indicar como os três operadores são articulados em blocos para contar um contexto dentro da história, e acabam se inserindo também na organização sonora.

Nos primeiros cinco minutos do episódio piloto, a estrutura narrativa procura explicitar a atmosfera de medo em que o país vivia por causa do rapto de crianças. Neste momento, a estrutura narrativa sonora exerce a sua função, se valida como um projeto acústico, e desloca o sujeito para aquele tempo. A estrutura sonora utiliza sons de arquivos e matérias de rádio e televisão da época para possibilitar esse deslocamento temporal. Primeiro, uma matéria do Grupo TIGRE (03’23’’/ 04’07’’) é utilizada para contextualizar as operações policiais de resgate de crianças e, posteriormente, a fala de Arlete Tiburtius (04’27’’/ 04’52’’), mãe de um garoto desaparecido nessa época, entram como um recurso sonoro para validar o caráter de veracidade daquelas informações. A primeira matéria possui as funções de Índice e Informante. Já o arquivo com a fala da mãe possui as quatro funções: Cardinal, Catálise, Índice e Informante, pois o arquivo inicia o núcleo Crianças Desaparecidas no Paraná, inclui informações completas daquele contexto, cria uma atmosfera de época (passado) e de sofrimento (emocional), e transmite a realidade.

Em seguida, a organização sonora aciona o vídeo de apresentação de Guaratuba com falas do prefeito, Aldo Abagge, e da primeira-dama, Celina Abagge, mais a música *Fading Like a flower (Every Time You Leave)* da banda Roxette, para criar a atmosfera dos anos 1990, esse lugar no passado. O bloco inteiro possui cinco acionamentos diferentes de arquivos e está entre os minutos 05’25’’ e 08’14’’. Este bloco inteiro possui a função de Índice e Informante.

Adiante, a estrutura narrativa e sonora articula os depoimentos de Aداuto Abreu e Rogério Pencai, ambos policiais do Grupo TIGRE, e a entrevista com Mônica Santana, jornalista que cobriu o caso, para narrar a chegada dos policiais e da imprensa em Guaratuba e os motivos para isso. Este bloco de correlação entre esses dois operadores (10'29'' a 16'30'') praticamente exerce a função de expandir a história por meio de Catálise, Índice e Informante. O núcleo aqui foi apresentado na trilha 02, e envolve o desaparecimento de Evandro. Porém, no último depoimento correlacionado a esse bloco, a função muda e o depoimento de Rogério Pencai se transformam em um núcleo, uma articulação na história (17'16''/ 17'38'').

O bloco seguinte de depoimentos praticamente segue a mesma estrutura do anterior. Nele são articulados os depoimentos de Diógenes Caetano, tio de Evandro, Leila Bertolini e Aداuto Abreu, delegados do Grupo TIGRE e de Rogério Pencai, policial do mesmo grupo. Neste agrupamento, os depoimentos (17'43'' a 29'48'') são utilizados como expansão da narrativa como Catálise, Índice e Informante.

Assim como foi indicado na trilha 03, durante o seu segundo acionamento, neste momento, a narrativa e a organização sonora se articulam e os depoimentos de Diógenes e Rogério ganham potência junto à trilha sonora. Os depoimentos são catálises que completam o núcleo já criado – a busca de Davina por Evandro com dois pais de santo durante a madrugada (33'27'' / 36'09''), que por sua vez, nos direciona para o evento seguinte. Neste momento, o depoimento de Rogério Pencai (38'29'' / 38' 45'') é acionado e a sua articulação deixa de ser expansão, para ser uma articulação na narrativa (função cardial). O depoimento confirma o aparecimento de um corpo.

Entre os minutos 38'55'' e 46'50'', todos os acionamentos ali são Catálise, Índice e Informante. Neste momento do podcast, são apresentadas as condições em que o corpo foi encontrado e os pertences que estavam próximos ao local. São expansões do mesmo fato por diferentes vozes e olhares. São utilizados os depoimentos de Diógenes Caetano (32'55''), Leila Bertolini (39'55''/ 40'11''), entrevista com Mônica Santana (41'21'' / 42'57''), uma matéria Antiga de TV – “O corpo de Evandro é encontrado” (40'14''/ 41'21'') e duas trilhas sonoras, 04 e 06. Especialmente nas trilhas e no arquivo, o valor de paramétrica é alto.

O bloco seguinte, entre os minutos 47'40'' e 49'37'', os enunciados sonoros exercem a função de Catálise e Índice. Em seguida, a trilha 07 exerce três funções, Cardial, Catálise e Índice, e consolida o clímax do episódio junto à função de expansão narrativa presente na fala de Mônica Santana (53'16''). Em seguida, os depoimentos da Leila e do Aداuto também são usados como extensão do núcleo articulado na trilha 07.

Por fim, antes da **trilha 09**, indicada como a faixa que encerra esse episódio, temos a utilização de mais um arquivo como articulação da narrativa e estabelecimento de atmosfera. Na estrutura da narrativa, a matéria antiga – “População de Guaratuba ataca as Abagges” (55’23’’ / 57’39’’), é utilizada como gancho para o próximo episódio. Na organização sonora, o enunciado sonoro é marcante e violento. É possível perceber a tensão crescer na medida em que o som dessas matérias se intensifica. Portanto, não só se configura como um gancho narrativo, mas também como um gancho sonoro.

### 3.1.2. *Episódio 08 – O Fórum*

O “Episódio 08: O Fórum” expõem algumas incoerências nas versões da acusação e defesa referente ao dia das prisões da Celina e Beatriz Abagge. Em comparação ao primeiro episódio analisado, este utiliza mais as trilhas sonoras para criar atmosferas. A utilização de depoimentos e arquivos é bastante pontual, e não há tantas articulações entre esses operadores para agir como justificativas ou confirmações de teorias. Em nossa análise, percebemos que este episódio possui uma estrutura narrativa mais linear, sem muitas articulações na micronarrativa, na qual coordena mais funções de Catálise, Índice e Informante para expandir a história.

Ao final deste episódio, a partir do minuto 91’31’’, Ivan Mizanzuk faz um adendo explicando um caso específico envolvendo o Capitão do Grupo Águia, Valdir Copetti Neves. Nós não o incluímos na nossa ficha e nem na nossa análise por entender que este caso não impacta diretamente na história contada. Tanto que no episódio seguinte, o de número 09, Mizanzuk pede desculpas aos ouvintes por não explicar tão bem a função do adendo no episódio 08. Por esses motivos, nós não o analisamos.

<b>Episódio 08: O Fórum [S04E08] – Duração: 112’52’’</b>						
<b>Minutagem</b>		<b>Unidade de Análise</b>	<b>Identificação Unidade de Análise</b>	<b>Classificação Funcional</b>	<b>Efeito na narrativa sonora</b>	<b>Observações</b>
<b>Início</b>	<b>Fim</b>					
03’06’’	04’16’’	Trilha Sonora	Trilha 10	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
04’30’’	05’18’’	Trilha Sonora	Trilha 08	Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica

05'18''	06'02''	Arquivo	Matérias Antigas de TV – Caderno do Pai de Santo e a sua agenda de atendimentos	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: Veicula o Pai de Santo com as Abagges a partir da agenda de atendimentos; Alto valor de Paramétrica
06'34''	07'27''	Trilha Sonora	Trilha 04	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
07'53''	08'55''	Trilha Sonora	Trilha 11	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica; Pais de Santos buscam por Evandro em Madrugada;
09'34''	09'37''	Trilha Sonora	Trilha 11	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica; Narração “Dossiê Magia Negra”.
09'48''	11'45''	Trilha Sonora	Trilha 03	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
12'57''	15'45''	Trilha Sonora	Trilha 07	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
16'14''	17'35''	Trilha Sonora	Trilha 08	Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
19'02''	19'27''	Provas	Vídeo VHS	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
21'01''	21'35	Depoimentos	Depoimento do promotor de justiça, Paulo Markowicz	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
21'52''	22'31''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
22'32''	22'55''	Trilha Sonora	Trilha 12	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
22'56''	23'55''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Índice; Informante;	Expansão	-

24'29''	30'08''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Índice; Informante;	Expansão	-
25'38''	26'33''	Trilha Sonora	Trilha 11	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
30'41''	31'21''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Expansão	Construção de Tensão; Oitiva Informal pelo Ministério Público;
30'58''	32'22''	Trilha Sonora	Trilha 04	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
33'12	35'05''	Trilha Sonora	Trilha 07	Cardinal; Catálise; Índice;	Instauração da incerteza e expansão	Articula a narrativa: Estabelecimento do clímax; O momento que a fita cassete foi gravada?
34'18''	34'32''	Provas	Vídeo VHS	Catálise; Índice; Informante	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
35'05''	39'33''	Depoimentos	Depoimento do capitão do Grupo ÁGUA, Valdir Copetti Neves	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
37'59''	40'06	Trilha Sonora	Trilha11	Índice	Expansão	-
40'57''	44'44''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
44'55''	45'45''	Arquivos	Matérias Antigas de TV – Aglomeração em frente ao Fórum	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Catálise	Articula a narrativa;
45'37''	46'11''	Trilha Sonora	Trilha 13	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica; Articulação na narrativa; Criação de tensão;
45'55''	47'07''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-



46'46''	46'56''	Provas	Vídeo VHS	Catálise; Índice; Informante	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
47'07''	47'42''	Trilha Sonora	Trilha 14	Índice;	Extensão	Alto Valor de Paramétrica;
47'42''	48'01''	Arquivos	Vídeo Institucional – Silvio Bonone	Catálise; Índice; Informante	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
49'26''	51'05''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
51'38''	53'04''	Trilha Sonora	Trilha 15	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
53'43''	57'17''	Entrevistas	Entrevista com o promotor de justiça, Paulo Markowicz	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	-
54'43''	55'30''	Provas	Vídeo VHS	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
57'16''	60'00	Trilha Sonora	Trilha 04	Catálise; Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
57'44''	58'09''	Arquivos	Matérias Antigas de TV – Aglomeração em frente ao Fórum de Guaratuba	Cardinal; Catálise; Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
60'17''	76'47''	Arquivos	Matérias Antigas de TV – Programa o “Grito da Cidade”	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
76'11''	77'13''	Trilha Sonora	Trilha 11	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
77'38''	82'41''	Trilha Sonora	Trilha 08	Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica
83'08	85'01''	Trilha Sonora	Trilha 07	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
85'01''	85'55''	Depoimentos	Depoimento do promotor, Carlos Roberto Dal'Col	Catálise; Índice; Informante;	Expansão	-
86'11''	88'22''	Trilha Sonora	Trilha 14	Índice;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;
90'46''	91'31''	Provas	Fita Cassete	Cardinal; Catalises; Índice; Informante;	Instauração da incerteza e expansão	Alto Valor de Paramétrica; Articulação na narrativa;

						Criação de tensão;
90'46''	91'45''	Trilha Sonora	Trilha 11	Catalises; Índice; Informante;	Expansão	Alto Valor de Paramétrica;

**Trilha Sonora:** Neste episódio, são 11 faixas utilizadas. Algumas já foram apresentadas no primeiro episódio e outras não. Lembramos que as trilhas estão indicadas no Quadro 07. As trilhas 11 e 13 não foram identificadas no álbum.

A **trilha 10** (03'06'' / 04'16'') é identificada como “Olhando para o sol”, faixa de número 15 na trilha sonora oficial. Ela possui uma função de Índice, na qual cria uma atmosfera para acompanhar a narração de Ivan Mizanuk. Conforme explicamos, todos os enunciados sonoros possuem um valor paramétrico. Neste caso, a sua inferência na narrativa sonora é alta. O seu ritmo lento, tenso, que utiliza violinos e instrumento de corda, cria um sentimento de apreensão entre o contraste dos graves e das repetidas notas em tom crescente.

Assim como foi utilizada no episódio 01, a **trilha 08** é acionada em dois momentos para uma retomada de teoria ou a confirmação dela (04'30''/ 05'18'' e 16'14''/ 17'35''). Ela exerce essa função de Índice, por trazer essa atmosfera de extensão da narrativa, e a de informante, por reafirmar na narrativa o caráter verídico junto às informações narradas. Nos dois momentos, a trilha é utilizada para reiterar a ordem de ocorrência dos fatos que envolvem a participação do Grupo ÁGUIA no caso.

A **trilha 04**, indicada como a faixa “O que você lembra?”, expande a história até então apresentada, tanto na organização narrativa quanto na estrutura narrativa sonora. Acreditamos que ela será usada ao longo do episódio como um artifício que irá estender a atmosfera que foi inaugurada na narrativa pelo operador anterior a ela. Em sua primeira aparição, a trilha expande a articulação na narrativa feita pelo operador “Arquivos – Matérias Antigas de TV – Caderno do Pai de Santo” e a sua agenda de atendimentos, nos minutos 06'34''/ 07'27''. Na segunda vez, é acionada após o depoimento de Carlos Dal'Col (25'38''/ 26'33''), promotor de justiça envolvido, ao ser utilizada como uma articulação para o avanço na narrativa. Já no terceiro momento, a trilha é utilizada após o depoimento de Paulo Markowicz (53'43'' / 57'17''), outro promotor de justiça do caso. Ou seja, em todos os três momentos, a trilha age como Catalise e Índice para potencializar o valor paramétrico e narrativo sonoro das incertezas apresentadas anteriormente. É a organização da história articulando as incertezas na narrativa para que, assim, o sonoro potencialize emoções e sensações logo em seguida. A paramétrica aqui é

manifestada pela trilha lenta com notas agudas, na qual utiliza o toque espaçado das teclas do piano para criar uma atmosfera de dúvida.

A **trilha 11** é utilizada em três momentos diferentes no episódio, porém, permeia quase que a mesma temática, o “Dossiê Operação Magia Negra”. Na história, o dossiê é introduzido como um dos documentos feitos pelo grupo policial que, inicialmente, não estava no caso, o Grupo ÁGUIA. A trilha, que possui longos espaçamentos de notas graves computadorizadas e de ritmo lento, aparece para contextualizar a busca por Evandro durante a madrugada do dia 07 de abril (07’53’’/ 08’55’’), na apresentação do “Dossiê Operação Magia Negra” (09’34’’ / 09’37’’) e no depoimento de Carlos Roberto Dal’Col (40’57’’ / 44’44’’), um dos promotores de justiça envolvido. Neste último, Dal’Col relata a estranheza da logística que envolveu as Abagges no Fórum de Guaratuba. Todas essas informações são contempladas pelo dossiê em questão. Em dois momentos, a trilha é utilizada como Índice da narrativa, e em outro, o da apresentação do documento, a trilha exerce a função de Catálise e Índice, pois acelera a história.

A função Cardinal, Catálise e Índice são as funções da **trilha 07** neste episódio, porém, são manifestadas em momentos diferentes. Essa faixa é acionada para remeter à presença de Celina e Beatriz Abage, além dos cinco acusados no caso. O valor perimétrico aqui é manifestado pela trilha crescente e tensa, na qual utiliza de efeitos sonoros e sintetizadores para criar uma tensão eminente. Ela aparece nos minutos 12’57’’/ 15’45’’ e 33’12’’ / 35’05’’. Em sua primeira aparição, a trilha constrói a atmosfera de envolvimento dos acusados. Já no segundo momento, ela articula na narrativa sonora uma instauração de incerteza a partir da organização da história. Ivan Mizanzuk questiona o real momento em que as fitas cassete com as suas confissões foram gravadas. A trilha aumenta, ganha espaço acústico, se mantém e a atmosfera de tensão toma conta. Aqui, temos o estabelecimento do clímax do episódio, ou a articulação para o avanço da história.

A **trilha 12**, “Ruínas”, como é indicada no álbum oficial, é uma trilha de transição entre enunciados sonoros. Acreditamos que sirva para indicar inconsistências na história estabelecidas entre os depoimentos. Ela não instaura ou articula incertezas na narrativa ou na narrativa sonora, apenas cria atmosfera de incerteza no ouvinte. A guitarra tocada de maneira lenta em contraste com outros sinos presentes na trilha ajuda nisso.

A **trilha 13** não foi possível de ser identificada, porém, ela possui uma função bastante importante em relação à estrutura narrativa. Mais adiante, iremos falar da função cardinal que o operador “Arquivos – Matérias Antigas de TV – Aglomeração em frente ao Fórum” (44’55’’/ 45’45’’) cumpre na organização. A trilha 13 é acionada logo depois disso (45’37’’/ 46’11’’),

servindo de Catálise e Índice para a articulação narrativa iniciada logo antes. A trilha possui um alto valor paramétrico, pois ela ordena sinos ritmados e um teclado impaciente em uma faixa de compasso acelerado. A faixa foi criada para produzir uma tensão aflita, algo bem diferente do medo ou do terror. Enquanto a faixa toca, Carlos Roberto Dal'Col' (45'55''/ 47'07''), promotor do caso, descreve as dificuldades de retirar Beatriz e Celina Abagge do Fórum de Guaratuba em meio ao clima tenso de linchamento.

A **trilha 14**, “Reflexos”, na tracklist, é acionada duas vezes. Tanto na primeira aparição (47'07''/ 47'42'') quanto na segunda (86'11'' / 88'22''), a trilha exerce a função de Índice. “Reflexos” é uma faixa triste, que coordena um piano grave em um ritmo lento. O seu acionamento ocorre em momentos de transição e silêncio no episódio.

Por fim, a **trilha 15** faz a sua estreia no episódio e possui a função de Catálise e Índice na narrativa sonora. Ela é referenciada como “Peças que não se encaixam” no álbum oficial e serve também para criar atmosfera. O violino presente na faixa, com toques graves, faz com que o ouvinte fique desconfiado. Não é uma trilha tensa, muito menos aterrorizante, pois trata-se de uma faixa calma. A trilha 15 é acionada logo após a narração de Ivan Mizanzuk afirmar que, diferente das provas apresentadas em seus julgamentos, os sete acusados declaram que não mataram Evandro.

**Depoimentos, Entrevistas, Arquivos e Provas:** Conforme já apontamos no início desta análise, este episódio articulou menos os depoimentos, entrevistas, arquivos e provas como construção de justificativa e teorias. Porém, todas as articulações na narrativa são gerenciadas por algum desses operadores que, posteriormente, são acompanhadas por alguma trilha.

No início do episódio, o arquivo “A Matérias Antigas de TV – Caderno do Pai de Santo e a sua agenda de atendimentos” (05'18''/ 06'02''), presente entre as trilhas 08 (04'30''/ 05'18'') e 04 (06'34''/ 07'27''), apresenta ao ouvinte alguns fatos que vinculam os sete acusados ao assassinato do menino Evandro. Neste momento, o arquivo articula a primeira incerteza na organização narrativa e estabelece o fio condutor desses primeiros minutos.

Ao longo do episódio, os depoimentos dos promotores de justiça, Paulo Markowicz e Roberto Dal'Col, são coordenados para apontar contradições entre os acontecimentos que cercam o Fórum. Este é um movimento semelhante ao Episódio 01.

### 3.2. *A análise por operador*

#### 3.2.1. *Trilha Sonora*

A trilha sonora exerce um papel fundamental neste podcast. É ela que potencializa a paramétrica em seu nível máximo em momentos de articulação e expansão narrativa. Em nossa análise, descobrimos que algumas trilhas funcionam como identidade de algum segmento, tema, personagem ou evento. Outras são acionadas em momentos de expansão. Essa percepção não é regra, porém, é possível notar alguns padrões de uso e de função.

Conforme explicamos, nós ordenamos as trilhas por ordem de aparição na primeira aplicação. Nesta, iremos descrever como essas trilhas se comportaram ao longo dos 10 episódios.

As trilhas sonoras no podcast funcionam na maioria das vezes como Catálises e Índices de algum núcleo articulado por outro operador. Existem exceções, porém, são poucas. As faixas são utilizadas para criar atmosferas que potencializam emoções que já foram instauradas na narrativa anteriormente. Um exemplo dessa coordenação sonora é a utilização da faixa “Ritual” ou “Medo” em momentos posteriores ao acionamento da fita cassete – o nosso operador “Provas”; ou em eventos que nos remete à tortura dos acusados – acionada por “Depoimentos”. Sozinhas, essas trilhas podem transmitir o sentido proposto, porém, a efetivação do enunciado sonoro será na coordenação desses operadores em ambas as narrativas, na qual, não deixarão dúvidas de que há uma violência, uma crueldade, uma atmosfera aterrorizante presente naquele segmento. Em relação à teoria do projeto acústico, poderíamos dizer, mesmo que o enunciado sonoro do “Arquivo” desloque o sujeito para o tempo da narrativa, é na potencialização dos sentimentos feito pela trilha que o ouvinte experimentará aquele evento por completo. Portanto, neste caso, as trilhas sonoras servem como estabelecimento de caráter e de sentidos.

Diferente das trilhas mencionadas acima, as faixas “O que você lembra?”, “Um caminho”, “Algumas peças se encaixam” e “Peças que não se encaixam”, funcionam como indicativo de expansão na narrativa, sem necessariamente estarem atreladas a algum outro operador. Ao longo dos episódios, elas são acionadas na organização sonora para iniciar um momento de expansão na estrutura da narrativa. Por exemplo, sempre que o criador, Ivan Mizanzuk, descreve algum processo de apuração, algum fato curioso, uma linha de investigação ou um contexto que esteja relacionado, as trilhas “Um caminho” e a “Algumas peças se encaixam” são utilizadas para reafirmar a complementação narrativa. O mesmo ocorre para as

incoerências que são percebidas na articulação entre depoimentos, provas, entrevistas e arquivos, pois as trilhas “O que você lembra?” e “Peças que não se encaixam” dão esse indicativo. Para uma percepção mais direta, essas faixas seriam como a introdução para algum tipo de micronarrativa, como a introdução de algum programa de televisão ou rádio. O sujeito ouve, percebe a coordenação e antecede que ali será um momento de debate, aprendizagem e/ou contextualização.

A partir dessa relação entre as duas estruturas – a organização da história e a estrutura sonora –, percebemos que as faixas também servem como identidade acústica para algum tipo de segmento ou personagem. A trilha “06 de Abril de 1992” sempre será acionada para contextualizar assuntos que envolvem a temporada como um todo. Ela será acionada na introdução dos episódios, em situações de contexto do processo de construção da temporada e ao final de cada programa.

Talvez, a trilha que mais cumpre este papel seja “Eles controlam tudo”. Essa trilha demarca muito quais segmentos serão representados e quais são os personagens envolvidos. A trilha 07, em nossa indicação, caracteriza a presença de Beatriz e Celina Abagge como sujeitos que exercem e sofrem influências internas e externas no caso, seja pela posição política, pelo gênero ou pelo envolvimento religioso. Na narrativa, sempre que as Abagges são colocadas nessa posição de “agenciadoras” da narrativa, a trilha sobe e a identidade é estabelecida.

Portanto, todas as trilhas sonoras exercem na narrativa sonora a função de Índices com alto valor paramétrico. Este estabelecimento de atmosfera e caráter, como expansão da narrativa sonora, é a sua verdadeira natureza. Porém, quando relacionadas a outros operadores, sejam eles os depoimentos, entrevistas, provas e arquivos, essa trilha pode transitar entre outras duas funções, Cardial e Catálise, podendo conter as três classificações. Entendemos que a trilha sonora não funciona como informante por não indicar com precisão qual é o lugar, tempo ou o espaço na narrativa. A trilha sonora sempre será ambígua neste sentido.

### 3.2.2. *Depoimentos e Entrevistas*

Ao longo da história, o criador, Ivan Mizanzuk, coordena diversos depoimentos gravados durante os julgamentos dos acusados para construir linhas narrativas dos acontecimentos e recontar os fatos. Essas falas são os nossos operadores “Depoimentos”.

Todos os depoimentos possuem duas funções inerentes à unidade estabelecida, são elas: a função de Índice e de Informante. Assim como a trilha sonora, os depoimentos também criam

uma atmosfera a partir do Índice e da função paramétrica. Ao ouvir estas falas, o ouvinte é remetido às salas de tribunais, lugar no qual o silêncio impere entre os presentes. Fala quem detém da dúvida e responde quem é concedido com o poder da verdade. Claro, ao longo de sua utilização, é possível ouvir palavras de ordem e algumas manifestações externas fora da ordem, porém, basicamente esta é a atmosfera dos depoimentos.

Essa sensação de deslocamento temporal na narrativa é intensificada pela função informante. Ela não deixa dúvidas do lugar, espaço e tempo que tal enunciado ocupa na narrativa. Essa função procura ser realista em meio à ficção. Ou seja, ao ouvi-las, o sujeito compreende que tal fala existiu em um tempo diferente da narrativa vivida. Não há dúvidas de sua existência, mesmo que este depoimento esteja alocado em algum lugar do passado.

Contudo, os depoimentos, quando coordenados com a estrutura narrativa, podem também exercer a função Cardinal e de Catálise. Nesses casos, a coordenação entre entrevistas, arquivos e provas, faz com que o próximo movimento na narrativa seja mantido por ele. Por exemplo, no episódio 11, uma coordenação entre as falas dos médicos que realizaram os exames de corpo de delito com depoimentos do júri, confirmam a possibilidade de que Celina e Beatriz Abagge poderiam ter sido torturadas sem que deixassem vestígios. Neste momento, a incerteza que já havia sido inaugurada em capítulos anteriores se mantém e a narrativa avança. Nesses momentos também os depoimentos ajudam a expandir os núcleos, acrescentando novas descrições na articulação instaurada.

O operador “Entrevistas” também aciona as mesmas funções nas mesmas condições apresentadas no operador “Depoimentos”. A sua função existe na coordenação entre operadores. Porém, há uma diferença. Se nos depoimentos, a função Informante indica o deslocamento temporal para o passado, nas entrevistas, esse deslocamento é mais sutil. Ela indica para um “passado recente”. É aqui que a narrativa revisita personagens da história, a fim de coordenar versões dos fatos para reiterar, confirmar ou desmentir teorias.

### 3.2.3. *Arquivos*

Os Arquivos são operadores que articulam a narrativa, criam atmosferas, indicam o seu lugar na narrativa e possuem alto valor paramétrico.

Ao longo dos episódios, materiais como arquivos de áudios e vídeos que circularam na imprensa no início dos anos 1990, foram utilizados como recurso para a organização da história e da estrutura narrativa sonora. Em uma descrição mais geral, trata-se de recortes de programas

de TVs, matérias jornalísticas, entradas ao vivo, participação em programas e comentários a respeito do caso. Em sua maioria, toda a cobertura do caso é tomada por um tom sensacionalista, dado a posição das duas principais envolvidas no caso, Celina e Beatriz Abagge, a primeira-dama de Guaratuba e a sua filha. Este caso era um escândalo.

Conforme foi indicado no tópico anterior, a função cardial de um arquivo irá depender da coordenação entre os demais operadores. Porém, em nossa análise, percebemos que este operador articula mais incertezas na narrativa, principalmente nos primeiros episódios, do que as entrevistas e os depoimentos. Quando ela não instaura, ela mantém, até a consequência seguinte. Um exemplo disso é a articulação feita no episódio 11, na qual uma matéria vinculada na época é retomada para manter a articulação narrativa criada no episódio 08. O núcleo é a ação de retirar as Abagges do Fórum em segurança, e a matéria narra a tentativa de linchamento por parte da população contra elas neste momento. Adiante, no mesmo episódio, a consequência dessa retirada é contada.

Os arquivos agregam nas instaurações de incertezas (núcleos) pequenas descrições que transitam entre a Catálise, o Índice e o Informante. Assim como foi descrito em depoimentos, o seu valor paramétrico é alto, e diferente da atmosfera do júri, aqui nós temos a efetivação de uma ambientação muito característica, a do jornalismo da década 1990. A forma de entonar as palavras, o chiado característico de gravações analógicas, a interferência e a pouca profundidade acústica são alguns dos elementos que nos remetem a essa estética. Até então, não sabemos se há algum tratamento para reforçar essa identidade. Acreditamos que não, pois, de acordo com o *podcaster* Ivan Mizanzuk, todas as matérias no programa estão como os originais.

Em termos de Catálise, o arquivo consegue retomar e avançar a narrativa em relação ao núcleo instaurado. Também são ótimos elementos para construção de tensão em ambas as estruturas, a narrativa e a sonora. Já em Índice, a estética e a atmosfera do jornalismo “analógico” são indicadas de uma maneira muito efetiva por conta de seus elementos, tanto que impacta diretamente na função como Índice. Neste ponto, o lugar de inscrição da narrativa se desloca e a noção de lugar e de real é alocada no passado. Nós não temos dúvidas de que estamos em outro momento da história.



#### 3.2.4. *Provas*

As Provas, assim como o próprio nome diz, são utilizadas para confirmar teorias ou solucionar perguntas. Talvez este seja o operador que mais inaugura incertezas na narrativa. As Provas são contempladas por áudios de confissão dos acusados extraídos de uma fita VHS e de uma fita cassete.

Em um primeiro momento, esses operadores inauguram a incerteza na narrativa. Além de exercer a função cardinal na narrativa, as confissões são Catálises. Elas transitam como complementações da própria ação criada. À medida que são articuladas com depoimentos gravados em julgamentos, entrevistas e arquivos, novas inscrições são feitas ao núcleo.

O Índice e o valor paramétrico também estão presentes. Diferente da trilha sonora, que estabelece o seu valor pelo ritmo e pelos instrumentos, aqui é o silêncio que estabelece a atmosfera. Estamos falando de áudios que foram obtidos por meio de torturas. A atmosfera é apreensiva e tensa por toda a sua duração. Os momentos de silêncio não são muito bem silenciosos, pois na ausência de falas, o zumbido, característico das gravações antigas, ganha espaço no ambiente acústico. Falas abafadas, tons imperativos, gemidos e choro também fazem parte da atmosfera.

A função informante ganha outra dimensão com esse operador. O informante não deixa brechas para dúvidas ou interpretações, é um elemento que procura ser realista na ficção. Durante todo o seu acionamento na narrativa sonora, diversos cortes, pausas e interferências são feitas no material em questão. Essas intervenções fazem com que duvidemos de seu conteúdo. Mas o ponto em questão é esse: nós não estamos analisando a mensagem, mas sim a sua função narrativa. Como informante, os áudios não deixam dúvidas de algo está acontecendo. As falas em choro, os gemidos contidos, a alternância de tons entre falas nos indica isso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a quarta temporada do Projeto Humanos, o “Caso Evandro”, com o objetivo de compreender a sua estrutura narrativa sonora, realizando uma proposta de adaptação metodológica, nos possibilitou compreender alguns desafios que cercam esse tipo de pesquisa.

Desde que este objetivo foi definido, nós temos lidado com a complexidade da natureza do objeto. O som é um sistema semiótico complexo, composto por vários subsistemas que agenciam sentidos. Para não esvaziar a sua natureza, deixamos o objeto falar, para que, dessa forma, ele pudesse nos indicar os caminhos necessários para análise. E assim foi feito. Realizamos esforços que nos possibilitaram propor essa adaptação metodológica. E reiteramos, não foi fácil. Faço aqui um paralelo entre abordagens metodológicas com estradas e caminhos. Tivemos que percorrer algumas delas para compreender que aquele não seria o mais adequado. Mas assim como nenhuma jornada é em vão, essas aventuras metodológicas também não foram. Aprendemos com as técnicas e nos apropriamos dos resultados para, assim, coordenarmos as perspectivas para propor a nossa abordagem multimétodo.

Portanto, a **Análise Estrutural da Narrativa Sonora (AENO)** é uma adaptação metodológica multimétodo que se apropria da Análise Estrutural da Narrativa (BARTHES, 1972) e da Análise Descritiva (TRIVIÑOS, 2010), como métodos deste processo, e foram alinhadas teoricamente com os conceitos apresentados nos Capítulos da dissertação. A análise descritiva é acionada no estudo como instrumento para descrever a narrativa sonora no podcast a partir de uma organização narratológica que surge na análise estrutural da narrativa.

Tais metodologias nos permitiram verificar como as funções dos operadores são organizadas e coordenadas junto à narrativa. Além disso, a partir do conceito do projeto acústico e o orquestrador de emoções, pudemos identificar como é essencial buscar o efeito completo nos enunciados sonoros.

A aplicação da análise por episódios e por operadores também nos evidenciou algumas particularidades. A análise por episódio, por meio da ficha metodológica, se mostrou bastante eficiente em sua descrição e visualização. Descrever as relações entre os operadores a partir do quadro também se mostrou um trabalho eficiente. Porém, o volume de dados gerado é grande e detalhado. Para uma pesquisa que demanda arquivos de áudio de longa duração como a nossa, ou estudos com prazo reduzido, está aplicação não deve ser a mais ideal.

A aplicação da análise por operadores pode ser uma das alternativas para essas pesquisas com prazo menores, ou com um objeto muito grande. Essa perspectiva nos permitiu verificar como os operadores se comportam ao longo dos episódios em comparação com eles mesmos, de episódio para episódio. Porém, as relações entre os operadores não ficam tão explícitas como a aplicação das fichas metodológicas. Haveria uma perda da descrição entre as relações coordenadas, ou, até mesmo, uma falta de visualização entre elas.

Sabemos que há muito para aperfeiçoar. Sabemos também que nenhuma abordagem metodológica é única e absoluta. Portanto, continuaremos pesquisando, criando, organizando e propondo estudos que possam ouvir o som da forma como ele merece.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNHEIM, Rudolf. O Diferencial da Cegueira: estar além dos limites dos corpos. In: **Teorias do Rádio**. MEDITSCH, Eduardo (org.). Florianópolis: Insular, 2005.
- AVELAR, Kamilla, PRATA, Nair, MARTINS, Henrique Cordeiro. **Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda**. Trabalho apresentado Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - XXVII Encontro Anual da Compós. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 05 a 08 de junho de 2018.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: 2º Edição. Editora Vozes. 2011.
- BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1972.
- BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 13-32, jan./abr. 2020.
- BORGES, Aline Monteiro Xavier Homssi. **Personagens e universos narrativos em adaptações e narrativas transmídia: análise de A dança dos dragões e produtos derivados, 2017**. (Dissertação de Mestrado). Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.
- BRAGA, José Luiz. Experiência estética e mediatização. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 73-87.
- CUNHA, Magda. O Rádio na nova tecnologia de mídia. in **Estudos Radiofônicos no Brasil: 25 anos do Grupo de Pesquisa de Rádio e Mídia Sonora da Intercom**. LOPEZ, Debora Cristina. KISCHINHEVSKY, Marcelo. ZUCULOTO, Valci. (orgs.). São Paulo: INTERCOM, 2016.
- FRANÇA, Vera. Quéré: dos modelos de comunicação. São Leopoldo: **Revista Fronteiras**, v. V, n.º. 2, 2003. p.37-51.
- GALLEGO PÉREZ, J. I. **Podcasting: distribución de contenidos sonoro y nuevas formas de negocio en la empresa radiofónica española**. 2010. Tese (Doctorado en Periodismo). Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2010.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. **Anais do 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. ECA/USP: São Paulo, novembro de 2017.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura da portabilidade à cultura do acesso – a reordenação do mercado de mídia sonora, Trabalho apresentado na Divisão Temática Ibercom (DTI) 10 – Comunicação Audiovisual, do XIV Congresso Internacional IBERCOM, na Universidade de São Paulo, de 29 de março a 02 de abril de 2015.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. LOPEZ, Debora Cristina. BENZECRY, Lena. Podcasting tensiona categorizações e ganha, enfim, destaque como objeto de estudos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 06 - 12, jan./abr., 2020.
- AVELAR, Kamila. LOPEZ, Debora Cristina. VIANA, Luana. Imersividade como estratégia narrativa em podcasts investigativos: pistas para um radiojornalismo transmídia em *In the Dark*. Trabalho apresentado Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, de 05 a 08 de junho de 2018.

- LOPEZ, Debora Cristina. La radio en narratives immersives: le contenu journalistique et l'audience. in Sebastien Poulain (sous la direction de), « La radio du futur: du téléchromophotophonotétroscope aux postradiomorphoses », **Cahiers d'histoire de la radiodiffusion**, n°132, avril-juin, 2017.
- LUIZ, Lúcio. ASSIS. Pablo de. O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul-RS, 2010.
- MACHADO, Arlindo. **A Televisão levada a sério**. Editora Senac: São Paulo, 2000.
- MARTÍNEZ-COSTA, Maria del Pilar; PRATA, Nair. La radio en busca de su audiencia: hacia una escucha diversificada y multiplataforma. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 40, n. 3, p. 109-128, set-dez 2017.
- MEDEIROS, Marcello Santos de. Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**: Rio de Janeiro, 2005.
- MEDEIROS, Marcello Santos de. Podcasting: Um Antípoda Radiofônico. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**: Brasília, 2006.
- MEDITSCH, Eduardo. Rudolf Arnheim e o potencial expressivo do rádio. In: **Teorias do Rádio**. MEDITSCH, Eduardo (org.). Florianópolis: Insular, 2005.
- MELLO VIANNA, G. V. G. Elementos sonoros da linguagem radiofônica: a sugestão de sentido ao ouvinte-modelo. **Galáxia** (São Paulo, Online), n. 27, p. 227-240, jun. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-25542014115683>>.
- PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: As interações no podcasting. Porto Alegre: Intexto, vol. 2, n°13, p.1-23, 2005.
- PUERTA, Andrés. El periodismo narrativo o una manera de dejar huella de una sociedad en una época. **Anagramas**. Universidad de Medellín, Colombia, vol. 9, n. 18, pp. 47-60, enero-junio de 2011.
- QUÉRÉ, Louis. D'un modèle épistémologique de la communication a um modèle praxeologique. **Réseaux n° 46-47 CNET**, 1991 (versão mimeografada traduzida por: Lúcia Lamournier Sena e Vera Lúcia Westin. p. 1-31.
- SCHAFER, R. Muray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente**: a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SCOLARI, Carlos A., Media Evolution: Emergence, Dominance, Survival, and Extinction in the Media Ecology – Licensed under the Creative Commons Attribution Non-commercial No Derivatives (by-nc-nd). 2013. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1919/936>.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – vol. 1**: Porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Ed. Insular, 2005.
- TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VALVERDE, Monclar. Comunicação e experiência estética. In: LEAL, Bruno Souza; GUIMARÃES, César; MENDONÇA, Carlos (orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 57-71.
- VICENTE, Eduardo. DO RÁDIO AO PODCAST: as novas práticas de produção e consumo de áudio. **XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 05 a 08 de junho de 2018. Disponível em:

[http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2018/trabalhos\\_arquivo\\_5U524AASCK6777ZKAFXV\\_27\\_6695\\_25\\_02\\_2018\\_16\\_09\\_06.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_5U524AASCK6777ZKAFXV_27_6695_25_02_2018_16_09_06.pdf).